



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Centro de Ciências Exatas e Tecnologia
Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências
Mestrado em Ensino de Ciências



PATRÍCIA LIMA ORTELHADO

**EDUCADORES AMBIENTAIS SEM FRONTEIRAS: IDENTIDADE E
PERTENCIMENTO NA BIORREGIÃO TRANSFRONTEIRIÇA DO RIO
APA**

CAMPO GRANDE - MS
Março de 2014



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Centro de Ciências Exatas e Tecnologia
Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências
Mestrado em Ensino de Ciências



PATRÍCIA LIMA ORTELHADO

**EDUCADORES AMBIENTAIS SEM FRONTEIRAS: IDENTIDADE E
PERTENCIMENTO NA BIORREGIÃO TRANSFRONTEIRIÇA DO RIO
APA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências – Mestrado Profissional, linha de pesquisa em Educação Ambiental, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências, sob a orientação da Professora Doutora Icléia Albuquerque de Vargas.

CAMPO GRANDE - MS
Março de 2014

BANCA EXAMINADORA

Educadores Ambientais Sem Fronteiras: Identidade e Pertencimento na Biorregião
Transfronteiriça do Rio Apa
Patrícia Lima Ortelhado

Presidente

Icléia Albuquerque de Vargas

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Membros

Alexandre de Gusmão Pedrini

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Synara Aparecida Olendzki Broch

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Angela Maria Zanon

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Campo Grande – MS, Março de 2014



Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
CPG - Coordenadoria de Pós-Graduação
SIGPOS - Sistema de Gestão de Pós-Graduação



Ata de Defesa de Dissertação
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências
Mestrado

Aos onze dias do mês de março do ano de dois mil e catorze, às oito horas, no Auditório da Unidade VII, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos Professores: Icleia Albuquerque de Vargas (UFMS), Synara Aparecida Olendzki Broch, Alexandre de Gusmão Pedrini (UERJ) para julgar o trabalho da aluna: **PATRÍCIA LIMA ORTELHADO**, CPF 97211230134, Área de concentração em Educação Ambiental, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Curso de Mestrado, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, apresentado sob o título "Educadores Ambientais Sem Fronteiras: Identidade e Pertencimento na Biorregião Transfronteiriçada Rio Apa". A presidente da Banca Examinadora, Icleia Albuquerque de Vargas, declarou abertos os trabalhos e agradeceu a presença de todos os Membros. A seguir, concedeu a palavra à aluna que expôs sua Dissertação. Terminada a exposição, os senhores membros da Banca Examinadora iniciaram as arguições. Terminadas as arguições, a presidente da Banca Examinadora fez suas considerações como orientadora. A seguir, a Banca Examinadora reuniu-se para avaliação, e após, emitiu Parecer expresso conforme segue:

EXAMINADOR

ASSINATURA

AVALIAÇÃO

Profª. Dra. Icleia Albuquerque de Vargas

Aprovada

Profª. Dra. Synara Aparecida Olendzki Broch

Aprovada

Prof. Dr. Alexandre de Gusmão Pedrini

Aprovada

Profª. Dra. Angela Maria Zanon (Suplente)

Aprovada

RESULTADO FINAL:

Aprovação

Aprovação com revisão

Reprovação

OBSERVAÇÕES:

A banca recomenda inserção de suas sugestões e publicação na forma de artigos científicos.

Nada mais havendo a ser tratado, a Presidente declarou a sessão encerrada e agradeceu a todos pela presença.

Assinaturas:

Orientadora

Aluna

*Eu gostaria de dizer alguma coisa sobre o meu
começo - no qual ainda estou, porque estou
sempre no começo [...] Se não temos qualquer tipo
de sonho, estou certo de que será impossível criar
qualquer coisa.*

(Paulo Freire, 2003)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao Deus que habita em mim! Benigno, justo e fiel.

À minha família: pai, irmã/os, cunhadas/os e meus sobrinhos/as, a quem tanto amo. Em especial a minha família de Campo Grande, Suíte, Elza, Bárbara e João Victor pela recepção semanal, para que este sonho virasse realidade.

A Sebastião Geraldo Pinheiro, pela compreensão, amor e companheirismo nas lutas que abraço diariamente, por me aceitar e me amar do jeito que sou. E por acabar se envolvendo, mesmo que devagarzinho, nas lutas socioambientais fronteiriças.

Aos meus amigos com os quais escolhi dividir meus momentos de alegrias e tristezas. E em especial, a Áurea Garcia, que em um belo entardecer quando nos conhecemos renovou minhas esperanças, mostrando que eu podia e tinha muito a conquistar neste meu território fronteiriço. Descortinou o meu olhar! Minha casa é a sua amiga! A fronteira lhe pertence, e o meu coração também... Obrigada pelas contribuições nesta jornada, e na do GEASF!

Aos professores do Programa de Mestrado em Ensino de Ciências, que mostraram o caminho para a busca do voo perfeito. Em especial, a minha orientadora, Icléia Albuquerque de Vargas, que além de sua sabedoria, com o seu jeito meigo e paciente me conduziu na construção deste percurso. E as professoras Ângela Maria Zanon (UFMS), Synara Aparecida Olendzki Broch (UFMS) e ao professor Alexandre Gusmão Pedrini (UERJ), por aceitarem o

convite para participar como banca examinadora e por contribuírem imensamente com o resultado final desta pesquisa.

A direção das escolas brasileiras e paraguaias, aos coordenadores gerais do GEASF por aceitarem a realização deste trabalho.

E a Prefeitura Municipal de Bela Vista, enquanto funcionária estatutária me liberou para continuar a minha formação. Em especial a minha Equipe da Secretaria Municipal de Assistência Social, com quem construo diariamente possibilidades de edificar caminhos mais justos e solidários. Estou preparada para retribuir com trabalho qualificado à nossa amada terra.

Aos amigos e colegas de mestrado, turma 2011, especialmente a Ana, Airton e Laura, confidentes e parceiros na construção desta jornada em busca do conhecimento. Ana, você foi meu anjo, sempre serei grata pela sua bondade, ensinamentos, pelo olhar doce e pelas confidências trocadas.

Aos meus amigos/as brasiguaios/as, paraguaios/as, pelo desejo compartilhado de unir as duas fronteiras; em especial a Máxima da Rosa Riquelme, Maria Laudelina Cáceres e Célia Cristina Azuaga, mulheres especiais, verdadeiras lideranças. Agradeço-as pelo olhar, pelas portas abertas de suas casas, escolas, e, pela afetividade. A contribuição de vocês foram única neste trabalho.

A vocês, o meu, muito Obrigada!

DEDICATÓRIA

Aos Educadores Ambientais Sem fronteiras que desbravam todos os dias uma nova forma de olhar e sentir a nossa biorregião fronteiriça, pessoas com as quais conheci o verdadeiro ato de nos educarmos em comunhão.

À minha mãe, Florentina Lima Ortelhado (in memoriam), por ter sido exemplo de humildade, amor, caridade e paciência. Em pouco tempo em que vivemos juntas, tudo foi intenso.

A Mupan, por ser um espaço democrático de fazer e vivenciar Educação Ambiental, água e as questões de gênero. E por ser a madrinha do GEASF.

A todos os educadores/as da minha vida, aos que exerceram/exercem a vocação dessa profissão, “que nasce de um grande amor, de uma grande esperança”.

À comunidade da Escola Municipal Prefeito Clóvis Marcelino de Oliveira dos anos de 2004 a 2011, com os quais compartilhei os mais belos anos de minha vocação, até hoje, enquanto educadora.

ORTELHADO, Patrícia Lima. Educadores Ambientais Sem Fronteiras: Identidade e Pertencimento na Biorregião Transfronteiriça do Rio Apa. 2014. 179f. (Mestrado em Ensino de Ciências) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande – MS, 2014.

RESUMO

Na biorregião fronteiriça da bacia do rio Apa vivem dois povos. Separando geograficamente brasileiros e paraguaios está o principal rio desta bacia, o Apa. Um coletivo de educadores, o Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras (GEASF) desbrava por este território em busca de novos olhares para as questões socioambientais, objetivando atuar com atividades contextualizadas sobre a Bacia Hidrográfica do Apa e contribuir para a gestão compartilhada e sustentável de suas águas. O rio Apa para esse coletivo não representa a separação geográfica ou o limite, mas o símbolo de uma união para a conquista de uma sociedade sustentável. Este trabalho buscou retratar o percurso do GEASF em sua biorregião, apontando a identidade e a relação de pertencimento desse coletivo com o lugar. Os sujeitos da pesquisa são os educadores brasileiros e paraguaios que atuaram na Proposta Pedagógica “Rio Apa: unindo dois povos,” submetida pelo GEASF em 2010, e desenvolvida em escolas brasileiras e paraguaias. A investigação foi realizada nas cidades-gêmeas de Bela Vista/BR e *Bella Vista*/PY e as questões orientadoras do estudo vincularam-se a: 1) a biorregião fronteiriça; 2) identidade e pertencimento do GEASF e o envolvimento com o tema gerador: água; 3) ação da autora, enquanto membro do grupo, na rearticulação do GEASF através de um plano elaborado para e com o grupo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa-ação, com a utilização dos seguintes instrumentos metodológicos: análise documental, questionário, observação, diário de bordo e participação direta. Para a análise dos dados apoia-se nos círculos hermenêuticos da fenomenologia: compreensão, interpretação e nova compreensão. A intervenção proposta contribui para a identificação de novos protagonistas e redefinição de planos e metas para o grupo. Dos resultados mais relevantes, nota-se que o GEASF teve um percurso direcionado para o ensino formal nos seus primeiros anos, depois suas ações conseguiram transpor os muros das escolas, criando oportunidades em espaços não formais. Com a gênese do GEASF foi possível vivenciar o processo de discussões coletivas, planejamentos e crescimentos mútuos, desencadeando a necessidade de organização e continuidade pelos caminhos de uma Educação Ambiental contextualizada, refletida em um Plano de Ação anual. O GEASF, hoje, tornou-se um coletivo educador reconhecido na biorregião de atuação, proporcionando a conquista de novos espaços e constituindo verdadeiros círculos de cultura, nos quais, brasileiros e paraguaios, usufruem de férteis oportunidades para dialogar e agir diante das questões socioambientais.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Coletivo Educador, Pesquisa-ação, Fronteira.

ORTELHADO, Patrícia Lima. Environmental Educators without Borders: Identity and Belonging Feeling at the Trans Border Bioregion of Apa River. 2014. 179f (Master degree in Science teaching) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande – MS, 2014.

ABSTRACT

In the borderline bioregion of the APA watershed live two different peoples. Geographically separating Brazilians and Paraguayans, there is the main river of such, the Apa. A collective of educators, the “Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras” (GEASF), explore this territory searching for new views of the connected environmental and social questions, aiming to work with contextualized activities within the basin reality and to contribute to the sustainable share of its water resources. The Apa River, for this organization does not represent a geographical division or even a border, but a symbol of union to the success of a sustainable society. This work aims to expose actions of GEASF through the bioregion, showing the identity and relation of this collective with the place. The subjects of the research are the social educators from Brazil and Paraguay who participated of the pedagogical proposal “Rio Apa: unindo dois povos”, created by GEASF in 2010 and used in Brazilian and Paraguayan schools. The study was realized in the twin cities of Bela Vista/BR and Bella Vista/PY guided by the following matters: 1) The borderline bioregion; 2) Identity and sense of place of GEASF and the involvement with their main study subject: water; 3) the creator’s action, whilst a member of the group as well, for reorganizing GEASF through a plan discussed with them. It is a qualitative research, a research-action, with the use of the following methodological instruments: documental analysis, questionnaire, observation, logbook and direct participation. To analyze the data, this work bases itself on the hermeneutic cycles of the phenomenology: comprehension, interpretation and new comprehension. The proposed intervention helps to identify new protagonists and redefine plans and goals for the group. One of the most relevant results, is noticeability with which GEASF directed itself to the formal education system through its first years, then how the actions succeeded at the point of overpassing the schools and reaching non formal spaces. With the creation of GEASF, it was possible to generate processes of collective discussions, some planning and mutual growth, triggering the necessity of organization and continuity via an environmental education contextualized, reflected in an annual action plan. GEASF today has become a collective of educators recognized in the bioregion where there actions happen, giving the opportunity of conquering new spaces and creating true circles of culture, of which Brazilians and Paraguayans can make use of opportunities to dialog and take actions about environmental issues.

Keywords: Environmental education, Collective Educator, Research-action, Borderline.

ORTELHADO, Patricia Lima. Educadores Ambientales Sin Fronteras: Identidad y pertenencia en la Bioregión Transfronteriza del Río Apa. 2014. 179f. (Maestría en Enseñanza de las Ciencias) de la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande - MS, 2014.

RESUMEN

En la Bioregión de la cuenca del río Apa viven dos pueblos, brasileños y paraguayos separados geográficamente por el principal río de esta cuenca, el río Apa. Un colectivo de educadores, el Grupo de Educadores Ambientales sin Fronteras (GEASF) exploraba este territorio en busca de nuevas miradas sobre temas ambientales, con el objetivo de trabajar con actividades contextualizadas en la cuenca del río Apa, que contribuyen a la gestión compartida y sostenible de sus aguas. El significado del río Apa para este colectivo no es la separación geográfica o límite, sino el símbolo de una unión para la consecución de una sociedad sostenible. Este estudio retrata la trayectoria de GEASF en su bioregión, señalando la identidad y la pertenencia de esta relación colectiva con el lugar. Los actores de la investigación son brasileños y paraguayos educadores que trabajaron con la Propuesta Pedagógica "Río Apa: unión de dos pueblos", propuesta por GEASF en 2010, y se desarrollaron en las escuelas de Brasil y Paraguay. La investigación se llevó a cabo en las ciudades gemelas Bela Vista/BR y Bella Vista/PY y las preguntas orientadoras del estudio relacionado con: 1) la bioregión frontera; 2) el GEASF identidad y pertenencia y participación con el tema generador: el agua y 3) la acción de la autora, como miembro del grupo en la rearticulación del GEASF a través de un plan desarrollado por y con el grupo. Esta es una investigación cualitativa, del tipo de investigación-acción, utilizando las siguientes herramientas metodológicas: análisis documentales, cuestionarios, observación, diarios de operación y la participación directa. Para el análisis de los datos se basa en los círculos hermenéuticos de la fenomenología: la comprensión, la interpretación y la nueva comprensión. La intervención propuesta contribuye en la identificación de nuevos participantes para restablecer los planes y metas para el grupo. Entre resultados más relevantes, se destaca que el GEASF tuvo una trayectoria dirigida a la educación formal en sus primeros años, después sus acciones lograron traspasar a las afueras de la escuela, creando oportunidades en contextos no formales. Con la génesis del GEASF fue posible experimentar el proceso de discusión colectiva, la planificación y el crecimiento mutuo, lo que lleva a la necesidad de la organización y la continuidad por los caminos de la Educación Ambiental contextualizada, que se refleja sobre un plan de Acción anual. O GESF, actualmente, es un colectivo educador reconocido en la bioregión de actuación, posibilitando la conquista de nuevos espacios y constituyendo verdaderos círculos culturales, donde brasileños y paraguayos, disfrutaban de fértiles oportunidades para dialogar y actuar ante los problemas socio-ambientales.

Palabras-clave: Educación Ambiental, Colectivo Educador, Investigación-Acción, Frontera.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	xiii
LISTA DE TABELA E QUADROS	xv
LISTA DE SIGLAS.....	xvi
INTRODUÇÃO	18
1. A BIORREGIÃO DE FRONTEIRA – IDENTIDADE ÚNICA.....	25
1.1. <i>Nosso território compartilhado: a Bacia Hidrográfica do Rio Apa</i>	30
1.2. <i>As práticas atuais em educação ambiental no Brasil e Paraguai</i>	36
1.2.1. <i>A educação ambiental no Brasil.....</i>	37
1.2.2. <i>Educação ambiental no Paraguai.....</i>	44
2. A CONCEPÇÃO EDUCACIONAL E AMBIENTAL: DIRETRIZES	49
2.1 <i>Os pressupostos de Paulo Freire</i>	50
2.2 <i>A Tendência de Educação Ambiental Emancipatória</i>	57
3. METODOLOGIA: EVIDENCIANDO CADA CICLO DA PESQUISA	62
3.1 Planejamento: da preocupação temática ao primeiro passo de ação	63
3.2 A Fenomenologia: diretriz para a análise e a interpretação dos dados do diário de campo e de todo processo interativo	67
3.3 Da intencionalidade e do foco temático iniciais da pesquisa	69
3.4 Participantes da pesquisa: Grupo Educadores Ambientais Sem Fronteiras (GEASF).....	70
3.5 Conduzindo a pesquisa	71
4. PERCURSO DOS EDUCADORES AMBIENTAIS SEM FRONTEIRAS	76
4.1. <i>O eu e os outros = Grupo Educadores Ambientais Sem Fronteiras </i>	77
4.2. <i>O início do percurso do GEASF.....</i>	81
4.3. <i>O Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras (GEASF)....</i>	84
4.4 <i>O Projeto Pedagógico “Rio Apa: unindo dois povos!”</i>	86
4.4. <i>Avaliação dos resultados do projeto segundo os educadores</i>	89
4.4.1. <i>Aprendizagem dos alunos</i>	90
4.4.2. <i>Envolvimento da comunidade escolar</i>	91
4.4.3. <i>Experiência com o tema EA e as atividades trabalhadas com o Projeto</i>	92

4.4.4.	<i>A troca de experiência/intercâmbio entre os dois países.....</i>	94
4.4.5.	<i>Avaliação da proposta</i>	96
5.	ATIVIDADE DE INTERVENÇÃO: UM NOVO CAMINHO PARA O GRUPO DE EDUCADORES AMBIENTAIS SEM FRONTEIRAS	99
5.1	Os Encontros.....	100
5.2	O plano de Ação para o Grupo.....	107
6.	ANÁLISES DOS RESULTADOS	111
6.1	O percurso do GEASF nos espaços formais	113
6.2	O percurso do GEASF pelos espaços não formais.....	126
6.3	Os meios de divulgação das atividades do GEASF	133
6.4	Novas parcerias.....	137
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
	REFERÊNCIAS.....	149
	APÊNDICES	156
	<i>Apêndice 1 - Ofício à Secretaria Municipal de Educação de Bela Vista....</i>	156
	<i>Apêndice 2 - Ofício ao Supervisor de Educação de Bella Vista Norte</i>	157
	<i>Apêndice 3 - Carta e TCLE encaminhada às escolas brasileiras.....</i>	158
	<i>Apêndice 4 - Carta e TCLE encaminhados às escolas paraguaias</i>	161
	<i>Apêndice 5 - Questionário.....</i>	163
	<i>Apêndice 6 - Relação das escolas de atuação do GEASF</i>	165
	<i>Apêndice 7 - Listas de presença dos Encontros – Plano de Ação</i>	166
	ANEXOS	169
	<i>Anexo 1 - Carta da Bacia do Apa.....</i>	169
	<i>Anexo 2 - Declaração que autoriza a pesquisadora a utilizar as informações do GEASF</i>	171
	<i>Anexo 3 - Projeto Pedagógico: “Rio Apa – unindo dois povos”</i>	172
	<i>Anexo 4 - Carta de Agradecimento ao GEASF</i>	177
	<i>Anexo 5 - Produto final da Pesquisa – Folder com o Plano de Ação ..</i>	178

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Faixa de Fronteira no Brasil.....	26
Figura 2: Municípios brasileiros e paraguaios da Bacia Transfronteiriça do Rio Apa.	32
Figura 3: Rio Apa, Praia do Pompilho - margem direita/PY e esquerda/BR.	35
Figura 4: Estrutura e organização do Sistema Educativo Paraguaio	44
Figura 5: Fluxograma da Pesquisa.....	66
Figura 6: Arte e slogan Gestão 2005 -2011.....	78
Figura 7: Lançamento e Culminância do Projeto Pedagógico: “Água – Cuidar, respeitar para não faltar”.	79
Figura 8: Participação do aluno da Escola Municipal Prefeito Clóvis Marcelino de Oliveira na Conferência Infanto Juvenil/2008.	80
Figura 9: Homenagem à Escola pelos trabalhos com EA.....	81
Figura 10: Participantes das Oficinas do Projeto.	82
Figura 11: Página da Revista Aguapé retratando momentos das Oficinas.	83
Figura 12: Quarto encontro formal do Grupo no <i>Colegio Nuestra Señora del Perpetuo Socorro</i>	85
Figura 13: Escolas brasileiras e Paraguaias participantes do Projeto Pedagógico: “Rio Apa-Unindo dois povos”	87
Figura 14: Acervo Bibliográfico do GEASF	90
Figura 15: Atividades desenvolvidas nas Escolas	93
Figura 16: Encontro de estudos do GEASF.	95
Figura 17: Apresentação do Projeto “Rio Apa: Unindo” dois povos na comemoração/desfile cívico do Bicentenário do Paraguai.....	95
Figura 18: Alunos brasileiros e paraguaios finalistas do Concurso Cultural Cartas e Cartazes.....	96
Figura 19: Tempestade de ideias do Encontro	105
Figura 20: Arte da Logo do GEASF	112
Figura 21: Rio Perdido, seca de 2007, afluente do Rio Apa, Caracol/MS.....	120
Figura 22: Cartazes finalistas do concurso.....	121
Figura 23: Capa da Edição número 15 da Revista Aguapé.....	122
Figura 24: Momentos do GEASF no Evento Apa em Debate.....	123
Figura 25: Momentos da Mobilização Social para Rio+20, Cúpula dos Povos, na fronteira.	125
Figura 26: Certificação Rone Everton da Rosa Ribeiro, Cúpula dos Povos.....	126
Figura 27: Aluno paraguaio e brasileiro que participaram do Evento Rede Cerrado.	127
Figura 28: Momento científico cultural em Bela Vista, dia 28/09/2012.	128
Figura 29: Pedala Fronteira, momento da chegada em <i>Bella Vista Norte</i> . Dia 29/09/2012.	129
Figura 30: Momentos do I Pedala Fronteira.	129
Figura 31: Momentos da Conferência Municipal de Meio Ambiente.	131
Figura 32: Página do Grupo no Facebook.....	134
Figura 32: Site hospedado no sistema Webnode.	134
Figura 34: Primeiros integrantes do Coletivo Jovem.....	136
Figura 35: Panfleto de divulgação do II Pedala Fronteira.	140

LISTA DE TABELA E QUADROS

Quadro 1: Municípios que compõem a Bacia do Rio Apa.	32
Quadros 2: Eixos de Análise das Atividades realizadas nas escolas.....	73
Quadros 3: Sugestões trazidas pelos educadores para estruturar o Plano de Ação.....	106
Quadros 4: Estratégias e ações do Plano de Ação do GEASF	107

LISTA DE SIGLAS

AGRAER	Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural
AGRAER	Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural
APM	Associação de Pais e Mestres
BR	Brasil
CASA	Centro Apoio Sócio Ambiental
CCET	Centro de Ciências Exatas e Tecnologia
CF	Constituição Federal
CIDEMA	Consórcio Intermunicipal para o Desenvolvimento Integrado das Bacias dos Rios Miranda e Apa
CNUMAD	Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento
CTEM/CNRH	Câmara Técnica de Educação, Capacitação, Mobilização Social e Informação em Recursos Hídricos do Conselho Nacional de Recursos Hídricos
DGEEC/PY	Direção Geral de Estudos, Estatísticas e Censos – Paraguai
EA	Educação Ambiental
EASS	Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis
EGP	<i>Ecosystem Grants Programme (EGP) IUCN NL</i> Comitê Holandês
FNMA	Fundo Nacional de Meio Ambiente
GEASF	Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras
GEF	<i>Global Environment Facility</i> / Fundo para o Meio Ambiente Mundial
IBAMA	Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renovais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira
MEC	Ministério da Educação
MEC/PY	Ministério de Educação e Cultura
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MUPAN	Mulheres em Ação no Pantanal

ONG	Organização Não Governamental
PAP	Pesquisa Ação Participante
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PEI	Projeto Educativo Institucional
PNEA	Política Nacional de Educação Ambiental
PNEA	Política Nacional de Educação Ambiental
PPEC	Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências
PPP	Projeto Político Pedagógico
PRONEA	Programa Nacional de Educação Ambiental – Programa instituído em 1994
ProNEA	Programa Nacional de Educação Ambiental – Programa instituído em 1999
PY	Paraguai
REJUMA	Rede de Juventude de Meio Ambiente e Sustentabilidade
SECADI	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
SEMA	Secretaria Especial do Meio Ambiente
SisNEA	Sistema Nacional de Educação Ambiental
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

INTRODUÇÃO

Trabalhar com a Educação Ambiental (EA) no âmbito escolar é uma premissa prevista nos documentos brasileiros, como na Constituição Federal de 1988, na Lei 9.394/1996 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB); na Lei da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) 9.795/1999; no Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA); na recente Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Ambiental, publicada em 2012, assim como nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que preconizam a necessidade de se agir na busca da “construção de um mundo socialmente justo e ecologicamente equilibrado, o que requer responsabilidade individual e coletiva em níveis local, nacional e planetário” (BRASIL, 1997, p. 22).

A Educação Ambiental no Brasil, de acordo com as legislações vigentes, deve estar contemplada em todos os currículos escolares de forma transversal ou interdisciplinar. No Paraguai, a situação com a legislação sobre Educação Ambiental caminha a passos lentos. Como observa Broch (2008), a Educação Ambiental ainda não tem garantias efetivas na política educacional paraguaia, sendo muitas vezes desconectada da realidade vivida por educadores e discentes e sem estratégias definidas.

De acordo com Freire (1996, 1979, 1996), a prática educativa deve partir de problemas reais de cada comunidade, possibilitando aos educandos e educadores identificarem-se com o contexto estudado. Partindo de intervenção em problemas reais, o Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras (GEASF) surgiu a partir do Projeto de “Fortalecimento de Políticas Públicas de Educação Ambiental para o Pantanal: o caso da Bacia Transfronteiriça do Apa”, realizado pelas Organizações Não Governamentais (ONG) Mulheres em Ação no Pantanal (MUPAN) e Rede Aguapé de Educação Ambiental para o Pantanal e outras instituições, com o objetivo de levar para os currículos escolares o tema Bacia Hidrográfica do Rio Apa.

O panorama revela realidades específicas de escolas brasileiras e paraguaias e, desde 2010, estão desenvolvendo um currículo escolar que prevê o trabalho com a Educação Ambiental de forma contextualizada, tendo como tema gerador o rio Apa, o seu principal afluente da Bacia e o divisor

geográfico dos dois países. Essas escolas conseguiram criar canais efetivos de comunicação, pesquisa e intervenções para problemas locais que os afetam.

A realidade local é um grande suporte pedagógico, principalmente quando buscamos trabalhar com os temas transversais, como é o caso do tema meio ambiente dentro dos currículos escolares, se tratados de maneira interdisciplinar e previstos no Projeto Político Pedagógico (WIZIACK, 2006).

Segundo Santos (2000), se vislumbrarmos o mundo sob a égide dos controles, dominadores, perderemos a riqueza das experiências sociais do mundo, pois a identidade ou experiências específicas estão aprisionadas em escalas que as incapacitam, sendo alternativas credíveis na racionalidade universal e dominante. E ainda manifesta-se nessa direção Vargas (2006, p. 78), pois esse tema “revela-se como objeto complexo, sobre o qual se estabelecem as redes de poder (dominação e submissão) e se materializam as relações sociais, culturais, econômicas, ambientais, enfim, todas as relações sociedade-natureza”.

A corrente do Biorregionalismo é importante, uma vez que, nos permite romper com a visão tradicional que condena certas regiões, fundamentos apontados por Sato (2005), e essa corrente nos dá a possibilidade filosófica de perceber o lugar com características geográficas e biológicas inscritas numa história de vida.

A Educação Ambiental inscrita no biorregionalismo reforça que a experiência social é variada e múltipla, e para além do veredicto das ciências, do controle econômico ou da exclusão social, pretende buscar alternativas que possibilite o não desperdício das vivências locais (SATO, 2005, p. 04).

Sato (2005) reforça que do sujeito que consegue realizar o contato com o seu meio social, com a natureza que lhe rodeia, conseguirá reestabelecer a conexão perdida, na maioria das vezes, com o seu território. Só cuidamos aquilo que conhecemos e amamos. Aquilo que nos pertence, que nos impregna o nosso ser de orgulho e entusiasmo. Desta forma, consegue-se atingir as pessoas, como bem ressalta Tuan (1980, p. 5) quando há um “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”, o que nos faz refletir sobre a percepção que temos do espaço cultural que habitamos.

Entende-se que na riqueza das experiências realizadas dentro do grupo, há também o paradoxo da estagnação. É preciso, assim, afirmar a identidade do Grupo, demonstrando a relevância desta luta política a favor da educação ambiental em um território dividido por fronteiras, porém compartilhado por meio do diálogo, e o mais importante, o sentimento de pertencimento. Corroborando, Cousin (2004, p. 96) aponta que o biorregionalismo nasce da ruptura do sistema “eu-mundo” para uma estrutura mais complexa do “eu-outro-mundo”, ou seja, nossa relação não é direta com a natureza, mas mediatizada pelos complexos sistemas da sociedade.

A perda das raízes e da identidade é muito ligada à perda de uma relação com o meio ambiente, que iniciamos compreendendo a percepção ambiental da comunidade, e vagarosamente, estamos construindo indicadores sociais qualitativos que possam oferecer uma identidade na ‘qualidade de vida’ da biorregião. Para além das duvidosas orientações internacionais, a noção de dignidade aproximou-se da cidadania, na tessitura conceitual da linha de dignidade da biorregião (LEROY, 2005, p. 24).

Tecer esse panorama para as comunidades envolvidas diretamente nesse projeto de estudo, resgatar essas raízes perdidas ao longo dos anos, raízes que se atrelam além das fronteiras que muito mais unem do que separam, será algo único e relevante para o cenário da educação ambiental brasileira e paraguaia, demonstrando como dois povos unem-se para resolver seus problemas socioambientais.

Sobre fronteira, ficamos com as palavras de Nuñez *et. al.* (2010, p. 22), pois afirma que a nós, povo da América Latina, se abre a possibilidade de ampliar uma integração, enriquecendo a todos. Que as fronteiras de cada nação se abram, e que ninguém abandone suas convicções e o seu sentimento nacional, mas os mesmos não podem impedir a verdadeira irmandade que postulava San Martín e Bolívar. Assim, o povo da fronteira possui uma identidade única. Apontado por Ávila (*apud* NUÑES *et. al.*, 2010), e o que pode ser observado nessa biorregião é que, para além de ser brasileiro ou paraguaio, há uma situação identitária mais complexa, compartilhada por um povo que vive na fronteira de dois países.

Enquanto seres humanos, sujeitos que fazem, constroem história, o Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras (GEASF) é a mediação

necessária para todo povo fronteiriço atentar para o tão necessário e urgente agir coletivo na tentativa de disseminar conhecimentos sobre a importância dos recursos naturais que nos restam, mostrando principalmente a todos que é possível lutar por políticas consistentes e por propostas políticas pedagógicas que contemplem o tema educação ambiental de forma interdisciplinar, que consigam atravessar os muros da escola e envolver toda comunidade dentro do seu próprio território.

Identificamos como território, definição feita por Vargas (2006), que este pode ser visto como espaço de articulação, de negociação, de mediação, de conjugação, para onde confluem as ações, para onde convergem as rearticulações, abarcando aspectos objetivos e subjetivos das relações que nele se celebram.

A identidade social/territorial pode ser interpretada como algo 'dado', decorrente da naturalidade, da vivência e da cultura, e também como algo construído, uma "auto-atribuição", [...] O território participa efetivamente na construção histórica da identidade do povo que nele vive [...]. O sentimento de pertencimento é apresentado hoje como uma questão fundamental nas análises dos territórios (VARGAS, 2006, p. 62 - 83).

Essa é a realidade vivida enquanto pesquisadora, educadora e membro do GEASF. Tem-se um rio que é o elo de vida de brasileiros e paraguaios, não importando a cultura ou a língua que os diferenciam, tem-se em comum os recursos naturais e a compreensão que não há sobrevivência se não agirmos coletivamente na luta por questões socioambientais desses recursos. "Quando países dependem da mesma fonte hídrica para proteger o seu ambiente, abastecer a população e gerar crescimento econômico, as águas transfronteiriças tornam-se elos entre cidadãos e meio ambiente" (BROCH; *et al*, 2008, p. 35).

Esse é o objetivo principal deste estudo, o de mostrar como um grupo conseguiu ultrapassar os limites da fronteira, sejam os reais ou os imaginários, e propor para a sua comunidade conhecer e reconhecer-se em seu território, nas relações que estabelecem com a água, criando possibilidades de uma educação ambiental transfronteiriça.

O contexto da pesquisa situa-se nas cidades gêmeas de Bela Vista – Brasil e *Bella Vista Norte* – Paraguai, unidas pelas águas do rio Apa, onde surgiu o Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras (GEASF). São duas cidades que nasceram às margens do rio Apa, cidades centenárias e ricas em elementos históricos e culturais. As unidades de análise são duas escolas brasileiras: Escola Municipal Prefeito Clóvis Marcelino de Oliveira e São Clemente; e duas paraguaias: *Escuela General Marcial Samaniego* e *Colegio Nuestra Señora del Perpetuo Socorro*, além do próprio grupo constituído, bem como seus documentos, registros fotográficos, atas e listas de presença.

Assim, pretende-se responder à seguinte questão básica ao fim desta pesquisa: como conduzir o grupo a criar um projeto de atuação dinâmico, baseado na cooperação, no diálogo e numa ação reflexiva da realidade local, por meio da pesquisa-ação?

Sendo as hipóteses iniciais de estudo:

- A dimensão ambiental nos currículos escolares, quando parte de problemas socioambientais oriundos da realidade vivida, fortalece a comunidade escolar, propiciando a todos vivenciarem o sentido de pertencimento ao lugar;
- Quando existe o sentimento de pertença nos indivíduos presentes em um território, as ações socioambientais ganham sentido e se tornam eficazes;
- O GEASF precisa de um novo plano de ação para que continue vivo, no percurso de levar para as escolas brasileiras e paraguaias a dimensão socioambiental¹ local, e aos demais espaços não formais de educação.

O aporte teórico metodológico escolhido como delineamento do presente estudo qualitativo é a pesquisa-ação, que permite enquanto membro do grupo, pensar, agir e reconstruir no coletivo, lado a lado com os demais, um novo começo para um grupo que leva educação ambiental popular na

¹ Utilizo-me da expressão socioambiental por acreditar, conforme Guimarães (2004, p.27), que essa possa apontar para a superação da tendência fragmentária, dualista e dicotômica, fortemente presente em nossa sociedade, buscando assim, preencher de sentido essa expressão com a ideia de que as questões sociais e ambientais da atualidade encontram-se imbricadas em sua gênese e que as consequências manifestam essa interposição em sua concretude.

bioregião transfronteiriça do rio Apa. Levantar, registrar e analisar o sentimento de pertença e identidade do Grupo, incitando, propondo um novo caminho foi o desafio proposto neste trabalho, constituído das seguintes etapas: 1) levantamento dos registros do GEASF: documentos, projeto pedagógico, fotos, eventos; 2) análise do Projeto Político Pedagógico de quatro escolas envolvidas na proposta pedagógica "Rio Apa: unindo dois povos", nos anos de 2010 e 2011, a fim de verificar e constatar a metodologia trabalhada no projeto; 3) intervenção e avaliação do plano de ação do GEASF. A intervenção acontece nos preceitos da pesquisa-ação proposta por Thiollent (2009). As análises das atividades são orientadas nas diretrizes educacionais freireana e na corrente de Educação Ambiental Emancipatória.

O trabalho está estruturado em seis capítulos, e no capítulo 1 busca-se focar a bioregião do contexto da pesquisa, a fronteira, enfocando o território compartilhado e as práticas atuais em EA no Brasil e no Paraguai. No capítulo 2 descreve-se o referencial teórico utilizado na pesquisa, que se pauta nos conceitos educacionais e ideológicos de Paulo Freire e nos valores da EA emancipatória. No capítulo 3 evidencia-se cada ciclo em que se pauta a pesquisa-ação, com os delineamentos escolhidos para a coleta de dados, com enfoque para a diretriz de análise, a corrente fenomenológica hermenêutica. O capítulo 4 descreve os dados sintetizados da coleta, caracterizando o início do percurso do GEASF, e a análise do Projeto Pedagógico desenvolvido nas escolas proposto pelo grupo em 2010, enquanto no capítulo 5 está descrito a ação junto ao grupo, com a sistematização do Plano de Ação. No capítulo 6 trazemos os resultados e discussões do percurso vivenciado enquanto pesquisadora e membro do GEASF. E, para finalizar, o capítulo 7 traz as considerações finais do trabalho.

Quando saímos do estado inerte dentro de uma comunidade e nos colocamos a frente desse grupo, sentimos o quanto podemos juntos chegar onde queremos e fazer o impossível virar possível. Por meio deste estudo, espera-se divulgar e mostrar como um coletivo que nasce para propor ações para o cenário educacional em território fronteiro, por meio do tema educação ambiental no currículo de forma contextualizada, relacionando essas ações com a realidade vivida por educandos e educadores conseguiu ultrapassar não apenas os limites geográficos, mas principalmente os que nos impedem de

lutarmos por causas socioambientais. Demonstrando que é possível aos sujeitos que vivenciam essa mesma realidade, de territórios fronteiriços, criar canais de diálogos e ações na defesa de questões socioambientais, por meio do diálogo e interação para efetivação de mecanismos que contribuam com a gestão compartilhada de suas águas.

1. A BIORREGIÃO DE FRONTEIRA – IDENTIDADE ÚNICA



Expedição descida do Apa, 2011. Foto: Áurea da Silva Garcia.

“Chegados esta tarde, à margem de um ribeirão, que os espanhóis chamam Sombrero, fomos acampar no triângulo que ele ali forma, confluindo com o Apa. Admiramos este belo rio, fronteira dos dois países e cujo aspecto, com sua mjtá(sic) cerrada, tanto nos impressionara quando de longe o avistáramos. Grande futuro lhe está reservado após a guerra.”

*Alfredo D’Escragnolle Taunay,
Retirada da Laguna ([1871, p.26)*

A região da Faixa de Fronteira em nosso país caracteriza-se geograficamente por ser uma faixa de 150 km de largura ao longo de 15.719 km da fronteira brasileira (Lei 6.634/1979, regulamentada pelo Decreto n.º 85.064/1980). A Faixa de Fronteira abrange 588 municípios em 11 unidades da Federação: Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraná, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima e Santa Catarina, o que corresponde a 27% do território brasileiro e reúne uma população estimada em dez milhões de habitantes (BRASIL, 2009), conforme exposto na Figura 1.

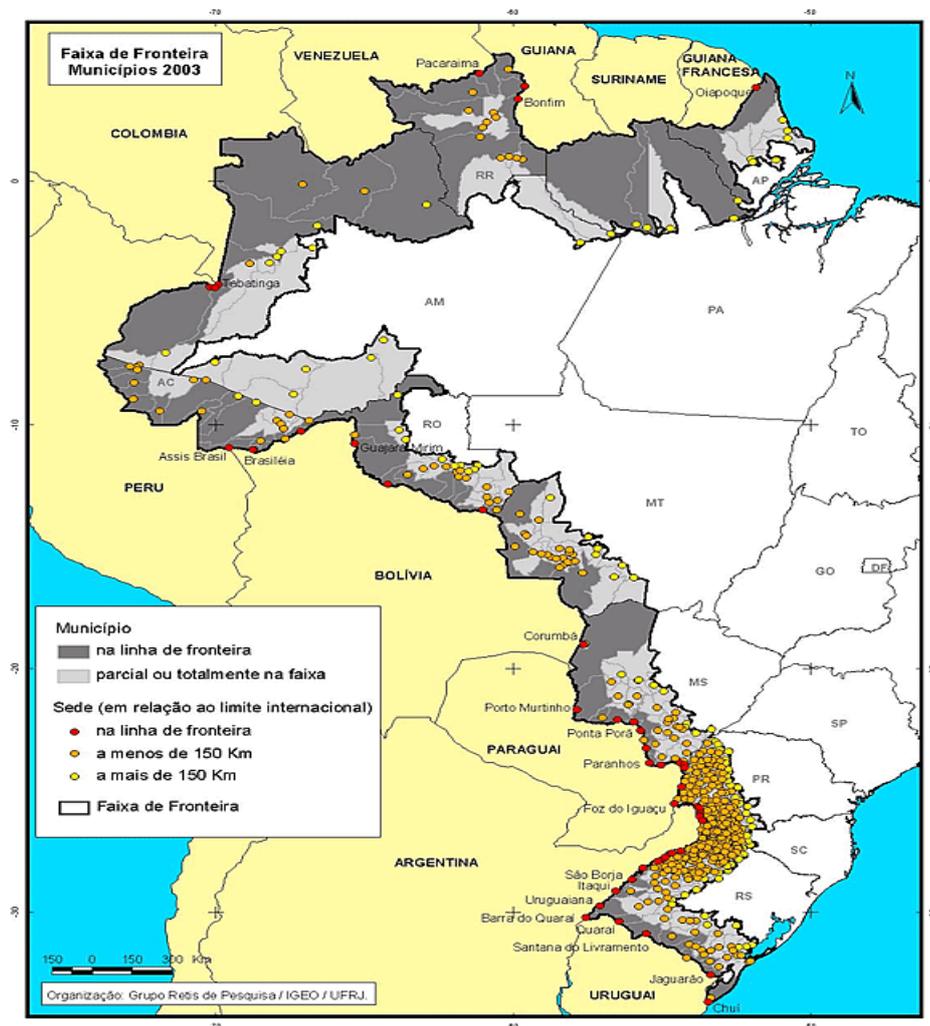


Figura 1: Faixa de Fronteira no Brasil.
Fonte: BRASIL, 2009.

O nosso campo de investigação se localiza na fronteira entre Brasil e Paraguai, nos municípios de Bela Vista/Brasil e *Bella Vista Norte*/Paraguai. São

idades que se localizam na linha de fronteira, cujas sedes são consideradas cidades-gêmeas ligadas por uma ponte de cem metros de comprimento sobre o rio Apa. Para compreendermos o conceito de cidade-gêmea precisamos ter a noção do que seja uma zona de fronteira.

[...] a zona de fronteira, composta pelas faixas territoriais de cada lado do limite internacional, caracterizadas por interações que, criam um meio geográfico próprio de fronteira, só perceptível na escala local/regional [...] Na escala local/regional, o meio geográfico que melhor caracteriza a zona de fronteira é aquele formado pelas cidades-gêmeas (BRASIL, 2009, p.22).

Este adensamento vivenciado no território investigado está em uma faixa de fronteira cortado por uma linha limítrofe fluvial e apresenta grande potencial de integração econômica e cultural, assim como manifestações “condensadas dos problemas característicos da fronteira, que nesse espaço adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania” (BRASIL, 2009, p. 22).

A história revela que a primeira tentativa para se estabelecer no local onde hoje é a cidade de *Bella Vista Norte*/PY, foi realizada por espanhóis quando fundaram em 1801 o Forte São José, comandado pelo capitão Juan Caballero, que tinha a seu dispor 109 soldados (LEITE, 2007).

Em 1846 brasileiros começam a colonizar a região atual do município, sofrendo fortes pressões do lado paraguaio. Só após o encerramento da Guerra com o Paraguai² foi fixada, nessa porção do território brasileiro, a fronteira Brasil – Paraguai, afirma Leite (2007), e desencadeado o povoamento do lado brasileiro.

Os primeiros migrantes vieram do Rio Grande do Sul e se dedicaram a agricultura e pecuária, o que levou o Governo do Estado a criar, pela Resolução n.º 255/1900, o Distrito de Paz de Bela Vista, com os mesmos limites do já então existente Distrito Policial, instalado em 1889. Em 1908 foi criado o município, todavia, a sede municipal só foi elevada à categoria de município por força da Lei n.º 772 de 1918 (IBGE, 2012).

² A referida guerra (1864-1870) é retrata em nosso país como a Guerra do Paraguai, e no Paraguai é conhecida como A Guerra Grande. No presente trabalho usaremos o termo Guerra com o Paraguai.

Essa cidade histórica brasileira situa-se na região sudoeste do Estado de Mato Grosso do Sul. Seu município possui uma área de 4.893 km², tendo como principal bioma o Cerrado, reunindo 23.181 habitantes, sendo 11.720 homens e 11.461 mulheres (IBGE, 2010). As principais atividades econômicas concentram-se na agropecuária, seguidas da indústria e serviços (IBGE, 2012).

Já no lado Paraguaio a cidade de *Bella Vista Norte* é localizada no departamento de *Amambay/PY* e começou a ser povoada em 1850. Romañach (2001), no levantamento histórico sobre a cidade de *Bella Vista Norte* (PY), afirma que existem documentos datados de 1870 que se referem ao Forte *Bella Vista* e a uma cadeia de destacamentos militares estabelecidos ao longo da margem esquerda do rio Apa, organizados com o objetivo de salvar vidas e fazendas de espanhóis e nativos. Devido à guerra, conhecida no território paraguaio como a “Guerra Grande” (1864-1870), foi impossível aos paraguaios manter a grande extensão de terras, e ao fim deste episódio trágico para ambos os países, o rio Apa e a Serra de Maracaju passaram a ser os limites naturais, e assim, a povoação de *Bella Vista* começa a surgir depois da guerra, com força e vigor, aponta Romañach (2001). E em 1887, durante a presidência do General Patricio Escobar, chegou um comissionário para organizar o vilarejo. No dia 30 de agosto de 1901, *Bella Vista* é elevada a categoria de departamento.

O nome das cidades gêmeas origina-se de uma passagem de gado que existia no Rio Apa e chamava a atenção de todos pela sua grande beleza natural, afirma Romañach (2001). É chamada de *Bella Vista Norte* (PY), para diferenciá-la de outra cidade paraguaia, *Bella Vista Sur* (PY) que está localizada no Departamento de Itapúa.

Atualmente o município de *Bella Vista Norte* (PY) com sua municipalidade possui uma área de 3.901 Km² com 10.267 habitantes, dos quais 5.179 são homens e 5.089 mulheres, segundo dados estimados pela Direção Geral de Estudos, Estatísticas e Censos (DGEEC) da Prefeitura Municipal local. Conta com uma produção agrícola e pecuária, mas o destaque vai para o setor de comércio e serviços internacionais.

Destaca-se também, que a região da Bacia do Apa foi palco de guerras entre as tribos indígenas das etnias Guarani, Payaguá, Guaycuru e Terena, que contribuíram para a formação cultural das populações da região,

completada pela miscigenação existente, a partir da chegada dos espanhóis, portugueses e migrantes vindos de vários lugares do Brasil, em especial da região Sul do Brasil (MEDEIROS, 2008, p. 69).

Quanto aos aspectos socioculturais, em ambos os municípios se tem fortemente enraizada a cultura do povo paraguaio, com presença de tradições indígenas e espanholas. Podem-se identificar essas características presentes na culinária³: sopa paraguaia, *chipaguaçu*, chipa, cozido, bori-bori, tortilha, coquito, tereré, etc; na música, tem-se presente as guarânicas, polcas paraguayas, vanerão, chamamé e os ritmos sertanejos.

A bebida conhecida por “tereré”, que é tradicional na região fronteiriça, merece destaque especial, pois se trata de um costume que faz de Mato Grosso do Sul o lado do nosso país mais paraguaio. A bebida também é muito presente nos costumes do povo pantaneiro. O tereré ajuda a preservar o convívio entre familiares e amigos, pois é tomado sempre em roda. É uma bebida refrescante que consiste em uma mistura de água fria com erva-mate (*Ilex paraguayensis*), gelo e ervas naturais medicinais como hortelã, rabo de cavalo, burrito, entre outras. Uma herança dos povos Guarani. É consumido sempre, não apenas nos dias quentes, servido em uma cuia (geralmente feita de chifre de bovino) e sugado por meio de uma bomba de metal, com ou sem ervas medicinais.

Dada à importância do tereré para a região, o mesmo foi declarado pelo Congresso Nacional do Paraguai, em janeiro de 2010 (Lei n.º 4.261), como bebida nacional, dedicando o último sábado de fevereiro como o dia Nacional do Tereré. Em Mato Grosso do Sul o Tereré de Ponta Porã foi decretado como patrimônio imaterial histórico e cultural do Estado pelo Decreto n.º 13.140 de março de 2011, registrado no Livro de Registro dos Saberes (Lei n.º

³ Sopa paraguaia é um bolo salgado feito de farinha de milho seco e fresco, moído na hora e a chipaguaçu com o milho verde, tendo ainda como ingredientes cebola e queijo. A verdadeira sopa paraguaia e chipaguaçu não levam fubá ou milho verde; chipa é um biscoito de polvilho, com muito queijo. Para ser a típica chipa paraguaia, deve ser assada no famoso “*el tatakúá*” (forno); cozido é um chá feito de erva mate e açúcar queimados com brasa, tudo junto no recipiente, depois acrescenta-se água; bori-bori é feito da farinha do milho, prato salgado, com carne, geralmente com osso ou com frango; tortilha é feita com a mistura de trigo, leite, ovo, cebolinha e sal (frito), fica tipo uma panqueca, por muito tempo foi desjejum do povo fronteiriço, principalmente nas mesas mais vulneráveis, assim como o coquito, que é um biscoito assado que dura meses armazenado e próprio para consumo.

3.522/2008), no qual são inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades.

1.1. Nosso território compartilhado: a Bacia Hidrográfica do Rio Apa

Na ciência geográfica, a definição de território sempre foi objeto de intensa discussão, mas historicamente tem sido definido e delimitado a partir das relações de poder, conforme aponta Vargas (2006). Dentre as definições existentes para este termo, no presente estudo, delimitamos território não apenas como um conjunto de sistemas de coisas superpostas, mas o território como o território usado, ou seja, o chão mais a identidade, o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence, definição dada por Santos (1998). O nosso território é o chão do Apa, onde se localiza a Bacia hidrográfica do rio Apa.

A Lei das Águas em nosso país, n.º 9.433/1997, instituiu a Política Nacional dos Recursos Hídricos (PNRH) e no Artigo 1º elegeram como seus fundamentos:

I - a água é um bem de domínio público; II - a água é um recurso natural limitado, dotado de valor econômico; III - em situações de escassez, o uso prioritário dos recursos hídricos é o consumo humano e a dessedentação de animais; IV - a gestão dos recursos hídricos deve sempre proporcionar o uso múltiplo das águas; V - a bacia hidrográfica é a unidade territorial para implementação da Política Nacional de Recursos Hídricos e atuação do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos; VI - a gestão dos recursos hídricos deve ser descentralizada e contar com a participação do Poder Público, dos usuários e das comunidades (BRASIL, 1997, p. 01).

A PNRH (1997) destaca no inciso V a importância da bacia hidrográfica como unidade territorial, para a implantação da Política e atuação do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos (SNGRH).

A bacia hidrográfica é usualmente definida como a área na qual ocorre a captação de água (drenagem) para um rio principal e seus afluentes devido às suas características geográficas e topográficas. Os principais elementos componentes das bacias hidrográficas são os “divisores de água” – cristas das elevações que separam a drenagem de uma e outra bacia; “fundos de vale” –

áreas adjacentes a rios ou córregos e que geralmente sofrem inundações; “sub-bacias” – bacias menores, geralmente de alguma afluyente do rio principal; “nascentes” – locais onde a água subterrânea brota para a superfície formando um corpo d’água; “áreas de descarga” – locais onde a água escapa para a superfície do terreno; “recarga” – local onde a água penetra no solo recarregando o lençol freático, e “perfis hidrogeoquímicos” ou “hidroquímicos” – características da água subterrânea no espaço litológico (BROCH *et al.*, 2008).

A Bacia do Alto Paraguai (BAP) compreende a maior área inundável do mundo, com diversidade sociocultural, econômica e ambiental, constituído por uma complexa rede hidrográfica e de ecossistemas. O rio Paraguai nasce em território brasileiro, no estado de Mato Grosso e, ao longo do seu curso, percorre aproximadamente 1.683 km passando por Bolívia e Paraguai. A foz do rio Apa (município de Porto Murtinho-MS) é o limite inferior da BAP em solo brasileiro. A bacia do rio Paraguai, com as bacias do rio Paraná e rio Uruguai compõem o sistema da Bacia do Prata, abrangendo ainda territórios na Argentina e Uruguai (BROCH *et al.*, 2008).

A Bacia Hidrográfica do Rio Apa está localizada no extremo sul da BAP, compreendendo uma área física de 15.617,53 Km², sendo 12.181,31 Km² situados em território brasileiro e 3.436,22 Km² em território paraguaio (PEREIRA *et al.*, 2008, p. 38).

No Brasil, abrange os municípios de Ponta Porã, Porto Murtinho, Bonito, Caracol, Antônio João, Caracol, Bonito e Jardim (MS). Em território paraguaio, os municípios de *Bella Vista Norte*, *Pedro Juan Caballero*, *Concepción*, *San Carlos* e *San Lázaro* (Figura 02). Na Tabela 1 pode-se visualizar a participação de cada território na composição da Bacia.

A Bacia Hidrográfica do Apa possui características singulares por ser transfronteiriça, entre o Brasil e o Paraguai, dependendo assim, da gestão cooperativa, em especial, do seu curso hídrico principal (Rio Apa), e está localizada entre as coordenadas geográficas, latitude 21°00’00” S e 22°30’00” S e longitude 55°30’00” W e 58°00’00” W. Possui área de drenagem de aproximadamente 17.000 km² e uma rede hidrográfica formada pelos rios Apa, Perdido, Caracol, Tereré, Piripucu, Estrela e os córregos Tuna, Alegre, Nunca-

Te-Vi, Gandaleão (sic)⁴, Apa Mi, Estrelinha, Itá e Estrelita (SEMA, 2005 *apud* PEREIRA *et al.*, 2008).



Figura 2: Municípios brasileiros e paraguaios da Bacia Transfronteiriça do Rio Apa.
 Fonte: Projeto Pé na Água, 2008; Cidema/GEF, 2003 *apud* Broch *et al.*, 2008.

Em forma de quadro, apresenta-se a descrição que Medeiros (2008) faz sobre a participação de cada município para a Bacia do Apa:

Quadro 1: Municípios que compõem a Bacia do Rio Apa.

MUNICÍPIO	PAÍS	DESCRIÇÃO
Ponta Porã	BR	O rio Apa nasce nesse município num distrito chamado de Cabeceira do Apa. Na região há intensa utilização do solo para o agronegócio da cana, soja, eucalipto e pastagens para a pecuária extensiva. É uma região de planalto já afetada pela erosão e assoreamento, inclusive a nascente sofre com a degradação do solo, o que motivou a criação de uma APA (Área de Proteção Ambiental). Esse município é fundamental para a saúde das águas porque é um divisor de águas que abriga também as nascentes do rio Miranda e do rio Dourados (Bacia do Paraná), berçários para os peixes.
Antônio João	BR	Importantíssimo para a Bacia do Apa por abrigar nascentes de

⁴ Candelão

		afluentes como os córregos Estrela e Estrelinha ou Estrelita. Apesar da principal nascente do Apa estar situada em Ponta Porã, fica mais próxima ao centro urbano de Antônio João.
Bela Vista	BR	Município com todo seu território situado na Bacia do Apa. O sistema de tratamento e abastecimento público utiliza águas coletadas diretamente do leito desse rio, assim como a cidade gêmea Bella Vista (Paraguai). A ponte que liga os dois municípios é ponto turístico.
Caracol	BR	Todo inserido na Bacia do Apa, esse município influencia diretamente esta bacia com a contribuição do rio Caracol, que nasce e atravessa o município. O desmatamento de quase todas as terras provocou o assoreamento dos rios.
Bonito	BR	A área urbana dessa cidade é afastada das regiões de influência do Apa; abriga a nascente do rio Perdido e parte das formações calcárias que influenciam a Bacia do Apa na Serra da Bodoquena, tornando as águas cristalinas.
Jardim	BR	Sua porção na bacia faz limite com o município de Bela Vista. Esse município contribui para as terras calcárias do Apa e pequenos córregos de água transparente.
Porto Murtinho	BR	Nesse município encontram-se a foz do rio Apa, as áreas de Chaco brasileiras e parte da Serra da Bodoquena. Pelas terras do município percorre também o rio Perdido, que deságua próximo à Cachoeira do Apa. A partir daí começa a se formar a região de pantanais da bacia, com águas lentas que transbordam na época das cheias. Apesar de distante do centro urbano, essa região é bastante conhecida pelos murtinhenses porque ali existe a comunidade do Desbarrancado, o Destacamento Militar Ingazeiro, além do Parque Municipal Natural da Cachoeira do Apa.
<i>Bella Vista</i>	PY	Cidade gêmea com a Bela Vista brasileira, capta suas águas para abastecimento público diretamente do leito do rio Apa. Também faz divisa com o município de Antônio João na altura do córrego Estrela.
<i>Concepción</i>	PY	A capital do departamento paraguaio de mesmo nome não tem sua sede na Bacia, mas abrange a maior parte da Bacia do Apa no Paraguai. Abriga o Parque Nacional do Paso Bravo, a maior unidade de conservação de Cerrado do planeta e as últimas porções desse bioma no Paraguai, uma área de transição com o Chaco.
<i>Pedro Juan Caballero</i>	PY	O núcleo urbano faz divisa direta com a cidade de Ponta Porã. A área da bacia está no departamento de Amambay e abriga terras altas da Bacia do Apa, região conhecida como Cordilheira de Amambay, um divisor de águas.
<i>San Carlos</i>	PY	Também às margens do Apa, esse povoado tem seu território no Departamento de Concepción, com terras próximas dos limites do Parque Nacional Paso Bravo.
<i>San Lázaro</i>	PY	O rio Apa nessa região tem praias de areias brancas. A comunidade fica próxima à foz do Apa, na confluência com o Paraguai. Abriga grutas calcárias apreciadas pelo turismo na área de Vallemí, cidade que depende de San Lázaro, com economia voltada à produção de cimento.

FONTE: Medeiros, 2008, p. 39.

A vegetação da Bacia do Apa se destaca pelas savanas: Arbórea Densa, Arbórea Aberta, Gramíneo-Lenhosa e Estépica. A cobertura vegetal vem sendo afetada pela conversão em pastagens, especialmente, de gramíneas exóticas, para a criação de bovinos, que é a principal atividade econômica da região (SEMA, 2005, *apud* BROCH, 2008, p. 185). O desmatamento se faz presente tanto em território brasileiro como paraguaio.

Broch (2008) aponta em seus estudos os tipos de solo da Bacia do Apa, sendo predominantes: Plintossolo Sólido, Solonetz Solodizado e Podzólico Vermelho-Amarelo e seus usos são destinados a pastagens naturais. E acompanhando o curso do rio, tem-se desde sua nascente: Latossolo Rozo Eutrófico, Solo Litólico Eutrófico, Podzólico Vermelho-Amarelo Álico, Podzólico Vermelho-Amarelo Eutrófico, Terra Roxa Estruturada Latossólica, Regossolo Álico e Solonets Solodizado.

O tratamento dado aos resíduos sólidos em Bela Vista (BR) e *Bella Vista* (PY) consiste no uso de lixões construídos sem rigores técnicos de preservação ambiental. Em Bela Vista (BR) existe uma Unidade de Processamento de Lixo, que devido à descontinuidade política, acabou se transformando no espaço onde hoje é o lixão.

Assim, dividindo os dois países, encontra-se um rio, o Apa, principal rio da Bacia Hidrográfica, mostrando aos cidadãos do lugar que a água atravessa fronteiras sem pedir licença, sem ter nacionalidade.

O escritor “brasiguai⁵” Ibanhes (2010), nascido na cidade de *Bella Vista Norte* (PY) em 1947, um verdadeiro contador de histórias da nossa fronteira, assim descreve o rio Apa:

Conhecido como feiticeiro, era um rio exuberante, margeado por bosques, matas fechadas e árvores encopadas, em cujos galhos o João-de-Barro [...] fazia suas moradas. Embaixo dos frondosos pés de ingá, assombreava suas águas azuladas e transparentes, habitat natural de pacus, dourados, piraputangas e outros peixes. O rio a cada curva mudava sua fisionomia. Ora quieto, calmo, [...] ora borbulhante com pedras brilhantes, [...] ora quase estagnado. O temperamento dos dois povos vizinhos e ribeirinhos era retratado pelo percurso do rio; era a própria alma indômita daquela gente retovada (IBANHES, 2010, p.71).

A origem do nome Apa vem do guarani *Apá'a* (rio ou estrada sombreada por densa vegetação). A beleza e exuberância desse rio nominaram as duas cidades, Bela Vista/BR e *Bella Vista Norte*/PY.

Na Figura 03 retrata um dos pontos turísticos de Bela Vista/BR, a Praia do Pompilho, que passa seus últimos anos interditada para eventos e práticas esportivas devido a sérios problemas de degradação ambiental.

⁵ Definição para brasileiros estabelecidos na República do Paraguai.



Figura 3: Rio Apa, Praia do Pompilho - margem direita/PY e esquerda/BR.
Fonte: Pesquisadora, 2010.

Pode-se observar que na margem superior se encontra parte do Paraguai e, na margem inferior, parte do Brasil, e os dois povos se encontram em suas águas mansas e, cada vez mais, rasas. O grito de Ibanhes (2010, p. 71) em suas páginas do livro “O Chão do Apa”, revela que hoje o rio está cada vez mais moribundo: “Cada vez que o vejo, me dá vontade de chorar minhas lembranças, imaginando talvez que as lágrimas possam purificar um pouco aquelas águas”.

Assim, no território da Bacia Hidrográfica do Rio Apa vivem os dois povos que habitam as cidades-gêmeas, de culturas distintas e de um “trocar” de culturas que só existe entre os povos fronteiriços, tornando-os povos de identidade única.

Concorda-se com o postulado por Broch (2008), ao afirmar: em dois países que dependem da mesma fonte hídrica para proteger o seu ambiente, abastecer a população e gerar crescimento econômico, as águas transfronteiriças tornam-se elos entre cidadãos e meio ambiente. É esse o sentimento pulsante vivido pelos fronteiriços. O problema reside em gerenciar a maior riqueza de um povo, possuir subsistência de água, que irriga todo ser vivo, que permite qualidade de vida a qualquer população.

Gerenciar essa interdependência, que extrapola os aspectos hidrológicos, constitui um dos grandes desafios de desenvolvimento humano que a comunidade internacional enfrenta atualmente. A

gestão de recursos hídricos partilhados pode constituir um pretexto para a paz, como ponte para futuras relações de cooperação, ou para a guerra, ao alimentar conflitos generalizados (BROCH *et al*, 2008, p. 35).

Retratando o caminhar desses povos na busca por uma gestão compartilhada, aconteceu em 11 de setembro de 2006, entre o Brasil e o Paraguai, a assinatura de um acordo para buscar o desenvolvimento sustentável e a gestão integrada dos recursos da bacia do Apa. O acordo possibilita ações coordenadas que visam à preservação e o uso racional dos recursos hídricos compartilhados. O acordo é referência no Brasil e na América do Sul, pois a Bacia Hidrográfica do Rio Apa é a primeira a ter um acordo binacional de gestão compartilhada a partir da demanda dos atores locais.

1.2. As práticas atuais em educação ambiental no Brasil e Paraguai

De acordo com os estudos de Lima (2005), a educação ambiental é um campo de atividade e de saber constituído, mundial e nacionalmente, nas últimas décadas do século passado com o objetivo de compreender e responder problemáticas expressas nas relações que envolvem a sociedade, a educação e o meio ambiente. Seu rápido crescimento e diversificação desencadearam uma multiplicidade de ações e de discursos que despertaram a atenção e o esforço da pesquisa acadêmica interessada em compreender os significados, os motivos, as características e especificidades desse novo campo social.

Para o autor, o caráter político, diversificado e conflitivo do universo da educação ambiental permite que a compreendamos como um campo social, composto por atores, grupos e instituições que compartilham um núcleo de valores, normas e características comuns, e que se diferenciam entre si por suas concepções sobre a crise socioambiental e as relações sociedade-natureza, bem como pelas intenções políticas e pedagógicas que defendem para abordar e intervir naquilo que se apresenta socialmente como “problemas ambientais” (LIMA, 2005).

Esses diferentes grupos vêm disputando a possibilidade de orientar o campo da EA de acordo com suas interpretações e interesses.

Acredita-se que não há como realizar uma proposta política pedagógica sem refletir sobre os conceitos de interdisciplinaridade, sustentabilidade e do sentido de educação ambiental, corroborando com a visão Loureiro (2004), o qual enfatiza que o debate ambiental é necessariamente político, histórico e social.

1.2.1. A educação ambiental no Brasil

Enfocando brevemente a trajetória da Educação Ambiental (EA) em nosso país, não tem como não citar a primeira repercussão, do tema em nível mundial, ocorrida com a realização da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente em Estocolmo em 1972. Nesse momento, de acordo com Lima (1984 *apud* GUIMARÃES, 1995, p. 17), se estabeleceu a “abordagem multidisciplinar para nova área de conhecimento, abrangendo todos os níveis de ensino, incluindo o nível não formal, com a finalidade de sensibilizar a população para os cuidados ambientais”.

O processo de institucionalização da EA no governo federal brasileiro iniciou-se em 1973 com a criação no Poder Executivo da Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA), depois na Política Nacional de Meio Ambiente em 1981 (PNMA), e consolida-se com os princípios democráticos da nossa Constituição de 1988. Foi nesse ano, institucionalizado uma prática de comunicação em e organização em rede, com os primeiros passos da Rede Paulista de Educação Ambiental e da Rede Capixaba de Educação Ambiental (BRASIL, 2005a, p.21-22), estratégia que vem identificar e estreitar relações ambientais em nosso país, mesmo que ainda de forma tímida na época.

Em 1989 foi criado o Fundo Nacional de Meio Ambiente (FNMA), pela Lei 7.797 que a partir do ano de 1990 começa a financiar projetos em EA. Em 1991, cria-se no Poder Executivo, as instâncias destinadas a lidar com a EA como instrumentos da política ambiental brasileira: Grupo de Trabalho de Educação do MEC que depois se transformou na Coordenação Geral de Educação Ambiental, e a divisão de Educação Ambiental do Instituto Brasileiros de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renovais (IBAMA). No

ano seguinte, foi criado o Ministério de Meio Ambiente (MMA) (BRASIL, 2005a, p. 22-23).

No Fórum Global, em 1992, no Rio de Janeiro foi estabelecido um dos documentos considerados como marco mundial para a educação ambiental: Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, devido o mesmo ser “elaborado no âmbito da sociedade civil e por reconhecer a educação ambiental como um processo dinâmico em permanente construção, orientado por valores baseados na transformação social” (BRASIL, 2005a, p.23). Nesse evento também foi adotada a Agenda 21, documento referência para ações de caráter educativo.

Em 1994, devido ao percurso institucionalizado em nosso país, principalmente pela nossa Constituição Federal de 1988 e dos resultados da Conferência Internacional de 1992, foi criado pela Presidência da República o Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA) em 1994. Seu objetivo é de promover a EA na educação básica e superior, e a conscientização pública, visando garantir o meio ambiente ecologicamente equilibrado. Logo em 1999, reformula-se o documento e cria-se a Diretoria do ProNEA. O documento trabalha com o conceito de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis (EASS) e traz, ainda, a missão, as diretrizes e os princípios para a EA no Brasil (BRASIL, 2005a, p. 15). A sigla PRONEA se remete ao documento produzido em 1994, e, a sigla ProNEA, ao documento de 1999.

Em 1997 foram lançados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documentos que constituem:

[...] um subsídio para apoiar a escola na elaboração do seu projeto educativo, inserindo procedimentos, atitudes e valores no convívio escolar, bem como a necessidade de tratar de alguns temas sociais urgentes, de abrangência nacional, denominados como temas transversais: meio ambiente, ética, pluralidade cultural, orientação sexual, trabalho e consumo, com possibilidade de as escolas e/ou comunidades elegerem outros de importância relevante para sua realidade (BRASIL, 2005, p.26).

Em abril de 1999, foi aprovada a nossa Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), Lei n.º 9.795 que dispõe e institui a EA como componente essencial e permanente da educação nacional brasileira, devendo estar presente na educação básica de forma articulada.

No ano de 2003, foi realizada a Conferência Nacional do Meio Ambiente (nas versões adulto e infanto-juvenil), e ainda no mesmo ano o MEC lançou o Programa “Vamos Cuidar do Brasil com as Escolas.” E em 2004, através da Resolução n.º 40 do Conselho Nacional de Recursos Hídricos (CNRH), foi criada a Câmara Técnica de Educação, Capacitação, Mobilização Social e Informação em Recursos Hídricos (CTEM), que tem entre suas competências: a proposição de diretrizes, planos e programas voltados à educação e capacitação em recursos hídricos.

E, com a Resolução n.º 2 de 15 de junho de 2012, o Conselho Nacional institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, esclarecendo no artigo 8º que a:

Educação Ambiental, respeitando a autonomia da dinâmica escolar e acadêmica, deve ser desenvolvida como uma prática educativa integrada e interdisciplinar, contínua e permanente em todas as fases, etapas, níveis e modalidades, não devendo, como regra, ser implantada como disciplina ou componente curricular específico (BRASIL, 2012, p.70).

Com essas diretrizes reafirmam-se os preceitos da n.º Lei 9.795 de 1999, que a EA deve estar presente no dia-a-dia dos alunos. Também oferece, aos educadores, orientações precisas sobre as formas com que essa educação deve ser executada, garantindo que o Projeto Político Pedagógico da escola contemple a dimensão da educação ambiental.

Em um de seus trabalhos, Pedrini (2004, p. 01) destaca que “as políticas públicas têm o propósito de instituir normas de convívio social para assuntos emergentes ou emergenciais numa coletividade [...] elas podem ser autoritárias ou democráticas.” O autor aponta apoiado em Brasil (2008, p. 36) os prós e os contras do projeto de Lei n.º 3.792/1993 (PRONEA) para estabelecer as regras para a EA em nosso país, dos quais se destacam dentre os prós: a concepção “parcialmente avançada” que propunha a aquisição de valores, atitudes e competências; objetivos multidisciplinares, democratização da informação e uma variedade de atividades; os princípios básicos que preveem: o pluralismo de ideias, culturais e de concepções pedagógicas, vinculação com a ética, educação, trabalho e práticas sociais, interdependência entre o meio natural, socioeconômico e cultural, sob o enfoque da sustentabilidade; e, por fim a avaliação crítica do processo instrucional (Pedrini, 2004, p.04-05).

Suas críticas, residem nos fatos “da concepção de EA com foco naturalista (considerado simplista) e a proibição da disciplina de EA em cursos de licenciatura ou graduação (seria a generalização da ideia, predominante entre educadoras/es, de uma EA transdisciplinar e interdisciplinar, e não como disciplina à parte, nos demais níveis de ensino)” (BRASIL, 2008, p.36).

Pedrini (2010, p. 164) postula que em países latino-americanos como o Brasil, onde a vulnerabilidade se faz presente, a solução está na intermediação de uma educação política, emancipatória e transformadora, como a Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis, conforme preconizado no ProNEA.

O conceito adotado pelo ProNEA está baseado em dois documentos, a Declaração da Conferência Internacional de Tbilisi de 1977 e no Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis. Para Pedrini (2007, p. 35), esses dois documentos “formam, juntos, um arsenal conceitual de EA no planeta”. Como bem aponta o autor, é o paradigma de EA contemporâneo em nosso país.

Assim, no Brasil as diretrizes apontam como eixo para a sustentabilidade ambiental, assegurar:

[...] em âmbito educativo a interação e a integração equilibradas das múltiplas dimensões da sustentabilidade ambiental – ecológica, social, ética, cultural, econômica, espacial e política – ao desenvolvimento do país, buscando o envolvimento e a participação social na proteção, recuperação e melhoria das condições ambientais e de qualidade de vida (BRASIL, 2005, p.33).

Sendo as diretrizes assumidas, também apontados pelo ProNEA (BRASIL, 2005): transversalidade e interdisciplinaridade; descentralização espacial e institucional; sustentabilidade socioambiental; democracia e participação social; aperfeiçoamento e fortalecimento dos sistemas de ensino, meio ambiente e outros que tenham interface com a educação ambiental.

De acordo com os estudos e levantamentos de Guimarães (1995) a prática da Educação ambiental em nosso país deve ser:

[...] eminentemente interdisciplinar, orientada para resolução de problemas locais. É participativa, comunitária, criativa e valoriza a ação. É uma educação crítica da realidade vivenciada, formadora da cidadania. É transformadora de valores e atitudes por meio da construção de novos hábitos e conhecimentos, criadora de uma nova ética, sensibilizadora e conscientizadora para relações integradas entre humano/sociedade/natureza objetivando o equilíbrio local e

global, como forma de obtenção da melhoria da qualidade de todos os níveis de vida (GUIMARÃES, 1995, p. 28).

Mas, o que é interdisciplinaridade? Izabel Carvalho respondeu a esta indagação:

Poderíamos definir a interdisciplinaridade como uma maneira de organizar e produzir conhecimento, buscando integrar as diferentes dimensões dos fenômenos estudados. Com isso, pretende superar uma visão especializada e fragmentada do conhecimento em direção à compreensão da complexidade e da interdependência dos fenômenos da natureza e da vida. Por isso é que podemos também nos referir à interdisciplinaridade como postura, como nova atitude diante do ato de conhecer. (1998, p.09)

Essa nova postura, alerta a autora, nasce quando se começa a suspeitar do óbvio, a desejar a construção dos conhecimentos tecidos por um caminho vivo, do transitar, nos diversos caminhos do conhecer. Carvalho (1998, p.23) afirma que é uma postura que precisa ser exercitada, precisa de sensibilidade, pois a educação ambiental está ligada à formação de valores e atitudes sensíveis à diversidade diante dos outros da natureza.

Desta forma, quando pensamos em uma EA de caráter eminentemente interdisciplinar, suas características principais é a troca de conhecimentos das disciplinas que compõem o currículo escolar, e não de mais uma disciplina estanque, mas de uma prática permeada pela contribuição dos conhecimentos de cada disciplina para práticas educativas e conhecimentos que levem à resolução de problemas que estão no cotidiano dos educandos. De acordo com o documento publicado pela Unesco, *“La Educación Ambiental”* (1980), orienta para que EA não seja uma disciplina, porque sem o enfoque interdisciplinar, é impossível conseguir estudar as interrelações, nem abrir o mundo da educação à comunidade, incitando seus membros à ação.

Tozoni-Reis (2008) aponta a necessidade de sabermos distinguir as diferenças entre os conceitos de disciplinaridade, multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, uma vez que, “a ideia de integração e de totalidade que aparentemente perpassa esses conceitos tem referenciais teórico-filosófico diferentes” (TOZONI-REIS, 2008, p. 87). Corroborando Lima (2004), também aponta essa necessidade:

A noção de integração introduz o sentido de complexidade. Resgata e articula as noções de multidimensionalidade, multiplicidade,

interdisciplinaridade, interdependência, diversidade, simultaneidade e complementariedade que são inerentes à vida e conseqüentemente à educação e à questão ambiental. Rompe, portanto, com as interpretações reducionistas, fragmentadas, mutiladoras e unidimensionais da realidade. Sem dúvidas é preciso debater sobre os diferentes enfoques presentes nas ideias de inter, trans e multidisciplinar. (p.97)

É preciso redirecionar o olhar para uma práxis de EA contextualizada, holística, capaz de perceber as inter-relações cotidianas, e cabe ao educador conseguir fazer as conexões das diversas ciências, conforme a perspectiva da complexidade proposta por Morin. Incorporando a interdisciplinaridade, deixa de lado a “visão unilateral da questão ambiental, que insiste em fragmentar a realidade e explicar sua totalidade através de uma de suas partes.” (LIMA, 2004, p.89).

Na multidisciplinaridade para Almeida Filho (1997), as pessoas, no caso das disciplinas dos currículos escolares, estudam perto, mas não juntas. A ideia aqui é a justaposição de disciplinas.

E a ideia do termo transdisciplinaridade ainda merece uma reflexão mais profunda, seus pressupostos epistemológicos são iniciais segundo Tozoni-Reis (2008).

Trata-se do efeito de uma integração das disciplinas de um campo particular sobre a base de uma axiomática geral compartilhada. Baseada em um sistema de vários níveis e com objetivos diversificados, sua coordenação é assegurada por referência a uma finalidade comum, com tendência a horizontalização das relações de poder. Implica na criação de um campo novo que idealmente desenvolverá uma autonomia teórica e metodológica perante as disciplinas que o compõem (ALMEIDA FILHO, 1997, p.10).

Na construção dessa autonomia teórica e metodológica é necessária a interação entre os sujeitos envolvidos na prática pedagógica é o eixo principal, com todas as suas diversidades históricas.

Tristão (2010) acredita que o pensamento transdisciplinar pode ser compreendido como um princípio epistemológico que se apresenta em uma dinâmica processual que tenta superar as barreiras do conhecimento mediante a integração de conceitos e metodologias. Entende como uma abordagem que transcende as disciplinas, que tenta entender o que está além. E, para nós a Educação Ambiental preenche este espaço entre, através e além das disciplinas.

Para Tozoni-Reis (2008) essa possibilidade de superação do distanciamento racionalista entre as disciplinas, proposta pela interdisciplinaridade, encontra também na transdisciplinaridade essa opção. A ideia de interdisciplinaridade está presente tanto na literatura acadêmica (MEYER, 1991; PETRAGLIA, 1993; BURNHAN, 1993; RUTKOWSKI, 1995; MUTIM, 1993; REIGOTA, 1995; PENTEADO, 1994; SORRENTINO, 1995; PEDRINI & DE-PAULA, 1995; CASCINO, 1999; CARVALHO, 1998, entre outros) quanto nos documentos produzidos em diferentes eventos internacionais oficiais ou organizados pelos movimentos ambientalistas, como a Carta de Belgrado (1975), a Declaração de Tbilisi (1997), a Agenda 21 (1992) e o Tratado das ONGs (1992). Nessas diferentes publicações, encontramos diferentes enfoques de interdisciplinaridade como princípio metodológico ou como paradigma educativo (TOZONI-REIS, 2008, p. 89).

Sauvé (2005) elaborou um mapa da diversidade de proposições pedagógicas, ou seja, as correntes predominantes em Educação Ambiental. Em seu trabalho, caracterizou 15 correntes, classificando-as em as de “longa tradição”: naturalista; conservacionista/ recursista; resolutiva; sistêmica; científica; humanista; moral/ética; e as correntes “mais recentes”: holística; biorregionalista; praxica; crítica; feminista; etnográfica; da ecoeducação e da sustentabilidade.

De acordo com a análise das correntes predominantes em EA comparadas com as premissas contidas nos documentos oficiais, aponta-se que no Brasil a EA deve ser trabalhada em uma abordagem sistêmica, que consiga integrar os diversos aspectos da problemática ambiental contemporânea. Todos os documentos e normativas asseguram que, enquanto cidadãos, precisamos e podemos construir diferentes olhares, provenientes de nossa cultura e trajetórias individuais e coletivas. Enquanto sujeitos inclusos em uma sociedade, devemos interagir com a realidade que vivemos e nela participarmos ativamente na busca pela justiça social, na busca por um modelo socioeconômico sustentável para e com o outro.

1.2.2. Educação ambiental no Paraguai

Primeiramente faz-se necessário compreendermos como funciona o sistema educativo e sua estrutura no país. O país passou por uma reforma constitucional em 1992, e a Lei n.º 1.264, que regulamenta o ensino, foi aprovada em 26 de maio de 1998. O marco básico para a mudança educacional origina-se com a aprovação da Constituição, sancionada em 20 de junho de 1992.

Com o novo ordenamento, o sistema educacional do Paraguai passa a incluir a educação em regime geral, especial e nas modalidades educativas.

Assim, a educação escolar básica no Paraguai tem duração de nove anos, os quais compreendem três ciclos de três anos de duração cada. A etapa da educação média compreendem três anos e o estudante pode optar pelo bacharelado científico, com ênfase em letras e artes; ciências sociais ou ciências básicas e tecnológicas; ou o bacharelado técnico, industrial, serviços e agropecuário. A educação média inicia-se aos 15 anos e vai até aos 17 anos, que não é obrigatória e, muitas das vezes, dependendo da situação econômica do município, também não é gratuita. Em nossa região de fronteira, em *Bella Vista*, existe um Colégio Nacional que oferece essa etapa gratuitamente, e um colégio paroquial particular.

Na Figura 04 podemos verificar o panorama geral da estrutura e do funcionamento do sistema educativo Paraguai, normatizado pelo Ministério da Educação e Cultura:

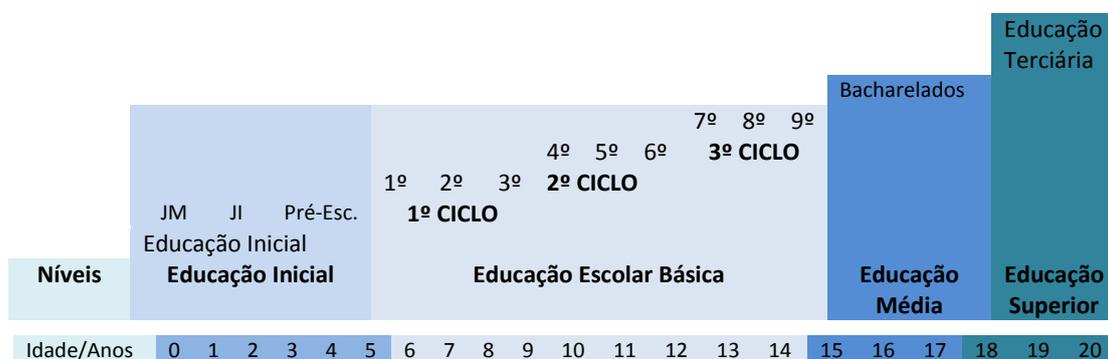


Figura 4: Estrutura e organização do Sistema Educativo Paraguai
 Fonte: MEC/PY *apud* Unesco, 2010.

Sobre currículo, a Lei Geral da Educação Paraguai de 1998, em seu artigo 11, define como o conjunto dos objetivos, conteúdos, métodos pedagógicos e critérios de avaliação de cada nível do ciclo e graus da modalidade do sistema educativo. Ainda de acordo com a Lei, a comunidade deverá contribuir para manter as dimensões ética e cultural no processo educativo. O Ministério de Educação e Cultura (MEC/PY) é quem define os conteúdos mínimos para o âmbito nacional.

Conforme documento da Unesco, o currículo da educação escolar básica do Paraguai propõe a participação dos diferentes seguimentos da comunidade escolar e busca promover uma aprendizagem centrada no aluno, conforme suas características, desenvolvimento e contexto social. Prima pela aprendizagem significativa, pela educação de valores, a incorporação de atividades lúdicas, o desenvolvimento da criatividade e a integração de um processo de avaliação constante e formativo. Então, o processo de avaliação como parte inerente a qualquer ato educativo, é sistemático, formativo integral e funcional, e ainda *“La evaluación debe ser una experiencia constructiva de aprendizaje que debe contribuir a mejorar el proceso, como a dar confianza e seguridad al educando y al educador”*⁶ (UNESCO, 2010, p. 12).

Nos últimos tempos o termo competência passou a integrar o vocabulário pedagógico do país, com a compreensão de que o termo permite a integração de capacidades como: atitudes, conhecimentos, habilidades e atitudes para a produção de um conhecimento eficiente, lógico, e eticamente aceitável no marco do desempenho de uma determinada lista proposta para cada etapa do ciclo (UNESCO, 2010).

No que tange ao planejamento, o professor deve analisar as competências propostas nos programas de estudos, e assim definir os temas que estão implícitos nos enunciados de cada capacidade que ele deverá desenvolver; determinar os processos pedagógicos mais pertinentes à sua realidade institucional; desenvolver os processos próprios para que o aluno venha adquirir a competência desejada; definir os indicadores de avaliação

⁶ A avaliação deve ser uma experiência construtiva da aprendizagem, devendo contribuir para melhorar o processo, como a dar confiança e segurança ao aluno e ao professor. (Tradução da pesquisadora).

com cada competência trabalhada e assim decidir sobre os instrumentos de avaliação que irá aplicar.

Na educação escolar básica paraguaia, os componentes transversais que integram a área curricular educacional são: a educação democrática, a EA e a educação familiar.

O componente da educação democrática é fundamental para o desenvolvimento e a prática dos valores para a convivência democrática, destacando “*para facilitar su tratamiento en aula, el docente debe transformar y proyectar sus prácticas cotidianas en una participación activa y constructiva, en interacción constante con todos los miembros de la comunidad educativa*”⁷ (UNESCO, 2010, p. 13).

Na área de EA, à escola caberá desenvolver capacidades, habilidades e atitudes que promovam a preservação e conservação do ambiente através da sensibilização e conscientização dos alunos para a realidade atual do meio ambiente, e a vivência constante do cuidado e do uso racional do ambiente escolar e comunitário. E no caso da educação familiar o docente poderá utilizar estratégias variadas para incorporar este componente transversal.

[...] como, por exemplo, partir das referências sobre a família que aparecem nos textos escolares e a finalidade que tem a inclusão dos mesmos, o valor da família para cada menino e menina, por que é imprescindível pertencer a uma família, que tipos de famílias existem. (UNESCO, 2010, p. 13. Tradução da pesquisadora).

Os programas do primeiro ciclo da educação escolar básica paraguaia oferecem também uma atenção à diversidade e ao tratamento da igualdade de gêneros.

Analisa-se que com a inclusão do conceito local no currículo escolar, vindo após a reforma educacional, *Ley General de Educación de 1998*, n.º 1.264, o espaço escolar conseguiu transcender o conceito de gestão escolar tradicional, podendo ser pensando pelos agentes escolares, propondo um novo conceito de escola, passando a vê-la como um espaço que gera aprendizagem e que deve incluir valores através dos temas transversais, os quais possibilitam o desenvolvimento do estudante como pessoa.

⁷ Para facilitar o seu tratamento em sala de aula, o docente deve transformar e projetar suas práticas cotidianas em uma participação ativa e construtiva, em interação com todos os membros da comunidade escolar. (Tradução da pesquisadora).

Percebemos assim, que a dimensão EA no Paraguai também é tratada como um tema transversal, assim como em nosso país. Não fica a cargo de uma disciplina específica, mais permeia por todas. Reforçado pela Política Ambiental Nacional do Paraguai.

Uma questão importante a enfatizar, é o fato de como a comunidade escolar deve enfatizar os temas transversais, como os aspectos dos componentes locais, projetados em ações que possibilitem o desenvolvimento social da comunidade na qual estão inseridas.

A orientação destina-se para os três ciclos da Educação escolar básica, é essencialmente formativa e faz referências à internalização e fortalecimento de valores, ao autoconhecimento e à integração social. [...] o Projeto Educativo Comunitário é uma instância de operacionalização do Projeto Educativo Institucional (PEI) e deve ser construído com a participação ativa dos alunos, alunas, docentes, dos pais, da família e outros representantes da comunidade (UNESCO, 2010, p.14. Tradução da Pesquisadora).

Assim, todo projeto educativo a curto, médio e longo prazo deve estar previsto no Projeto Educativo Institucional (PEI) nas escolas paraguaias. Para nossa realidade brasileira é o equivalente ao Projeto Político Pedagógico (PPP) ou Proposta Política Pedagógica.

Encontra-se em vigor o Plano de Desenvolvimento da Educação Nacional do Paraguai até o ano de 2024, e uma de suas visões e missões educacionais projetados para o país, é o paradigma educativo que propõe uma relação harmônica, transformadora e ética entre as pessoas e o seu contexto social, ambiental e, independentemente de qualquer tipo de fator de dominação.

O país ainda não tem diretrizes curriculares estabelecidas para tratar a dimensão ambiental.

A EA no Paraguai pode ser trabalhada na forma como preconiza o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, publicado originalmente também na língua espanhola, é a base para a busca de uma EA transformadora.

Dois países, com intenções de projetar ações socioambientais em seu contexto, não ferem suas soberanias federativas, embasam-se em documentos

internacionais, como no Tratado, e nos nacionais que regulamentam e direcionam os caminhos para uma EA.

2. A CONCEPÇÃO EDUCACIONAL E AMBIENTAL: DIRETRIZES



Expedição descida do Apa, 2011. Foto: Roberto Esquivel.

*“É atuando no mundo que nos fazemos.
Por isso mesmo é na inserção no mundo
e não na adaptação a ele que nos
tornamos seres históricos e éticos,
capazes de optar, de decidir, de
romper.”*

FREIRE (2000, p. 90)

2.1 Os pressupostos de Paulo Freire

Ao pensarmos o termo educação, precisamos primeiramente ter em mente que é um fenômeno essencialmente humano. Afinal, somos a única espécie que ao nascermos não trazemos os aparatos necessários para nossa sobrevivência como espécie, precisamos do relacionamento com o outro para garantir nossa sobrevivência.

E, enquanto educadora, acredita-se no viés educacional que parte de um processo que articule conhecimento, intencionalidade e transformação social.

O educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997) nasceu em Recife e formou-se em Direito, mas tornou-se educador e trabalhou com o contexto não escolar de alfabetização de jovens e adultos durante grande parte de sua vida. Contribuiu como poucos para a reflexão do homem e seu compromisso com a sociedade (TORRES; MAESTRELLI, 2011), desenvolvendo um pensamento pedagógico político, quando deixa em seu legado que o maior objetivo da educação é conscientizar o aluno em relação às parcelas desfavorecidas da sociedade, levando-as a entender sua situação de oprimido e dotando-os de conhecimentos, para assim, agir em favor de sua própria libertação.

Esse movimento deve ser pensado no nosso percurso reflexivo que permite a formação de educadores, tanto em sua formação inicial e em atuação, fazendo-nos refletir e buscar as transformações necessárias para a nossa prática pedagógica. Assim, o pensamento freireano serve como base para o processo de formação docente, e, também supõe o respeito pelo saber do educando e reconhece a identidade cultural do outro, do caráter histórico associado sempre à prática social.

Freire (1979) em sua obra *“Educação como Prática da Liberdade”*, se refere à teoria como um “contemplar” da cultura, do sujeito da educação, do fenômeno educativo e principalmente do homem e da sociedade.

De teoria, na verdade, precisamos nós. De teoria que implica uma inserção na realidade, num contato analítico com o existente, para comprová-lo, para vivê-lo e vivê-lo plenamente, praticamente. Neste sentido é que teorizar é contemplar. Não no sentido distorcido que lhes damos, de oposição à realidade [...] (FREIRE, 1979, p. 93).

O autor, ao elucidar o caráter contemplativo da teoria garante a inserção do homem na sua realidade vivida, enfocando que a teoria é sempre a reflexão do que se faz em um contexto concreto. Deixa claro que se não associarmos a nossa prática pedagógica a uma teoria que nos permita repensar o contexto local, nosso ato não será de apropriação do caráter crítico, transformador, e, sim, de mero reproduzidor de uma realidade contrastante e opressora.

Quanto à prática, Freire (1979) define-a usando as bases da dialética hegeliana da relação entre “consciência servil” e “consciência do Senhor” ampliando para o conceito de práxis colocado por Marx, devido à relação subjetividade e objetividade. Assim, como postulou Marx em seu legado teórico, Freire (1979) também postulou que não basta só conhecer o mundo, é preciso transformá-lo. “[...] a práxis, porém, é ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 1983, p.40). Por mais que Freire não tenha utilizado explicitamente categorias marxistas para elaborar sua concepção educacional, conforme Gehlen (2009) em seus estudos, Freire (2002, *apud* Gehlen, 2009) afirma que o homem é homem e o mundo é histórico-cultural na medida em que, ambos inacabados, se encontram numa relação permanente, na qual o homem, transformando o mundo sofre os efeitos de sua própria transformação. Assim, conforme afirma Gahlen (2009), Freire compreende que na relação entre homem e natureza há uma transformação recíproca.

Segundo Torres e Maestrelli (2011), a Pedagogia Freireana se fundamenta, principalmente, nas categorias: dialogicidade, problematização e conscientização, as quais, uma vez articuladas em torno dos temas geradores possibilitam a concretude de uma educação libertadora, emancipatória e democrática que se volta à perspectiva de contribuir com a formação da consciência crítica dos sujeitos, de forma a estimular a participação responsável dos indivíduos nos processos culturais, sociais, políticos, econômicos, enfim, a participação dos sujeitos no mundo em que vivem. Com Toniolo (2010) descobrimos o fundamento da categoria amorosidade.

Os pressupostos freireanos a cada dia se apresentam mais atuais e envolventes, principalmente na medida em que nos colocamos como sujeitos da nossa própria história. Enquanto educadores, temos como tarefa, conforme apontado por Brandão (2006), criar outra educação, onde possamos nos

reeducar, no processo do verdadeiro ato político que começa com a afirmação de que a:

Educação é um trabalho político [...] que antes estava escondido sob o véu da 'missão pedagógica do civilizador' e que, agora, aparece desvelado, como a missão política de participar do trabalho de libertação também através do ensino, da educação (BRANDÃO, 2006, p. 85-86).

Não existe prática educativa neutra. Por trás de nossos atos existem intenções, que estão norteadas sempre por metas ou objetivos e, enquanto educadores, devemos sempre nos questionar “o que pretendemos”? Queremos contribuir para manter a sociedade do jeito que está? Ou contribuir para a transformação social e econômica? Com a proposta da ação cultural para a liberdade é possível encontrar em “cada realidade histórica, os caminhos de ida e volta entre o desvelamento da realidade e a prática dirigida no sentido de sua transformação” (FREIRE, 1983, p. 60).

Freire, ao postular uma concepção para a prática da educação que combata a tão bem descrita por ele como “educação bancária” (FREIRE, 1983; 1996), nada mais é do que o ensino mecanicista, que não ensina ao educando a pensar, nos mostra um caminho desvelador, onde podemos embasar nossa prática em uma educação com enfoque na problematização ou no diálogo. A vinculação da prática pedagógica à essa concepção permite aos nossos educandos e a nós mesmos, a apropriação de conhecimentos a partir da realidade vivida, permitindo o questionamento da nossa relação com o mundo. Para isso o educador precisa enxergar o educando como sujeito da ação educativa e como coparticipante na definição do conteúdo programático.

Delizoicov; Angotti; Pernambuco (2007, p.183) enfocam que, tanto na produção do conhecimento científico como naquela que origina o conhecimento do senso comum, é necessária a explicitação das concepções de sujeito e de objeto, norteadora das análises epistemológicas que supõem a interação como gênese do conhecimento. Corrobora-se com os autores, entendendo ser necessário visualizar um “sujeito no coletivo”, cognoscitivo, que estabelece relações com o seu meio físico e social, destacando:

Um sujeito **não neutro**, mas, para além da conseqüente diversidade das interações em que esta inserido, é concebido como **ontológico**, ou seja, como possuidor de uma natureza que é comum a todos e a cada um dos seres humanos, incluindo nessa universalidade a

capacidade de se constituir com um aparato cognitivo que lhe permita conhecer, caracterizando-se também como um **sujeito epistêmico** (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2007, p.184, grifo dos autores).

Ao assumir essa postura frente a um sujeito epistêmico é possível assumir as premissas da educação problematizadora, dialogada, por que ela propõe uma transformação radical na forma de pensar a educação, a sociedade e a relação de aluno e professor, e da comunidade escolar como um todo. Afinal, a escola não se resume apenas nas relações aluno x professor. Há os coordenadores, o diretor, os funcionários, a comunidade interescolar e a extraescolar, que não podem ser esquecidos se o que se deseja é uma educação para a transformação. Este é o ponto de partida para se efetuar a educação problematizadora, presente na experiência contextualizada do educando, tendo como base o diálogo. Também fundamentada na criatividade de forma a estimular a ação, a reflexão e uma nova ação. Aliás, esses três momentos: ação, reflexão, ação são à base da dialética, interdisciplinarmente entrelaçados no “método Paulo Freire”, que permite a conscientização dos nossos atos (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2007). Dessa forma, combate-se a “educação bancária”, onde o que importa é o que o professor pensa e deseja, o aluno é o ser passivo do processo de ensino e de aprendizagem.

Desvela-se, nesse sentido, um dos saberes necessários para a prática pedagógica: “que ensinar exige rigorosidade metódica”, possibilitando ao educando se “‘aproximar’ dos objetos cognoscíveis” (FREIRE, 1996, p. 26), num caminhar que possibilite afirmar a criticidade do educando e do educador, lembrando que não apenas cabe ao educador ensinar conteúdos, mais também ensinar o educando a pensar certo:

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de intervir no mundo, conhecer o mundo. [...] Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o que ensina e se aprende o conhecimento já existente e o que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. A “docência” – docência-discência – e a pesquisa, indicotomizáveis, são assim práticas requeridas por estes momentos do ciclo gnosiológico (FREIRE, 1996, p. 28).

Ensinar para Freire (1996) é pensar certo e saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção. Devemos assim estar abertos as indagações, à curiosidade, as pesquisas, as perguntas dos alunos, as suas inibições, enxergar o aluno como um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa de ensinar e não de transferir conhecimentos (FREIRE, 1996, p. 47). Lembrando que sem rigorosidade metódica não há um pensar certo.

Em sua principal obra, “Pedagogia da Autonomia”, Freire (1996) lista os saberes necessários para a prática educativa, que são: ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção; ensinar exige rigorosidade metódica; ensinar exige pesquisa; ensinar exige respeito aos saberes dos educandos; ensinar exige criticidade; ensinar exige estética e ética; ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo; ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural. Porém, para o educador apropriar-se desses saberes, precisa ter consciência: do inacabado; do ser condicionado; exige o reconhecimento de ser condicionado; o respeito à autonomia do ser do educando; o respeito ao bom senso; o respeito à humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores; a apreensão da realidade; a alegria e esperança; a convicção de que a mudança é possível, e a exigência da curiosidade (FREIRE, 1996, p. 47-84).

E por fim, nos mostra que ensinar é uma especificidade humana, e que exige: segurança, competência profissional e generosidade; comprometimento, a compreensão de que a educação é uma forma de intervenção no mundo; liberdade e autoridade; tomada consciente de decisões; saber escutar; reconhecimento de que a educação é ideológica; responsabilidade para o diálogo e o querer bem aos educandos (FREIRE, 1996, p. 91-141).

Com esta obra Freire (1996) revela o sentido da necessária eticidade que permeia a natureza da prática educativa. Fala da ética universal do ser humano enquanto marca da natureza humana, enquanto algo absolutamente indispensável à convivência social. Interessante focar a visão Freireana sobre a ideologia neoliberal, a qual se refere à ideologia fatalista da política e ao discurso neoliberal, assunto esse, repetido várias vezes, no decorrer da

publicação. Como a economia neoliberal só beneficia as grandes potências econômicas e as empresas multinacionais, os países pobres ou em processo de desenvolvimento, como é o nosso caso, por exemplo, sofrem com os resultados de uma política neoliberal. Nestes países, as consequências do neoliberalismo são: desemprego, baixos salários, aumento das diferenças sociais e dependência do capital internacional (FREIRE, 1996). Freire criticava essa corrente, por ela possuir “uma ideologia fatalista em que não permite aos desvalidos da sorte, o sonho e a utopia como fomentadores da esperança” (LEAL, 2005, p. 03).

Aí que a possibilidade de transgressão da ética deve ser combatida e nada justifica a minimização dos seres humanos. O avanço da ciência e da tecnologia pode legitimar uma ordem desordeira em que só as minorias do poder esbanjam e gozam, enquanto que as maiorias se encontram em dificuldade até para sobreviver, mas que afirma que a realidade é assim mesmo, que sua fome é uma fatalidade do fim do século.

Brandão (2006, p. 21) ensina que um dos pressupostos do método é a “ideia de que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho”. Não existe educação como ato isolado, educar é um processo trabalhado, é de discussão da realidade vivida, com análise crítica, por meio das trocas realizadas entre os envolvidos no processo educacional.

Através do universo temático, os agentes envolvidos no processo, podem refletir sobre os seus desejos e da sua comunidade, e são esses conhecimentos que os levam à transformação da realidade vivenciada, que será a forma de organizar o conteúdo programático. Freire (1983) indica que o momento da busca desses conteúdos, inaugura o diálogo da educação como prática de liberdade. É o momento em que se realiza a investigação, o que o autor chamou de universo temático do povo ou conjunto de seus temas geradores.

A investigação temática é a pesquisa realizada em conjunto pelo educador e pela comunidade escolar sobre a realidade que os cerca e a experiência de vida do aluno (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2007, p. 275). Essa é a fase na qual se inicia a busca da elaboração do conteúdo programático que tenha sentido para a comunidade envolvida em sua elaboração. Surgem assim, os temas geradores, que são os conteúdos

significativos para o educando, nascidos no processo desencadeado na investigação temática, e conforme apontam Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2007), são entendidos como importantes para a superação das situações-limites dos educandos.

Para Freire (1983) chamam-se geradores porque, qualquer que seja a natureza de sua compreensão como ação por eles provocada, contém em si a possibilidade de desdobrar-se em outros tantos temas que, por sua vez, provocam tarefas que devem ser cumpridas. Suas características básicas: encontram-se nas relações homem-mundo; pode-se gerar um conteúdo programático relacionado diretamente ao contexto de vida do aluno; propicia uma reflexão crítica da realidade; pode levar a uma intervenção na realidade.

Ao iniciarmos essa investigação temática dos temas geradores, cria-se a possibilidade de instituir verdadeiros círculos de cultura, com os quais Freire (1983) mostrou ao mundo, primeiramente de modo não formal, que é possível fazer com o que o sujeito seja protagonista de sua própria história. São círculos de cultura porque são debates provenientes do meio cultural dos sujeitos que participam do processo educativo que permite a conscientização da necessária criticidade para os homens pensarem o mundo e se humanizarem.

Na tentativa de construir uma base teórica própria, objetivo deste capítulo, constata-se que os fundamentos que alicerçam os princípios teóricos freireanos, além de residirem nas categorias: diálogo, problematização, conscientização, tem-se também a categoria da amorosidade, pois para Freire:

[...] a qualidade fundamental para um bom educador era o gosto que este deveria ter pela vida, afirmando sempre que a vida é que aguça a nossa curiosidade e nos leva ao conhecimento. (TONIOLO,2010, p. 35)

Freire viveu sua vida amorosamente, e nos ensinou por corporeificação da palavra, que precisamos levar o amor e a afetividade para os espaços escolares e, digo, em qualquer lugar que vivemos. Freire em suas obras, em seus testemunhos “falava a partir do seu espaço vivido, sentido, experienciado, do silêncio do olhar” sobre a importância do diálogo e do amor no processo de ensinar. Toniolo (2010) alerta para a dificuldade das escolas encontrarem a ligação entre os conhecimentos “científicos” com os vividos, experienciados em nossa própria vida. Incorpora-se, muitas vezes, o ato mecânico de ensinar.

Esquecemos que somos sujeitos, seres humanos, movidos pelo amor, pela curiosidade, pela ação. E como aprender a ser gente em um contexto que, muitas vezes, “afasta ao invés de aproximar”, onde o educador é o detentor e os alunos os que precisam aprender, relações verticais! Nesse contexto não há espaço para o diálogo, respeito ao outro, para a afetividade, acolhimento, a “convivência amorosa” (TONIOLO, 2010). É, contra esse tipo de práxis que se impõe a cultura do silenciamento nos espaços escolares, ou em qualquer ambiente educativo, que devemos combater se desejarmos alcançar os quatro pilares propostos para educação contemporânea: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver; e, aprender a ser, conforme prescrito no relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors.

E mesmo anos após o postulado freireano, ainda percebe-se o vazio que as escolas representam para os alunos e para muitos professores, que ainda não politizaram a sua prática pedagógica. Escolas, como bem nos aguça Rubem Alves (LAGO, 2008), são como verdadeiras gaiolas, que não permitem a educandos e educadores serem sujeitos de sua própria história. Precisamos de escolas que saibam dar asas, e como enfatiza Rubem Alves, “eu sei que há professores que amam o voo dos seus alunos. Há esperança” (LAGO, 2008, p.33). E como há!

2.2 A Tendência de Educação Ambiental Emancipatória

Quando fazemos EA o que queremos? Onde desejamos chegar? As posturas políticas intencionais das ações em EA devem ficar sempre bem definidas, pois afinal não existe prática neutra, desprovida de desejos de mudanças.

Infelizmente, o determinismo ecológico tende a reduzir a questão ambiental a um problema estritamente ecológico, sem incorporar as demais dimensões sociais, éticas, políticas e culturais que atravessam e condicionam o fenômeno ambiental.

Esse nunca pode ser o desejo de quem faz EA. É preciso acreditar em uma visão de mundo que implica estar situado em um contexto, a uma

organização social que nos leva a realizar escolhas políticas, éticas, pedagógicas e culturais. Não podemos reduzir a luta em apenas uma questão ambiental (LIMA, 2004, p.89-93). O que é preciso para as práticas em EA terem sucesso é o envolvimento dos sujeitos com o lugar, com o território que habitam.

Por essa razão, o sentido político deste estudo permeia os preceitos da corrente emancipatória, pois Lima (2004) argumenta:

A educação ambiental emancipatória acompanha esse movimento de complexificação e politização da educação ambiental ao introduzir no debate ingredientes e análises sociológicas, políticas e extrações de uma sociologia da educação de teor crítico e integrador, reunindo e pondo em diálogo uma diversidade de contribuições provenientes da teoria crítica, do pensamento ecológico, da teoria da complexidade, do neomarxismo, da teoria do conflito, da sociologia ambiental, da teoria da sociedade de risco, da educação popular, do socialismo utópico, da versão contemporânea da teoria da sociedade civil e dos movimentos sociais, do pós-estruturalismo e pós-modernismo, do ecodesenvolvimento e de uma educação ambiental crítica, entre outros (2004, p. 93).

A tendência crítica, transformadora e emancipatória de EA segundo Lima (2002) e Loureiro (2004), é caracterizada como possuidora de atitude crítica diante dos desafios que a crise civilizatória nos coloca, partindo do princípio de que o modo como vivemos não atende mais aos nossos anseios e compreensão de mundo e sociedade, e de que é preciso criar novos caminhos para o entendimento da democracia como condição para a construção de uma sustentabilidade, tendo convicção de que o exercício da participação social e o exercício pleno da cidadania são práticas indispensáveis à democracia e à emancipação socioambiental.

Ao pensar em uma tendência pedagógica que embase a prática com o trabalho pedagógico com a EA emancipatória, em um determinado contexto escolar comprometido com a sustentabilidade, precisamos que a posição escolhida pela comunidade reflita o papel da escola enquanto instrumento de intervenção e de transformação social. Para Freitas (2005), dentro dessa reflexão é essencial que a EA esteja inserida e sintonizada com a organização do trabalho pedagógico, compreendida em suas interfaces – trabalho desenvolvido predominantemente na sala de aula, organização global do trabalho pedagógico na escola e no projeto político pedagógico da escola.

Para Loureiro (2007), a emancipação não existe fora da nossa história, da natureza. Não é um movimento linear e automático de sair de um padrão para outro, mas dinâmico, pelo qual superamos limites identificados ao longo da existência. Assim, emancipação “na filosofia, na teoria educacional e na prática política, remete a dois conceitos que, por serem pressupostos do processo emancipatório permitem entender o seu significado: liberdade e autonomia” (*op. cit.*, p. 159).

Liberdade e autonomia são conceitos distintos e dotados de significados, conforme Loureiro (2007):

Liberdade se refere à eliminação da ação e do conhecimento gerado pelos agentes sociais (práxis) com o objetivo de se ampliar as possibilidades pessoais de realização e o potencial criador humano. [...] Autonomia significa estabelecer as condições de escolha em que não haja tutela ou coerção. Ou seja, em que os sujeitos – individuais ou coletivos – não sejam dependentes de outrem para conhecer e agir, seja o Estado, o partido, uma elite econômica, política ou intelectual, um filantropo ou uma empresa (LOUREIRO, 2007, p. 160).

Assim, em um processo que se afirma emancipatório, as relações sociais se pautam pela igualdade e justiça social, pelo respeito à diversidade cultural, pela participação e pela autogestão, afirma Loureiro (2007). E, para o autor, a finalidade da EA, ou de qualquer processo que possa se afirmar como educativo, é a emancipação.

Quanto aos autores mais visitados ou, de alguma forma, inspiradores de uma pedagogia libertadora, segundo Lima (2004, p. 93) pode-se mencionar nomes como: Kazue Matsushima, Carlos Rodrigues Brandão, Marcos Sorrentino, José da Silva Quintas, Philippe Pomier Layrargues, Paula Brügger, Isabel de Moura Carvalho, Michèle Sato, Haydée Torres, Luiz Marcelo de Carvalho, Carlos Frederico Loureiro, Boaventura de Souza Santos, Edgar Morin, Paulo Freire, Herbert Marcuse, André Gorz, Felix Guattari, David Pepper, Enrique Leff, Ernst Bloch, Jean Pierre Dupuy, Ivan Illich, Zygmunt Bauman, Henry Giroux, Anthony Giddens, Ulrich Beck, Andrew Blowers, Michel Foucault, Moacir Gadotti, Henri Acselrad, Hector Leis, Henrique Rattner, Lia Diskin, José Augusto Pádua, David Orr, John Fien, Bob Jickling, Stephen Sterling, Anette Gough, Lucie Sauv e, John Huckle, Claus Offe, Jurgen

Habermas, John S. Dryzek, Nancy Mangabeira Unger, Thich Nhat Hanh, Leonardo Boff e Laymert Garcia dos Santos, entre outros.

Lima (2004) argumenta que a EA Emancipatória, em termos teóricos e conceituais, procura enfatizar e associar as noções de mudança social e cultural, de emancipação/libertação individual e social e de integração no sentido de complexidade.

Ainda, Lima (2004) enfoca que ao propor uma EA Emancipatória, desejava na verdade discutir essa vertente em uma perspectiva analítica e crítica e não como uma intenção de formular algo como uma tendência conceitual ou como uma proposta metodológica. Mas, oferece uma relação com a Pedagogia Freireana, que ao propor uma educação libertadora, traz uma rica contribuição teórica e metodológica para a prática da EA emancipatória quando procura despertar a consciência do educando através da problematização dos temas geradores pertencentes ao seu universo vivido. Trabalha, nesse sentido, sua percepção de indivíduo no mundo em relação aos outros indivíduos visando sua inserção crítica nessa realidade. “Nesse processo os educandos reconhecem sua situação como problema e se deparam com a possibilidade de assumirem sua história, superando os obstáculos que impedem seu crescimento e humanização” (LIMA, 2004, p. 101).

Quanto ao papel do educador dentro da abordagem emancipatória, Loureiro (2007) indica alguns elementos para que consigamos realizar a leitura crítica para a busca e construção de caminhos possíveis. Para tal, o autor considera como pontos relevantes e analisando todos os pontos imprescindíveis para a atuação de um educador ambiental, assim, trazemos a esta discussão o que é preciso saber:

- Conhecer aquilo que é específico do ato educativo, qual é a função social desempenhada pela Educação Ambiental, como esta se insere na política educacional do país e nas políticas públicas em geral. Conhecer também as estruturas curriculares e analisar como o ambiental é cabível em tais estruturas implementadas no Brasil.
- Entender os mecanismos de apoio a projetos e a relação destes com a formação do cidadão para atuar em sua realidade. Boas ações não bastam em si mesmas. Precisam ser problematizadas em um contexto, reconhecendo limites, avanços e tensionamentos que o processo estabelece. Ao se montar e realizar uma atividade de Educação Ambiental é imprescindível saber com quem se está dialogando, em favor do quê e para quê.

- Resgatar um conceito formidável apresentado por Gramsci (1995), o de educação unilateral (educação que trabalha com as nossas múltiplas dimensões formativas). Ao educador ambiental cabe atuar no sentido de garantir acesso universal à informação, ao conhecimento produzido e aos diferentes saberes. Isto implica em se pensar a prática educativa contemplando: conhecimentos ecológicos, filosóficos e sócio históricos; vivências corporais e sensoriais; dramatizações e experiências lúdicas; atividades de pintura, musicais e esportivas; e o aprendizado de técnicas que permitam a tomada de consciência sobre os principais meios utilizados na criação dos bens de consumo. Isto é, garantir um diálogo complexo com o mundo e no mundo.
- Fortalecer o ensino público e a relevância da atuação do professor na transmissão, recriação e problematização do que geramos de cultura até aqui enquanto humanidade.
- Fortalecer a ação de educadores ambientais em movimentos sociais e nos grupos em maior estado de vulnerabilidade socioambiental;
- Consolidar a relação escola-comunidade e a construção de canais de participação e diálogo.
- Continuar o processo de organização de redes e outras institucionalidades que nos dão identidades e que permitem maior interlocução e pressão na definição de diretrizes de Estado.
- Ampliar e investir nas estratégias de qualificação e formação participante em diferentes níveis e grupos sociais.
- Intervir nas políticas de educação e de meio ambiente do país, garantindo ações compatíveis com a Educação Ambiental e sua universalização (LOUREIRO, 2007, p. 164-165).

Esses são desafios que precisam ser enfrentados.

Estando e pertencendo a um coletivo, tudo é mais suave e as ideias se multiplicam em torno do agir, em nível no qual todos se comprometem com a mudança desejada. E é através da educação que podemos “estimular sensibilidades, despertar consciência e exercitar ações libertadoras, humanizadoras e cidadãos capazes de promover a vida e as relações dos indivíduos consigo mesmo, com os seus semelhantes em sociedade e com o meio envolvente” (LIMA, 2004, p. 101-102).

3. METODOLOGIA: EVIDENCIANDO CADA CICLO DA PESQUISA



Expedição Descida do Apa, 2011. Foto: Áurea da Silva Garcia.

*“Tudo aquilo
que sei do
mundo, mesmo
por ciência, eu o
sei o partir de
uma visão
minha ou de
uma
experiência do
mundo sem a
qual os símbolos
da ciência não
poderiam dizer
nada [...] A*

*ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo
percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma
explicação dele [...] Retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo
anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala”.*

MERLEAU-PONTY (2006, p.03)

Neste capítulo é descrito cada ciclo, conforme sistematizada a presente pesquisa-ação⁸. Por ser uma proposta diversificada, se não defini-la, com objetivos e fases definidas, sei que corro o risco de não seguir as exigências científicas. Aponto como consegui o relacionamento entre conhecimento e ação dentro de um grupo social: o Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras (GEASF).

3.1 Planejamento: da preocupação temática ao primeiro passo de ação

O delineamento escolhido para o presente estudo foi por uma abordagem qualitativa da pesquisa-ação, que de acordo com Thiollent (2009), cada vez mais ganha audiência nos meios sociais. Corroborando, Pedrini (2007) aponta que a pesquisa-ação é um método qualitativo de investigação e um dos mais utilizados por educadores ambientais.

Os fundamentos epistemológicos centram-se na abordagem qualitativa, porque a mesma compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados, e, tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação (MAANEN, 1979a, p. 520 *apud* NEVES, 1996, p. 01).

A pesquisa-ação passa pelo ciclo de Reflexão, Ação e Reflexão sobre a Ação, e:

Um dos principais objetivos dessas propostas (pesquisa-ação e participante), consiste em dar aos pesquisadores e grupos participantes os meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas e situações em que vivem, em particular sob forma de diretrizes de ação transformadora. (THIOLLENT 2009, p. 10).

E corroborando, com sentido enfático, Sato (1997) aponta que:

Ela é um processo de pesquisa, onde seus atores investigam conjunta e sistematicamente um dado ou uma situação com o objetivo de resolver um determinado problema, ou para a tomada de consciência, ou ainda para a produção de conhecimentos, sob um conjunto de ética (deontológica) aceito mutuamente (p.134).

⁸ Como neste trabalho foi utilizada a metodologia da pesquisa-ação, cuja práxis foi desenvolvida em conjunto com os membros do Grupo de Educadores ambientais sem Fronteiras (GEASF), para sua redação foi adotada a 1ª Pessoa do Plural.

Como faço parte do grupo, o delineamento escolhido encaixa-se nos objetivos deste trabalho, em que se busca resolver um problema coletivo, não apenas listar problemas, mas procurar desenvolver ações e avaliá-las em conjunto com a população envolvida na presente pesquisa. Sempre estive em contato direto com a realidade pesquisada, desde o surgimento do GEASF, no ano de 2010.

Reconhecem-se os diferenciais da pesquisa-ação: seu caráter participativo, atitudes democráticas e a sua contribuição para à mudança social.

Convém apontar que a escolha pelo delineamento da pesquisa-ação no presente estudo, deu-se pelo objetivo prático que pretende-se alcançar com o estudo, que é contribuir com o GEASF. No sentido de demonstrar o quanto este coletivo é importante para a biorregião da fronteira, e juntos, reafirmarmos o percurso pelas águas do rio Apa. Além do objetivo de conhecimento, que só tomamos consciência do que somos, quando vemos relatado tudo que juntos conseguimos realizar. E claro, que com conhecimento conseguiremos atingir com maior facilidade nossas ações propostas.

Como bem frisa Thiollent (2009, p. 26), a compreensão da situação, a seleção dos problemas, a busca de soluções internas, a aprendizagem dos participantes, todas as características qualitativas da pesquisa-ação não fogem ao espírito científico. O autor ainda enfatiza o quanto se deve dar valor ao papel da metodologia estabelecida para o estudo, para a forma que conduziremos a pesquisa, pois é “através dessa ‘bússola’ que o pesquisador irá esclarecer cada passo, por meio de princípios de cientificidade” (THIOLLENT, 2009, p. 28).

O motivo pela escolha do viés da pesquisa-ação, que se deu primeiro pela desmistificação de que pesquisa-ação não possui caráter científico, depois de entrar em contato com as afirmações de Thiollent (2009, p. 104), que muito bem rebate a essa crítica, apontando que o pesquisador precisa perseverar com a perspectiva e o reconhecimento de manter a pesquisa-ação no âmbito da pesquisa social de caráter científico, e que para isso, precisa submetê-la a uma forma de controle metodológico-epistemológico. Não com regras de uma metodologia empiricista e quantitativista, mas em uma “metodologia em que haja espaço para argumentação e interpretação, com base na discussão coletiva [...] podemos manter em uso a forma de raciocínio hipotético.” (THIOLLENT, 2009, p.105).

A hipótese é norteadora da pesquisa; sob forma de diretriz, ela desempenha a função de orientar o questionamento e buscar as informações relevantes. Sua comprovação permanece aberta à argumentação e ao diálogo entre interlocutores, com cotejo dos diferentes saberes (THIOLLENT, 2009, p. 105).

Assim, orienta Thiollent (2009, p.36), que trabalhe com a formulação de quase hipóteses, ou diretrizes, que precisam de raciocínio hipotético. Não o quantificável, mas o feito com clareza e cuidado na hora de definir problema de conhecimento ou de ações, cujas possíveis soluções são consideradas **suposições** ou **quase hipóteses**, e depois, num segundo momento, objeto de verificação, discriminação e comprovação em função das situações constatadas. Escolhe-se o termo diretrizes para o presente estudo, conforme preconiza Thiollent (2009, grifo nosso).

Quanto aos objetivos de conhecimento, Thiollent (2009, p. 45) aponta que na pesquisa-ação temos: a) a coleta de informações originais acerca de situações ou de atores em movimento; b) a concretização de conhecimentos teóricos, obtida de modo dialogado na relação entre pesquisadores e membros representativos das situações ou problemas investigados; c) a comparação das representações próprias aos vários interlocutores, com aspecto de cotejo entre saber formal e saber informal acerca da resolução de diversas categorias de problemas; d) a produção de guias ou de regras práticas para resolver os problemas e planejar as correspondentes ações; e) os ensinamentos positivos e negativos quanto à conduta da ação e suas condições de êxito; f) possíveis generalizações estabelecidas a partir de várias pesquisas semelhantes e com o aprimoramento da experiência dos pesquisadores.

Assim, delineamos os caminhos metodológicos para este estudo, enfocando a intencionalidade do estudo; quem são os sujeitos e o contexto da pesquisa; a diretriz que nos conduziu na interpretação dos dados coletados e no processo de caminhada junto ao grupo: a fenomenologia; o protocolo de estudo sistematizado com as questões que foram observadas e analisadas e, por fim, o que queríamos enquanto produto de ação junto ao grupo. Apresentamos o fluxograma da presente pesquisa, evidenciando o ciclo escolhido:

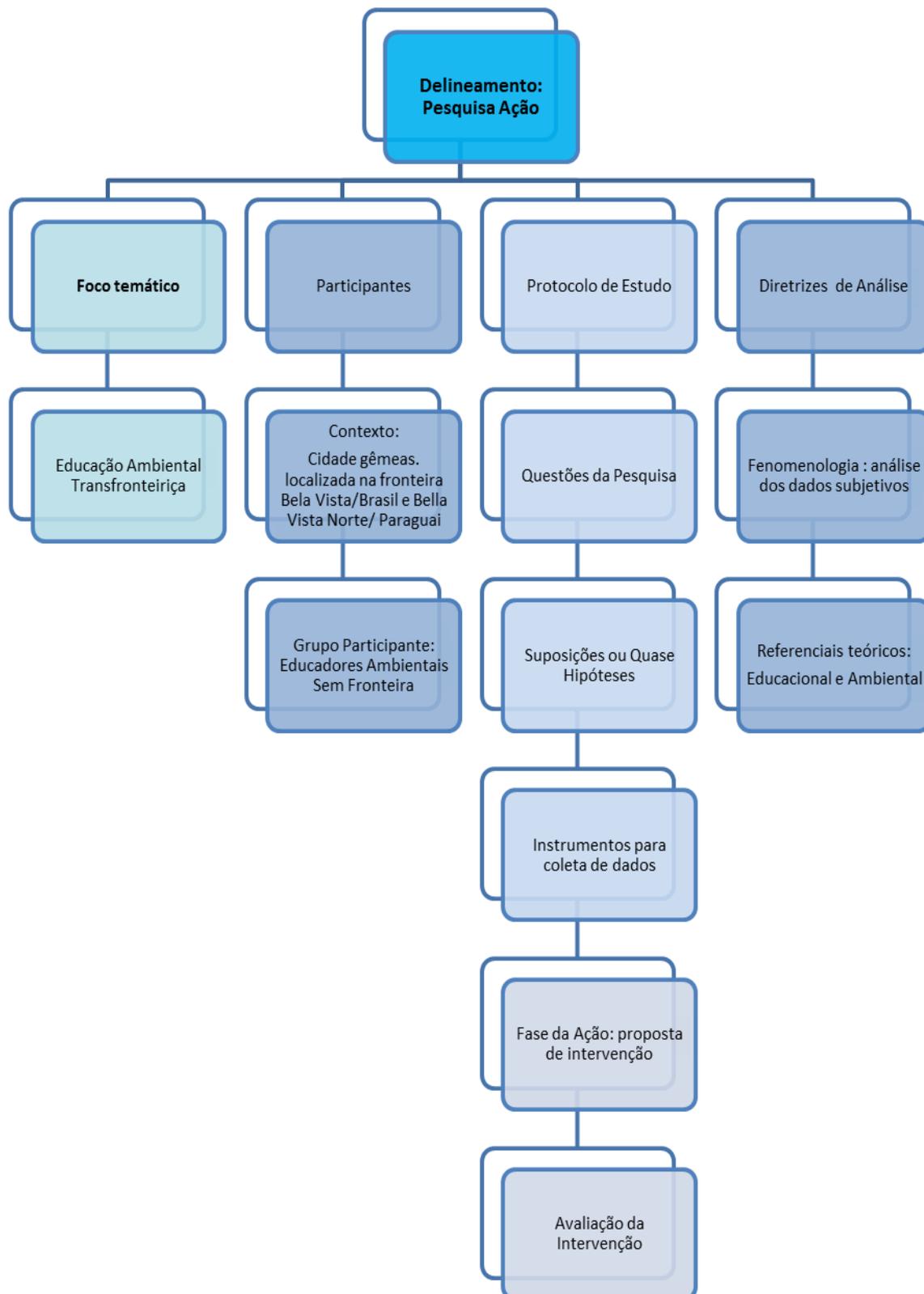


Figura 5: Fluxograma da Pesquisa.
Fonte: Pesquisadora, 2014.

3.2 A Fenomenologia: diretriz para a análise e a interpretação dos dados do diário de campo e de todo processo interativo

Quanto à fundamentação teórica para a análise subjetiva dos dados levantados nos diários, nas pesquisas documentais, nas entrevistas, e nos processos interativos enquanto partícipe do grupo, apoia-se nos delineamentos do enfoque fenomenológico-hermenêutico. De acordo com Coltro (2000), o enfoque adotado constitui uma adequada alternativa à discussão dos pressupostos tidos como naturais, óbvios, na ação humana.

Não existe “o” ou “um” método, mas uma postura/atitude fenomenológica, uma atitude de abertura (no sentido de estar livre de conceitos e definições apriorísticas) do ser humano para compreender o que se mostra, buscando remontar aquilo que está estabelecido como critério de certeza, assim questionando os seus fundamentos (MASINI, 1989, *apud*, COLTRO, 2000, p. 02). Nessa postura o que conta não é a relação sujeito-objeto, mas a relação sujeito-sujeito.

Enquanto uma escola de pensamento contemporâneo, a denominada fenomenologia possui como precursor Franz Brentano, sendo, no entanto, considerado o filósofo Edmund Husserl (1859-1938) quem formulou as principais linhas desta abordagem e que abriu caminho para outros pensadores contemporâneos como M. Heidegger, K. Jaspers, J.P. Sartre, M. Merleau-Ponty, dentre outros (COLTRO, 2000, p. 02).

Essa corrente nasce para “se opor ao pensamento científico clássico, e por uma filosofia centrada na subjetividade, que destacam o sujeito do objeto.” (MARIN, 2009, p.04).

A pesquisa fenomenológica parte da compreensão do viver e não de definições ou conceitos, e é uma compreensão voltada para os significados do perceber, do sentir, do vivenciar do pesquisador com o seu objeto analisado.

Não podemos deixar de levar em conta o aspecto hermenêutico da fenomenologia, que para Coltro (2000) pode ser compreendido por uma metáfora, cuja figura é um círculo representado por atividades que englobam a compreensão do fenômeno, a sua interpretação e, posteriormente, nova compreensão, voltando a se repetir. A ideia da metáfora do círculo hermenêutico, nasce com Martin Heidegger em sua obra “Ser e tempo”.

[...] a fenomenologia-hermenêutica deverá decifrar o sentido do texto da existência, esse sentido que precisamente se dissimula na manifestação do dado [...] não mais se contentando em ser descrição do que se dá ao olhar, mas interrogação do dado que aparece (DARTIGUES, 1992, p. 132, *apud* COLTRO, 2000, p. 4).

Portanto, o ato de compreender é a mola propulsora do pensamento hermenêutico, assim, a analogia do círculo da compreensão descreve a natureza do ato de compreender humano, havendo sempre a antecipação dos sentidos das relações, sendo que através da compreensão, buscaríamos aperfeiçoar a nossa posição, visão e a concepção prévia das relações estabelecidas com o nosso meio social.

No presente estudo, apropria-se dos pensamentos de Merleau-Ponty, sobre percepção e fenomenologia, para direcionar nossa análise e interpretação das relações estabelecidas entre os sujeitos-sujeitos do estudo. Merleau-Ponty, de acordo com Marin (2009), corrobora com dois importantes enfoques: a ressignificação do mundo vivido e a diluição da dicotomia sujeito-objeto própria da modernidade clássica.

O conceito merleau-pontiano distancia-se da concepção de percepção vinculada ao pensamento clássico, que diante de uma nova vertente na qual os fundamentos da fenomenologia, que abandona a concepção de percepção como fonte das informações processadas pelos mecanismos cognitivos e tentando chegar ao entendimento da complexidade do fenômeno, tonando-se base da criação de sentidos do viver (MARIN, 2009).

A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. [...] A verdade não “habita” apenas o “homem interior”, ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece. Quando volto a mim a partir do dogmatismo do senso comum ou do dogmatismo da ciência, encontro não um foco de verdade intrínseca, mas um sujeito consagrado ao mundo (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 6).

Assim, o conceito de expressão merleau-pontiano pressupõe uma nova postura com relação à transcendência ou imanência do significado. O signo não é tomado como simples instrumento pelo qual se apresenta o significado, superando-se assim uma distinção entre signo e significado. Para Merleau-Ponty, o signo é ele

mesmo ser e, portanto, não se restringe a um instrumental, tendo já em sua natureza a aderência do significado (MARIN, 2009, p.11).

Ressignificação do mundo vivido é um dos pontos do pensamento de Merleau-Ponty muito significativo para o processo fenomenológico. Para Marin (2009), grande parte dos problemas socioambientais que vivemos diz respeito a um distanciamento operado pelo cientificismo clássico entre ser humano e mundo. Há uma dificuldade evidente do ser humano em se perceber fazendo parte dos âmbitos concretos, do ambiente em que habita.

Como referenciais teóricos educacionais, o estudo fundamenta-se nos princípios da EA Emancipatória e na concepção freireana de Educação, atentando para o Biorregionalismo local, descritos no capítulo 1 e 2, os quais permitem identificar o nível de pertencimento, a identidade do Grupo com a região, e como conseguimos agir para a não estagnação prevista para o Grupo ao findar do projeto em 2011, lembrando que esse foi a principal realização/ação almejada com este estudo, a continuidade deste coletivo.

Apresentamos nos próximos itens o delineamento da pesquisa-ação, conforme fluxo apresentado na Figura 5, que buscam responder aos objetivos propostos para essa investigação. É imprescindível a atenção e a organização no processo de coleta de informações.

3.3 Da intencionalidade e do foco temático iniciais da pesquisa

O presente estudo buscou levantar junto aos educadores ambientais e as escolas localizadas na fronteira, região sudoeste do Brasil – Bela Vista e no Paraguai – *Bella Vista Norte*, as práticas de Educação Ambiental (EA) tendo como tema gerador o rio Apa, limite geográfico entre os dois territórios, de forma a conhecer essas práticas onde as legislações de proteção ambiental se divergem garantindo a sua soberania, já que para trabalhar com gestão compartilhada deve observar a pluralidade da legislação, da economia, da cultura, dos costumes e saberes locais.

A partir da preocupação inicial da pesquisadora, buscou-se enaltecer e registrar a identidade de um povo fronteiriço que demonstra a identidade de

características difusa, mesmo assim preocupados com a gestão dos recursos hídricos que o seu território compartilha. Com isso, a pesquisa consegue focar as dificuldades do GEASF (Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras) nos seus primeiros anos de percurso, e utiliza-se como base um protocolo de estudo construído junto ao Grupo, na qual busca-se trabalhar a Proposta de Ação Continuada de EA na Bacia Hidrográfica Transfronteiriça do Rio Apa, baseada no diálogo e reflexão comum entre as cidades e escolas, para o desenvolvimento de programas educativos comunitários, focados em recursos hídricos e possibilitando ao grupo continuar o seu percurso nos caminhos da EA.

3.4 Participantes da pesquisa: Grupo Educadores Ambientais Sem Fronteiras (GEASF)

O Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras (GEASF), constituído inicialmente por 42 membros, unidos pelo objetivo de levar para o currículo escolar o tema EA de forma interdisciplinar tanto em escolas brasileiras ou paraguaias. Atuam no território transfronteiriço das cidades de Bela Vista/BR e *Bella Vista Norte*/PY.

Para amostra da análise das atividades realizadas nas escolas, contamos com 15 membros de nacionalidade brasileira e 15 de nacionalidade paraguaia, que atuam em duas escolas brasileiras: Escola Municipal Prefeito Clóvis Marcelino de Oliveira e Escola Municipal São Clemente; e em duas escolas paraguaias: *Colegio Nacional Nuestra Señora del Perpetuo Socorro* e *Escuela General Marcial Samaniego*.

Portanto, tem como definição de caso, unidades de análises múltiplas, sendo os educadores que trabalham com a Educação Infantil e Ensino Fundamental de duas escolas públicas municipais brasileiras e duas escolas públicas paraguaias que trabalham com crianças e jovens de 06 a 17 anos; e, são escolas que desenvolvem em comum, desde 2010, um currículo que aborda a EA a partir do tema gerador “Rio Apa”; além de membros do Grupo de Educadores Ambientais que não fazem parte das comunidades escolares citadas.

Para o Plano de Ação os sujeitos foram os que se identificaram como Educadores Ambientais Sem Fronteiras, membros do GEASF, ou os que queriam apenas conhecer a proposta.

3.5 Conduzindo a pesquisa

Para a coleta de dados, buscou-se seguir o presente protocolo de estudo:

a) Questões de pesquisa do protocolo: levantando a identidade do Grupo

- Como surgiu o GEASF?
- Como escolas localizadas na fronteira inseriram no currículo a EA a partir de um tema gerador? A inserção se deu a partir de projetos específicos ou foi incorporada no PPP?
- Como as atividades pedagógicas foram desenvolvidas?
- Por que educandos e educadores se interessaram pelo tema gerador “Rio Apa”?
- Como as escolas problematizaram, de acordo com os preceitos de Paulo Freire, o tema de EA a partir do tema gerador “Rio Apa”?
- Quais as ações que o GEASF está ou continua realizando?

b) A diretriz preliminar de estudo - Quase hipóteses ou suposições:

- A dimensão ambiental nos currículos escolares, quando parte de problemas socioambientais oriundos da realidade vivida, fortalece a comunidade escolar, propiciando a todos vivenciarem o sentido de pertença ao lugar.
- Quando existe o sentimento de pertença nos indivíduos presentes em um território, as ações socioambientais ganham sentido e se tornam eficazes.
- Planejamentos escolares que analisam uma dada realidade passam pelo processo mental que envolve análise, reflexão e previsão.

- O GEASF precisa de um novo plano de ação para que continue vivo e no percurso de levar para as escolas brasileiras e paraguaias a dimensão socioambiental local.

c) Instrumentos utilizados para a coleta de dados e para sua análise

Como instrumentos, utiliza-se um questionário dirigido aos educadores, para levantar como os diferentes agentes educacionais se sentiram participando das ações previstas no Projeto Pedagógico: Rio Apa – Unindo dois povos⁹; e a pesquisa documental: atas, diários escolares, registros fotográficos e as atividades pedagógicas do acervo do Grupo.

Para análise dos questionários utiliza-se a Análise de Conteúdo Categorical preconizada por Bardin (1977). Analisou as seguintes categorias:

- Conhece e/ou participou na elaboração/retroalimentação do PPP de sua Escola;
- A importância do PPP para ele e a escola;
- Como se deu o contato com o Projeto “Rio Apa: Unindo dois Povos”;
- A atividade do Projeto que mais achou eficaz;
- Pontos positivos e negativos do Projeto;
- A prática educativa com o tema EA do professor;
- Intercâmbio entre os países.
- Nível de satisfação do professor em ter trabalhado com a proposta.

E, com a análise das atividades pedagógicas previstas no currículo escolar, usa-se a Análise de Conteúdo Avaliação. Apoiamo-nos no que preconiza Bardin (1997, p.42), quando afirma que esses tipos de análise de conteúdo podem ser definidos como um conjunto de técnicas de análise e comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

As proposições de estudo e os eixos de análise das atividades realizadas nas escolas pelo Grupo:

⁹ Veja em anexo o modelo do questionário que foi aplicado na primeira semana do ano letivo de 2013. Assim como o Projeto Pedagógico: Rio Apa – Unindo dois povos.

Quadros 2: Eixos de Análise das Atividades realizadas nas escolas.

DIMENSÃO	VARIÁVEIS	INDICADORES
Educação Ambiental presente no currículo das escolas	Contemplado no Projeto Político Pedagógico;	Educação Ambiental inserida no Projeto Político Pedagógico;
	Contemplado através de projeto específico;	Educação Ambiental incluída através de Projeto;
	Contemplado através de temas geradores inseridos na Proposta Política Pedagógica.	Projetos que partem de temas geradores;
		Atividades realizadas.
Prática pedagógica	Prática pedagógica interdisciplinar	Mais de uma disciplina envolvida com o tema Educação Ambiental;
	Prática pedagógica isolada	Apenas uma disciplina trabalhando com tema Educação Ambiental.
Educação Ambiental contextualizada	Presença de temas relacionados ao contexto social dos educandos ao trabalhar com Educação Ambiental.	Temas desenvolvidos a partir de elementos presentes na realidade dos educandos.

Fonte: Pesquisadora, 2012.

E com o diário de pesquisa, onde se sistematiza o percurso coletivo do Grupo participativo, utiliza-se a corrente filosófica de Merleau-Ponty (2006), a fenomenológica, apoiada no círculo hermenêutico: compreensão-interpretação e nova compreensão, conforme Coltro (2000).

Assim, o que foi considerado é a experiência do sujeito-pesquisador em situações de contato face a face com o grupo participante, possibilitando a observação intensa do fenômeno em estudo. A relação básica deu-se sujeito-sujeito

d) Fase de ação: a proposta de intervenção

A proposta de pesquisa começa de forma democrática, indicando os pressupostos da atual pesquisa e de como a mesma poderia levar à prática pedagógica proposta pelo grupo para o nível acadêmico.

Todos se sentiram privilegiados com a oportunidade. Explicando o formato da pesquisa, principalmente do seu lado democrático, e o porquê de registrar, levantar o que o grupo vem fazendo e vem fazendo atualmente, e quais eram os planos de todos para o futuro do grupo.

A proposta de ação participativa junto ao grupo reside em analisar primeiro quem somos? Depois, onde estamos? Onde pretendemos chegar? E por fim, o que pretendemos para o futuro?

Não houve um plano de ação pré-pensado, uma vez que, este precisa ser construído junto com o grupo, caso contrário deixa de ser uma pesquisa-ação, pois como bem afirma Thiollent (2009, p. 122) um “projeto de pesquisa-ação não impõe uma ação transformadora aos grupos de modo pré-definido.” Entende-se que com estes encontros com os membros, tem-se a primeira finalidade da pesquisa atingida, a de restaurar a sinergia que o grupo tinha nos primeiros anos.

Foi estabelecido que em três encontros propostos pelos membros do grupo, na base da troca democrática de opiniões, levando em conta a realidade econômica, social e cultural local, traçaríamos um novo plano de ação para que o grupo continue com suas ações socioambientais no território da sua biorregião.

e) Avaliação da intervenção

A avaliação foi feita com relação aos objetivos propostos para o presente estudo, analisando junto com o Grupo o que conseguimos articular para a proposta de ação para o ano de 2013 com caráter emancipatório.

Ao fechar o relatório de análise das ações propostas o grupo deveria conseguir efetivar pelo menos uma das ações previstas. Os indicadores que nos permitiram avaliar estão de acordo com Loureiro (2007) para um caminhar emancipatório:

- Participação dos membros do grupo em todas as fases propostas;
- Atuação efetiva em espaços públicos dos membros: Conselhos Gestores, Conselhos escolares, Agenda 21, Com-vida, comitês de bacia hidrográfica, comissões de EA; fortalecendo a democratização e a “ambientalização” das políticas públicas;
- Formação que contemple aspectos reflexivos e instrumentais, afetivos e cognitivos, filosóficos e técnicos, como garantia de um conhecimento complexo da natureza;
- Realização de pelo menos uma das ações previstas no Plano de Ação (2013-2014).

f) A proposta de produto final da intervenção

Apresentar a proposta de rearticulação das ações continuadas de EA para o GEASF para os anos de 2013-2014, em forma de folder.

O produto também foi sistematizado com a proposição de desenvolvimento de uma página, vinculada ao Facebook do Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras, mostrando as fases de rearticulação dos seus participantes para a elaboração da proposta. Assim, a proposta de formação e ação continuada concretizada foi divulgada na página e nas redes sociais do grupo no momento em que foram acontecendo os novos movimentos de ações do GEASF.

4. PERCURSO DOS EDUCADORES AMBIENTAIS SEM FRONTEIRAS



I PEDALA FRONTEIRA - 2012, Clube Codiga, Bella Vista Norte/PY

*Alma
Fronteiriça!*

*Numa terra de
heróis brasileiros
e paraguaios,
onde um dia
vidas foram
tiradas e
banhadas de
sangue, cada qual
defendendo seus
ideais e o solo de
sua Pátria, hoje
respira a paz, a
alegria, a
cumplicidade e o
companheirismo.*

Os mesmos sangues derramados na guerra, hoje em dia correm nas veias de ambos os lados, transformando homens e mulheres em seres fronteiriços; sem podermos identificar ao certo onde começa a nossa brasilidade e onde termina nossa alma guarani.

Nessa fronteira em que o rio Apa, belo e brilhantemente nos une, atualmente compartilhamos os mesmos sonhos, os mesmos desejos, os mesmos ideais...E dividimos também os mesmos problemas e as mesmas dificuldades.

Essa mesma fronteira que um dia foi guerra, hoje - felizmente - é uma só e reverência e idólatra uma mesma bandeira: a bandeira da PAZ!!!!

Josyel Carvalho (jornalista bela-vistense)

O presente capítulo traz os resultados da coleta de dados sobre como nasceu o Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras e as atividades desempenhadas durante os anos de 2010 e 2011.

4.1. O eu e os outros = Grupo Educadores Ambientais Sem Fronteiras

Ao ingressar na carreira de licenciatura, paixão descoberta desde a infância, pois ir para a escola era minha maior diversão, aprendia e amava as pessoas iluminadas que eram meus/minhas professores/as.

Aos 21 anos me formei em Pedagogia, trilhando caminhos íngremes enquanto residente em cidade do interior, atrás do meu sonho: ser professora. Viajava todos os dias, 126 km dos quais 68 km ainda eram de estrada sem pavimentação, para chegar à Faculdade na cidade mais próxima onde existe um centro universitário, Ponta Porã.

Depois de formada, ao assumir um concurso público em 2002, primeiramente fui lotada para dar aulas de Educação Física para as séries iniciais do Ensino Fundamental. Amava, pois sempre minha vida de desporto foi ativa.

Dois anos depois eu estava como coordenadora pedagógica em uma escola do campo. E no mesmo ano, o município realiza a primeira eleição para Diretores Municipais, concorri, mas, não muito convicta de que daria conta, porém pressionada por companheiros, enfrentei, porque do quadro efetivo da escola eram poucos que estavam habilitados pelo edital para disputa.

Assumo assim, em minha vida profissional uma responsabilidade muito grande: conduzir um espaço que sempre amei, e queria estar – a Escola, e, com um grande desejo: o de poder transformar o mundo (a escola) de “minhas” crianças em um lugar melhor! O qual se tornou *slogan* da minha gestão. (Figura 05)

Assumi uma escola que precisava de muitos ajustes, sendo o principal ganhar a credibilidade da comunidade local, que há muito tempo enviava seus filhos para estudarem na cidade, mas não na escola que pertencia à sua localidade, uma escola do campo, localizada no subúrbio da cidade, que atendia principalmente os sítiantes, filhos dos peões e chacareiros da redondeza. Porém as crianças da vila

mais próxima iam todos para a cidade, por que os pais não acreditavam nos serviços que a escola oferecia.



Figura 6: Arte e slogan Gestão 2005 -2011.

Fonte: Projeto Político Pedagógico da Escola M. Prefeito Clóvis Marcelino de Oliveira, 2006.

Na medida do passo lento, do sorriso meigo e “de criança” (que por muitas vezes nunca acreditavam que eu pudesse ser a Diretora), da cobrança, do estabelecimento de regras e limites claros, da verdadeira democracia, fazendo com que todos os sujeitos se sentissem responsáveis pela situação vivida, e, partícipes do desejo de mudança, conseguimos estruturar o quadro docente com profissionais habilitados, e juntos - professores, comunidade, alunos e funcionários - criamos uma identidade para nossa amada escola, reformulando o nosso PPP, com o qual adotamos uma nova postura pedagógica e administrativa para encarar os desafios de ensinar e aprender, e nos situamos onde estávamos e o que queríamos para o nosso futuro.

Diante da nova postura, o maior desafio sempre foi buscar os temas relevantes para problematizarmos e sairmos do currículo estanque. E se levantarmos os dados hoje, percebo que caminhamos muito com aquela “escolinha desacreditada”. Juntos, formulamos e aplicamos projetos de aprendizagem que levaram a comunidade local e externa até a escola, alunos que até hoje se lembram de tudo que fizeram na “Escola Clóvis” e da “Dire”, como todos me chamavam carinhosamente.

Elevamos em 50% o número de alunos, abrimos mais salas, professores com carga horária maior, estabelecendo cada vez mais vínculo com as propostas pedagógicas da escola. Fui reeleita para mais um mandato, fechando um ciclo de seis anos e meio como gestora educacional da Escola Clóvis e de suas extensões que ficavam em fazendas e assentamentos.

E desse percurso, das propostas pedagógicas formuladas junto com minha comunidade escolar, uma tem a ver com o meu objeto de investigação hoje, os dos temas de EA.

Ao longo desses seis anos enquanto diretora, dos nossos projetos pedagógicos, que incluíam a dimensão ambiental, ficaram muitas lembranças. O primeiro formatado e aplicado ao longo de dois bimestres, chamava-se: *“Água: cuidar, respeitar e preservar para não faltar”*, (Figura 06) título escolhido por votação no dia do lançamento da proposta à comunidade, e o mesmo deu um brilho, uma luz, tanto ao corpo docente como discente, pois apresentamos os resultados em um grande evento do Meio Ambiente realizado pela Secretaria Municipal de Educação na época. As escolas municipais após serem incitadas e cobradas tiveram que propor ações voltadas ao tema, e, nossa escola chamou a atenção de todos, pela relevância do tema trabalhado (água), das atividades desenvolvidas e da metodologia adotada. Bom, daria outra dissertação, se fossemos analisar todos os resultados.



Figura 7: Lançamento e Culminância do Projeto Pedagógico: *“Água – Cuidar, respeitar para não faltar”*.

Fonte: Escola Clóvis, 2006.

Percebemos que esse era o caminho, que estávamos indo na direção correta, envolvendo todos, com a presença constante da comunidade em geral, da Associação de Pais e Mestres (APM), dos Conselhos em todas nossas ações. Iniciamos um percurso nos caminhos da EA na Escola Clóvis de maneira sistematizada e diferencial. Logo vieram os frutos, primeiro com a participação do aluno Rone Everton da Rosa Ribeiro na Conferência Estadual Infanto-Juvenil do Meio Ambiente, em Campo Grande/MS e depois em Brasília na fase Nacional, elevando ainda mais o nome de nossa escola.

E como brindamos essa conquista! Chego a arrepiar só de lembrar o entusiasmo dos pais do menino, do brilho nos olhos de todos com essa grande conquista. O trajeto não foi fácil, primeiro delegado escolar, depois delegado estadual e por fim delegado Nacional (Figura 07). E como gera frutos esse caminhar, hoje esse egresso, tem um grande sonho: se tornar Biólogo. E, hoje o mesmo faz parte do GEASF, é uma grande referência de liderança nas lutas socioambientais. Cada sementinha plantada nos corações de nossos alunos valeu a pena!



Figura 8: Participação do aluno da Escola Municipal Prefeito Clóvis Marcelino de Oliveira na Conferência Infanto Juvenil/2008.
Fonte: Escola Clóvis, 2009.

Bom, assim, nossa escola passou a ser referência municipal por trabalhar com temas ambientais. Recebeu até homenagens da sociedade bela-vistense por essa conquista, onde levaram uma placa como símbolo da homenagem que está fixada na parede da escola.



Figura 9: Homenagem à Escola pelos trabalhos com EA.
Fonte: Pesquisadora, 2009

Na figura 08, em maio de 2010 temos a presença de vereadores, advogados, presidente do sindicato dos profissionais da Educação, comunidade escolar: pais, professores, presidente da APM e agente de saúde do bairro.

4.2. O início do percurso do GEASF

Em 2010, através da Coordenação da Sala Verde realizada pela professora Enilce Andrade Freitas, a Secretaria Municipal nos enviou duas oficinas provenientes do Projeto “Fortalecimento das Políticas de Educação ambiental para o Pantanal: o caso da Bacia Transfronteiriça do Rio Apa”, realizado pela ONG Mupan e Rede Aguapé, com o apoio do Comitê Holandês - *Ecosystem Alliance*, e da *National Committee of The Netherlands (IUCN NL)*. As oficinas de trabalho foram Educação Ambiental, Projeto Político Pedagógico e Educomunicação. O objetivo da proposta era promover a EA tal como política pública no enfrentamento dos problemas socioambientais que afligem as comunidades locais do Pantanal e Bacia do Apa.



Figura 10: Participantes das Oficinas do Projeto.
Fonte: Escola Clóvis, 2010.

Junto com essas pessoas que estiveram na nossa Escola do Campo, chegaram novas oportunidades (Figuras 09 e 10). Acredito que naquele momento, chegou o que sempre procurávamos: respostas. Respostas para nossos dilemas iniciais dos trabalhos frente ao tema conservação da água, porque nos questionávamos sempre sobre a questão fronteiriça do nosso rio Apa, tema gerador de nossas ações nos projetos anuais, uma vez que o compartilhamos com um país vizinho onde sempre pensávamos, erroneamente, que não existia fiscalização para proteger suas margens e seus peixes. E por que, para quê só nós deste lado da margem, nos preocupar com sua conservação?

Realizadas as mobilizações necessárias, e conforme o objetivo da proposta, consegui mobilizar os professores de nacionalidade paraguaia lotados nas escolas públicas, na época 22 professores e gestores, para estarem conosco nas oficinas, juntamente com a supervisora local, Maria Laudelina Cáceres, momento que a Prefeitura de Bela Vista, através da Secretaria de Educação, disponibilizou transporte para que os professores pudessem passar o dia na escola participando das oficinas, pois a escola fica em torno de 15 km distante da divisa.

BELA VISTA E BELLA VISTA NORTE



Figura 11: Página da Revista Aguapé retratando momentos das Oficinas.
Fonte: Mupan, 2011.

Nesse dia começou o nosso elo para uma proposta ousada, pois na oficina de Educação Ambiental e PPP fomos desafiados a criar uma proposta de intervenção para ser apresentada no Encontro Final do Projeto, que seria realizado um mês depois em Ponta Porã. Conseguimos criar um grupo, composto de professores de ambas as nacionalidades, diretores e a Supervisora Geral de Educação do país vizinho para pensarmos em algo que pudéssemos apresentar. Desses poucos encontros, nasceu o “Projeto Pedagógico: Rio Apa – Unindo dois povos”, que levamos para apresentar no Encontro em Ponta Porã, o de finalização do projeto,

em maio de 2010. Nesse encontro, os presentes colocaram suas angústias e desejos em prol a Bacia Hidrográfica do Rio Apa, em uma carta, conhecida como Carta Bacia do Apa (veja em anexo 01).

Ao iniciar das apresentações os doze municípios que fazem parte da Bacia do Apa, começaram a apresentar ações efetivadas. Em sua maioria resumiam-se a ações de arborização do entorno escolar, e, questões ligadas ao lixo; e isso foi me dando uma angústia enorme. Nós não tínhamos ações para apresentar! E chegando a nossa vez, eu, mais o educador Roberto Esquivel e a Supervisora de Educação de *Bella Vista Norte* (PY), e, a representante municipal da Sala Verde; apresentamos apenas a nossa proposta, pois a mesma não tinha tempo hábil para ter saído do papel, e, claro em nossa visão estávamos totalmente errados. Entretanto, após a apresentação, um representante do “*Centro de Saberes y Cuidados Socioambientales de la Cuenca del Plata*”¹⁰ veio nos parabenizar pela proposta, juntamente com a Presidente da Mulheres em Ação no Pantanal (Mupan), porque tínhamos algo inédito, ações compartilhadas, contextualizadas, e com foco no nosso rio Apa.

Não sabíamos naquele momento, que a proposta que produzimos iria gerar muitos frutos no cenário educacional transfronteiriço.

4.3. O Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras (GEASF)

A partir desse Encontro de apresentação da proposta pedagógica em Ponta Porã, nosso entusiasmo em colocar em prática a proposta ganhou cada vez mais asas. E com orientações e supervisões da presidente da ONG Mupan, Áurea da Silva Garcia, conseguimos um apoio financeiro imprescindível para executá-lo e iniciar uma trajetória de aprendizados e conquistas.

E, na reunião do dia dez de julho de 2010 nasceu o grupo¹¹, composto por educadores, pais, alunos, funcionários brasileiros e paraguaios preocupados com a EA partindo de temas ambientais locais dentro dos espaços formais de educação –

¹⁰ O “Centro de Saberes e Cuidados Socioambientais da Bacia do Prata” é um espaço para o encontro e círculos de diálogo entre as organizações governamentais e não governamentais dos cinco países sobre os cuidados socioambientais com a Bacia do rio da Prata.

¹¹ Registrado no Livro Ata número 003 de 2010, folha 04.

o Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras (GEASF), batizado oficialmente com este nome.

Quando nasceu, o grupo esteve presente diretamente em três escolas rurais brasileiras: Prefeito Clóvis Marcelino de Oliveira, São Clemente e Barra do Itá; e quatro paraguaias: Colégio Nacional Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Colégio Paroquial São José, Escola Nacional Maria Auxiliadora e a General Marcial Samaniego.

Foram mais de 600 alunos envolvidos diretamente no ano de 2010-2011, 42 professores, 28 funcionários e 22 pais. Friso, diretamente, porque sim, na própria comunidade alguns professores, pais e funcionários não quiseram participar.

Os membros tinham como missão repensar o seu espaço educativo na vertente de uma educação que liberta e emancipa seus sujeitos envolvidos para uma justiça socioambiental em nosso território transfronteiriço, pensando em ações que tenham como tema gerador o rio Apa, conforme Ata de registro do Grupo, número 02/2010.



Figura 12: Quarto encontro formal do Grupo no *Colegio Nuestra Señora del Perpetuo Socorro*.
Fonte: GEASF, 20 de agosto de 2010.

O Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras (GEASF) é uma resposta da sociedade brasileira e paraguaia no seu território para os problemas locais vivenciados, principalmente no que tange à preservação, disseminação de conhecimentos e o cuidado com a Bacia Hidrográfica do Rio Apa. Nunca foi uma imposição do sistema público, sendo que até mesmo, nos primeiros momentos, seis

meses, tivemos apoio através da Secretaria Municipal de Educação de Bela Vista/MS, e depois quando o GEASF começou com as atividades previstas, os intercâmbios, ações interdisciplinares, ganhando foco na mídia local, esse apoio foi cortado devido à falta de verbas segundo a secretária da época. Continuamos com os nossos encontros para autoestudo e proposições (Figura 11).

O apoio financeiro conseguido por meio da Mupan foi imprescindível para consolidar as ações previstas. O apoio da Prefeitura Municipal de *Bella Vista Norte* sempre se fez presente na medida de suas possibilidades.

4.4 O Projeto Pedagógico “Rio Apa: unindo dois povos!”

Educadores, pais e alunos brasileiros e paraguaios ao participarem das duas oficinas, oferecidas pelo Projeto “Fortalecimento das Políticas de Educação Ambiental para o Pantanal: o caso da Bacia Transfronteiriça do Rio Apa”, perceberam a necessidade de unirem forças em busca de promover eficazmente, a inclusão nos currículos escolares da discussão socioambiental sobre um dos recursos naturais: no caso a água, partindo de um tema local: o rio Apa. A proposta aborda não só o rio mais também o território da sua bacia hidrográfica.

A proposta do Projeto Pedagógico “Rio Apa: Unindo dois povos!” identifica como referencial teórico os pressupostos da Educação Libertadora, identificando os pensamentos do educador brasileiro Paulo Freire, tendo o diálogo como base metodológica no processo de ensino e aprendizagem da proposta.

O projeto tinha como objetivo geral difundir o conhecimento científico sobre recursos hídricos e sensibilizar sobre a importância e do uso racional da água da Bacia do Apa, as comunidades das escolas municipais brasileiras localizadas em áreas rurais, tendo como público alvo as escolas: Clóvis Marcelino de Oliveira (8 km), São Clemente (10 km) e Barra do Ita (35 km) e das Escolas públicas paraguaias: Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, São José e General Marcial Samaniego (Figura 13).



Figura 13: Escolas brasileiras e Paraguaianas participantes do Projeto Pedagógico: “Rio Apa-Unindo dois povos”.
 Fonte: pesquisadora, 2011.

A metodologia utilizada pelos educadores para a execução da proposta deveria conforme o Projeto, estar embasada na transversalidade, em conformidade com a Lei 9.795, de 27 de abril de 1999 (BRASIL, 1999) que dispõe sobre a EA e institui a Política Nacional de Educação Ambiental em território brasileiro. Com foco na escola de forma a possibilitar a comunicação das disciplinas em torno do tema, das séries e comunidade como um todo.

A base curricular que o projeto previa para serem discutidos nas escolas compõe-se por três grandes temas: 1º) “Água, fonte de vida”, tendo como subtemas: A situação da água no planeta, consumo e uso da água, o ciclo da água, o Aquífero Guarani, desmatamento e o efeito estufa; 2º) “Águas fronteiriças da bacia do Apa”: A bacia Hidrográfica do rio Apa, a biodiversidade da bacia do Rio Apa, saneamento básico nos dois países, produção rural na porção brasileira e paraguaia, marcas da história às margens do rio Apa; 3º) “Gestão das águas”: como cuidar dos recursos hídricos, política das águas no Brasil e no Paraguai, legislação e os instrumentos de proteção da biodiversidade. Toda essa base curricular foi adaptada do livro Pé na Água, organizado por Broch, Medeiros e Souza (2008), sendo um material com

publicação destinada para a região, traz ainda como importantes referenciais a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira e Paraguaia e a Lei brasileira sobre Educação Ambiental (9.795/99).

O projeto tem como pressuposto a flexibilidade, e permitia à escola adotar a melhor metodologia que defina a educação oferecida em sua instituição e enquadre em seu PPP, assim como as atividades educativas que foram realizadas para abordar os temas. O grande diferencial da proposta é que não há uma receita pronta, a escola é desafiada a incluir em seu currículo a dimensão EA com base em um tema gerador, e juntos pensarem na didática que usariam, adequando-se assim ao seu perfil econômico, social e cultural.

A forma de avaliação prevista é a emancipatória, que possibilita ao longo do processo, que o aluno seja capaz de refletir sobre a sua situação vivida, formular hipóteses, e propor ações que possam modificar algo ao seu redor (LIMA, 2004), assim a proposta destaca:

Ao longo do desenvolvimento do projeto os alunos deverão ser avaliados de acordo com as atividades teóricas e práticas intra e extra-escolar desenvolvidas no âmbito pedagógico, priorizando as ações pedagógicas interdisciplinares e transversais, estimulando-os ao compromisso e responsabilidade (GEASF, 2010, p. 14).

A análise do projeto é possibilita a verificação de muitas potencialidades em torno do desejo de mudança, de articulações, de propostas articuladas com a realidade social de educandos e educadores, de que é possível efetivar pontos verdadeiros na busca de uma integração entre dois povos na luta socioambiental em seus territórios.

Sendo assim, as atividades que as escolas desenvolveram de acordo com os três temas contidos no Projeto: “Rio Apa: Unindo dois povos”, observa-se que as três escolas brasileiras conseguiram trabalhar com todos os temas. Das escolas paraguaias, uma não conseguiu envolver sua comunidade na proposta, conforme trechos da fala da Supervisora Escolar do município de *Bella Vista Norte*:

“Os processos burocráticos e as propostas curriculares com enfoque predominantemente tradicionalista, ainda são empecilhos para o desenvolvimento de um currículo flexível. Precisamos de muito estudo, de formação para conseguir seduzir a comunidade a trabalhar com o tema. Abrir esse canal de diálogo, de trocas de experiências entre os dois países é um grande passo para essa sedução e formação” (Depoimento concedido para a pesquisa, julho de 2013).

O projeto não conseguiu envolver 100% da comunidade escolar das escolas paraguaias, conforme relato da supervisora das escolas públicas do Paraguai, mas os docentes que fazem parte do GEASF levaram para sua disciplina e conseguiram com que mais educadores fossem seduzidos pela proposta, demonstrando que é possível pensarem em uma EA no contexto escolar.

4.4. Avaliação dos resultados do projeto segundo os educadores

De acordo com os dados coletados no questionário aplicado ao professor, definimos quatro pontos para a análise do projeto: aprendizagem dos alunos; envolvimento da comunidade escolar; experiência com o tema EA e as atividades trabalhadas com o projeto; a troca de experiência/intercâmbio entre os dois países; e, avaliação da proposta.

Os/as professores/as neste estudo não são identificados/as. Para mencionar a coleta de dados, utiliza-se apenas: professor/a da Escola (nome da escola que trabalha). Os professores foram informados que suas respostas seriam utilizados para fins acadêmicos, e assinaram o termo de consentimento livre esclarecido.

Uma das grandes conquistas apontadas pelos educadores entrevistados foi à aquisição dos referenciais bibliográficos, adquiridos para a formação continuada do Grupo.

Essa aquisição só foi possível a partir do apoio financeiro do Centro de Apoio Sócio Ambiental (CASA) que permitiu a aquisição de mais de 40 títulos de autores nacionais e internacionais de EA, tais como: Michèle Sato, Isabel Carvalho, Mauro Guimarães, Genebaldo Freire, Marcos Reigota, Enrique Leff, dentre outros (figura 14).



Figura 14: Acervo Bibliográfico do GEASF
Fonte: GEASF, 2011.

4.4.1. Aprendizagem dos alunos

Entende-se aqui por aprendizagem sendo um processo de construção coletiva, obtida pelo processo de ação, reflexão e ação. Nos preceitos de Freire (1983), que se definem na base: dialógica e dialética. Apontando que dialética, porque nas relações que se estabelecem entre a ação e a reflexão, homem e mundo; subjetivo e objetivo; educador e educando não existe hierarquia de um sobre o outro. E isso só foi possível devido à base dialógica, pois é através da comunicação que estabelecemos relações com o outro.

Analisando as repostas, observa-se em sua maioria, que os professores afirmam que houve aprendizagem por parte de seus alunos, vejamos uma dessas afirmações no fragmento:

“O que foi perceptível pra mim no desenvolvimento das atividades ligadas à Educação Ambiental nos alunos foi o interesse. [...] a escola acabou desenvolvendo atividades no contra turno para poder cumprir com o cronograma, e lá estavam eles, sempre dispostos e interessados. Realmente, cenários incomuns vivenciados. Acredito que a aprendizagem foi enorme, principalmente nas questões sobre a bacia hidrográfica do nosso rio Apa, nas posturas críticas sobre o tema e nas relações com o colega” (Professora, Escola Municipal Prefeito Clóvis Marcelino de Oliveira).

Realmente, para que haja aprendizagem efetiva e duradora é preciso que existam propósitos definidos e autoatividade reflexiva dos alunos (HAYDT, 2006, p. 75). Por todas as atividades estarem ligadas a um tema local, e com ações planejadas o interesse dos alunos para sua aprendizagem foi essencial. Assim, os professores conseguiram incentivar¹² seus alunos a apreenderem, com estabelecimento de estratégias e procedimentos eficazes.

4.4.2. Envolvimento da comunidade escolar

O envolvimento da comunidade escolar¹³ é um dos princípios do Projeto, e ao analisar as respostas dos professores percebe-se que das escolas envolvidas com a proposta, apenas uma não conseguiu cumprir com este princípio.

“Não conseguimos envolver a comunidade porque faltou tempo. Quando vimos já estávamos com os prazos vencidos. Foi possível apenas desenvolver algumas ações na escola previstas no projeto.” (Professora paraguaia, Escola Maria Auxiliadora, tradução pesquisadora).

Quando a comunidade envolve-se diretamente com as atividades escolares, todos ganham. Esse é um dos grandes desafios da educação contemporânea.

¹² Usa-se este termo de acordo com Mattos (1970 *apud* HAYDT, 2006), que afirma que nenhum professor motiva ninguém devido este ser um fenômeno psicológico interior. O que o professor pode fazer é incentivar o aluno, isto é, despertar e polarizar sua atenção e seu interesse com um conjunto de recursos e procedimentos envolventes. .

¹³ Professores, pais, alunos, funcionários e moradores dos bairros circunvizinhos (Projeto Rio Apa: Unindo dois Povos, 2010, p. 04).

De acordo com os dados coletados, as escolas envolveram suas comunidades dentro da proposta, com atividades ligadas a entrevistas, palestras feitas pelos próprios moradores, criação de mudas nativas para reflorestar córregos próximos das escolas, nas atividades de auxílio em passeios de campo, na escolha de atividades dos alunos, que seriam premiados, nas doações de premiações para ações do Projeto, etc.

É gratificante verificar que quando toda uma comunidade une-se em torno de objetivos e planos bem formulados, o ganho da educação é imensurável, principalmente quando agentes educacionais pensam em um currículo com abordagem interdisciplinar para a prática da EA, prevista em seu PPP.

4.4.3. Experiência com o tema EA e as atividades trabalhadas com o Projeto

Em relação às escolas envolvidas, das sete escolas, apenas quatro já haviam trabalhado com o tema em seu currículo. A maioria de forma estanque e com ações isoladas. Comprovando, o que destaca Wiziack (2006) que pesquisas revelam que no âmbito do ensino formal ainda é frequente uma EA pontual e desarticulada, sobretudo nas ações da gestão escolar, permanecendo, dessa forma, o desafio do ato de educar “ambientalmente” a escola.



Figura 15: Atividades desenvolvidas nas Escolas

Fonte: Escola Clóvis, Escola São Clemente; *Escuela General marcial Samaniego, Nuestra Señora del Perpetuo Socorro*, 2011.

No mosaico (Figura 15), encontram-se imagens de algumas atividades desenvolvidas com o projeto nas escolas. Temos alunos da Escola Municipal São Clemente em visita técnica a estação de tratamento de água e esgoto; Painéis interativos criados pelos alunos com suas contribuições para mudanças de atitude na escola, tornando-a um espaço mais sustentável; Ações de conscientização de que todos são responsáveis pelo o ambiente em que convivem, iniciando com a limpeza das carteiras proposta pelos próprios alunos; Palestra para toda comunidade escolar sobre o que é a Bacia Hidrográfica do rio Apa; Atividade em parceria com a Polícia Militar Ambiental, animais que compõe a Biodiversidade do território da Bacia Rio Apa; Palestras sobre a Bacia do Rio Apa na Escola General Marcial Samaniego e Escolas Paraguias colocaram como necessidade disponibilizar aos alunos lixeiras, nos espaços internos e externos das escolas.

Em relação às atividades, de acordo com as análises documentais e observações diretas registradas no diário de bordo, cada escola planejou suas ações para desenvolver os três temas abordados no Projeto. Destaca-se como atividades desenvolvidas pelas escolas: maquetes da bacia hidrográfica do rio Apa, visitas técnicas, palestras, seminários, atividades de leitura e escrita com produções próprias envolvendo vários gêneros a partir do tema Rio Apa, pesquisas feitas pelos alunos como: o tipo de água consumida pela comunidade escolar e a situação socioambiental local. Atividades de intervenções como: repensando nosso ambiente escolar, preservação do patrimônio público, reflorestamento de córregos próximos as escolas, panfletos informativos sobre a importância da bacia hidrográfica e confecções de cartazes e apresentações artísticas para a comunidade. Houve uma diversificação de atividades e procedimentos que os educadores conseguiram levar para seus espaços escolares.

As escolas paraguaias não registraram a maioria de suas ações, por conta de não possuírem máquinas fotográficas. Assim como as demais, pois a ausência de suportes de multimídia nas escolas ainda é vivenciada por esses educadores/as.

4.4.4. A troca de experiência/intercâmbio entre os dois países

Um dos pontos relevantes dessa proposta é o intercâmbio estabelecido entre os dois países em busca de uma EA pela sustentabilidade local envolvendo seus recursos hídricos. Os Educadores reuniram-se (Figura 16) durante o ano letivo de 2011 quatro vezes, para discutir a formatação das propostas, trocar experiências, analisar os encaminhamentos necessários para um encerramento que unisse as comunidades escolares, e principalmente, para trocas de experiência e dilemas de como fazer EA nas escolas, conforme as atas lavradas no livro do GEASF.



Figura 16: Encontro de estudos do GEASF.
Fonte: Colegio Nuestra Señora del Perpetuo Socorro, 2011.

Além dos momentos de estudos, o grupo divulgou o Projeto desenvolvido em suas escolas nos desfiles cívicos do dia 7 de setembro de 2010 no Brasil, e no aniversário do Bicentenário do Paraguai no dia 14 de maio de 2011, conforme momentos registrados (Figura 16 e 17).



Figura 17: Apresentação do Projeto "Rio Apa: Unindo" dois povos na comemoração/desfile cívico do Bicentenário do Paraguai.
Fonte: Pesquisadora, 2011.

Para o encerramento das atividades do Projeto, o GEASF lançou a proposta do concurso cultural para os alunos das escolas participantes (Figura 17). Sendo para os alunos até 10 anos a categoria de cartazes, e de 11 a 17 anos a categoria carta.



Figura 18: Alunos brasileiros e paraguaios finalistas do Concurso Cultural Cartas e Cartazes.
Fonte: Garcia, 2011.

Na categoria de cartazes, o aluno deveria retratar a sua preocupação na preservação do Rio Apa, e na modalidade carta, os alunos deveriam se colocar como se fossem um dos rios, afluentes da Bacia, pedindo socorro para a população de ambos os países. A entrega aconteceu em um evento, com jantar, para os finalistas e seus familiares, para a premiação com certificado, medalhas e kit escolar.

4.4.5. Avaliação da proposta

Os educadores avaliaram, em sua maioria, a proposta como válida, já que traz assuntos locais para dentro da sala de aula de forma integrada e interdisciplinar.

“O que mais gostei foi que não ficamos sozinhos, trocamos, realizamos juntos, e os resultados foram surpreendentes. Ver a comunidade escolar envolvida é sem dúvida um dos pontos fortes do processo, possibilitou não

só repensarmos nosso espaço, mas nossas relações, conhecendo a cultura de educadores e escolas de outro país. Discutir, incorporar em nosso currículo o repensar das relações com o rio que abastece hidricamente nossos países são ganhos que não podemos deixar findar ao fim do ano letivo, e sim buscar mecanismos para essa inter-relação continuar” (Gestora escolar brasileira, Escola Municipal Prefeito Clóvis Marcelino de Oliveira).

Salientam fortemente o lado positivo do intercâmbio entre escolas brasileiras e paraguaias, mostrando que é possível transcender fronteiras geográficas, e, juntos, criar um canal efetivo de comunicação em busca de ações socioambientais locais. Conforme aponta Lima (2004), esses educadores, não deixaram de refletir em sua prática uma educação que:

[...] também é uma prática política porque implica sempre na escolha entre possibilidades pedagógicas que podem se orientar, tanto para a mudança quanto para a conservação da ordem social. A educação ambiental constitui-se, assim, como uma prática duplamente política por integrar o processo educativo, que é inerentemente político e a questão ambiental que também tem o conflito em sua origem (LIMA, 2004, p.91).

Esse é o desejo de um Grupo de Educadores na fronteira do nosso país, promover uma EA que expresse o desejo político das comunidades, por mudanças com o relacionamento econômico, social e cultural na gestão de seus recursos naturais.

Concluimos a análise enfatizando que trabalhar com a dimensão ambiental na educação formal é preceito em vários documentos brasileiros e em sua legislação, na fronteira com o nosso país, no Paraguai, os Ministérios de Educação e Cultura e o de Meio Ambiente também estão engajados para inserir a dimensão ambiental na educação de seu país de forma transversal.

Em uma realidade específica, fruto de ações de ONGs, entidades civis, governo, em 2006 foi aprovado o acordo da Bacia do Apa visando a EA como um componente permanente nas ações educativas escolares e a gestão integrada dos recursos da bacia hidrográfica do rio Apa, com uma abordagem transfronteiriça.

Encontram-se neste território transfronteiriço educadores que tentam escrever uma história diferente, baseados no acordo da Bacia do Apa (2006), tentam através de um coletivo permear os passos de uma educação que vai para além dos muros escolares, transcende fronteiras e busca a formação de cidadãos e cidadãs, brasileiros e paraguaios, para que se tornem seres críticos na busca pela transformação significativa de sua realidade como um todo. Esses educadores,

mesmo inconscientemente, criaram uma rede de saber ou um círculo de aprendizagem participativa, pois é um grupo de pessoas com propósitos comuns e se apoiam mutuamente ao realizar o trabalho com a dimensão ambiental nos currículos de suas escolas (SATO, 2001).

Como pontos fortes dessa proposta pedagógica desenvolvida nas escolas brasileiras e paraguaias, elencamos primeiro a vontade dos educadores de levar a dimensão ambiental para o seu currículo escolar, não como algo imposto, mas como desejo; a transversalidade e o sentido de pertencimento local presente nas propostas pedagógicas, resultando em atividades contextualizadas e articuladas; o intercâmbio entre comunidades escolares; e a busca por uma vertente de educação ligada a uma EA emancipatória onde a importância do diálogo está presente no processo de ensino e aprendizagem. Esses educadores conseguiram que suas escolas “representem um espaço de trabalho fundamental para iluminar o sentido da luta ambiental e fortalecer as bases da formação para a cidadania” (SATO, 2001).

Conforme os preceitos apontados por Sato (2001), esse Grupo conquistou em seus espaços escolares a promoção do empoderamento social, a viabilização da construção da cidadania, o fortalecimento da democracia e, conseqüentemente, a promoção da justiça social.

Vivenciar todo o processo, como parte de uma pesquisa, revelou um caminho de aprendizagem junto ao grupo, que nasceu com o desejo de transformar a educação oferecida nos espaços formais de cidades fronteiriças na dimensão da EA. As escolas conseguiram através de temas geradores e de uma EA emancipatória como prevê o projeto, levar a dimensão ambiental para o currículo escolar.

5. ATIVIDADE DE INTERVENÇÃO: UM NOVO CAMINHO PARA O GRUPO DE EDUCADORES AMBIENTAIS SEM FRONTEIRAS



I PEDALA FRONTEIRA, 2012. Acervo GEASF

“A educação ambiental deve buscar, permanentemente, integrar educação formal e não-formal, de modo que a educação escolar seja parte de um movimento ainda maior de educação ambiental em caráter popular, articulada com as lutas da comunidade organizada” Saito (2002).

Apresenta-se como o Grupo, junto, decidiu novas metas e objetivos para sua trajetória no contexto fronteiriço, expresso em um Plano de Ação.

5.1 Os Encontros

No mês de junho do ano de 2013, foram realizados três encontros do grupo, para juntos instituímos um novo caminhar.

O primeiro encontro contou com a participação de educadores das escolas que estão na relação apresentada no apêndice: professores, acadêmicos, trabalhadores da área ambiental, da área social, estudantes de cursos técnicos, jovens estudantes inclusos em programas sociais, após serem convidados para estar fazendo parte deste momento de repensar os novos caminhos do Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras (GEASF).

Os encontros aconteceram nas dependências da sede do Sindicato Municipal dos Trabalhadores em Educação (SIMTED), todos iniciando às 16h. O Sindicato é parceiro do Grupo nos eventos e na cedência do espaço para reuniões.

O único planejamento deu-se no sentido de convidar os membros a reunirem-se, ocorrendo em forma de convite direto as escolas, aos simpatizantes das ações do grupo por comunicado na rede social *Facebook*, na página do Grupo.

Do lado Paraguaio, estiveram presentes representantes do *Colegio Nuestra Señora del Perpetuo Socorro* e da *Escuela General Marcial Samaniego*. E do brasileiro, estiveram presentes educadores das escolas Municipais Agostinha Tebicherany, Clotilde de Castro Pinto; professores dos Centros de Educação Infantil. Das Escolas Estaduais compareceram Ester Silva, Professora Vera Guimarães Loureiro e Joaquim Murtinho. Os que compareceram em maior número foram acadêmicos dos cursos do polo local da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Anhanguera e Unigran. Alunos do Curso do Programa Federal Projovem Trabalhador¹⁴, e uma educadora do Programa Brasil Alfabetizado; orientadores sociais que atuam com projetos socioeducativos; membros da ONG Comunidade Ativa; um funcionário da AGRAER e membro da Associação de Apicultores de Bela Vista, juntamente, com sua esposa e filhos; funcionários de

¹⁴ Programa Federal de Qualificação Social e Profissional para jovens entre 18 a 29 anos.

várias repartições da Prefeitura, como Biblioteca e Centros de Referência em Assistência Social; uma professora de uma escola localizada no município de Caracol, da Escola Municipal Inácio Silvestre Monteiro e a coordenadora de Projetos da Secretaria de Educação. Importante frisar que estavam presentes educadores das Escolas Municipais Clóvis Marcelino de Oliveira e São Clemente, que na lista de presença apenas identificaram-se como instituição GEASF, assim como outros que não estão ligados diretamente à rede de ensino formal.

a) Primeiro Encontro

De acordo com o diário de bordo, ao iniciarmos a conversa, nos direcionamos para a questão: como estamos? Todos puderam colocar o que pensam sobre as últimas ações do Grupo no cenário local e escolar.

Os educadores presentes das escolas municipais brasileiras, envolvidos diretamente com as propostas, enfatizaram que no ano de 2012 não conseguiram desenvolver projetos que envolvessem toda comunidade escolar com o tema EA. Todos relembrou dos anos (2010-2011) em que estivemos envolvidos diretamente com o “Projeto Rio Apa: Unindo dois povos” nas escolas e o quanto foi gratificante. Foi possível ver a sinergia da proposta desenvolvida presente nos olhares e nas falas dos educadores.

Um educador brasileiro expôs que no ano de 2012 não conseguiu realizar os encontros e promover ações interdisciplinares com o tema na escola em que trabalha. Não foi como o ano anterior. Conseguiram promover em sua maioria as seguintes ações: palestras, ações pontuais e trabalhos em datas comemorativas.

E essa situação foi vivenciada por mais escolas presentes. Justificaram ter sido um ano de eleições municipais do lado brasileiro e não conseguiram o apoio necessário para ações que partissem do âmbito escolar para a integração de propostas transfronteiriças, outros já apontaram que não se sentiram motivados para estarem desenvolvendo novas ações, e apontam que até tentaram, mas, que foram vencidos por obstáculos de gestão escolar, como falta de apoio financeiro e das apertadas agendas das escolas. Nas falas foi possível observar o valor da gestão para as ações interdisciplinares, pois quando há alguém estimulando, envolvendo a

todos, as ações se tornam efetivas e fáceis de serem articuladas e como o encerramento do ciclo do Projeto, isso não aconteceu mais em alguns espaços escolares.

Nos relatos, observa-se que a Escola Clóvis conseguiu ao longo do ano letivo de 2012, trabalhar com temas ambientais, como a água e resíduos sólidos, de forma interdisciplinar e contextualizada, impulsionada pela educadora ambiental Ivone Delmiro. Sua proposta foi aprovada para estar na Conferência Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente em 2013, porém acabou sendo substituída por outra por não ter confirmado em tempo hábil a presença da escola para a comissão organizadora. E a escola Estadual Ester Silva, também conseguiu mobilizar os alunos, e em 2013, através e a partir do desejo da educadora Kátia Nogueira, realizou a Conferência Infanto-Juvenil na Escola.

A escola paraguaia, o *Colegio Nuestra Señora del Perpetuo Socorro* relatou as atividades que desenvolveu com o tema Rio Apa, principalmente envolvendo seus alunos do Ensino Médio: Projeto Diálogos de Jovens, planejado com os membros do GEASF na Fronteira, levantamentos locais sobre a situação socioambiental, teatros e concurso de poesias com o tema Rio Apa.

O momento, o qual todos destacam como essencial para o ano foi o evento promovido pelo GEASF em parceria com o curso da UFGD de Gestão Ambiental – O pedala Fronteira.

Após esse momento de avaliação de como eu, integrante, e que me intitulo um/a Educador/a Ambiental Sem Fronteiras, estive atuando nos últimos anos, podemos perceber que precisamos de um projeto próprio para continuar com a existência e ações do Grupo em ambos os territórios. Mas, com a presença de muitos aspectos positivos de ações educacionais presentes nas escolas e em novas escolas que identificam com a proposta de ter educadores ambientais.

Os presentes que não atuam diretamente em espaços formais de educação, colocaram que se sentem mobilizados pela proposta de levar EA para os dois territórios em nossa fronteira e querem contribuir de alguma maneira para que novas e as atuais propostas de ações do Grupo deem certo.

É interessante observar que os orientadores sociais dos serviços socioeducativos, que são profissionais que trabalham com crianças e adolescentes (faixa etária de seis a 17 anos) dos Serviços Socioeducativos ofertados pela

Secretaria de Assistência Social (Bela Vista-BR), onde os alunos vivenciam situações de vulnerabilidades sociais¹⁵ e frequentam os serviços no contra turno escolar, se sentem seduzidos pelas propostas. Compartilharam com o grupo um pouco da rotina do trabalho dos Serviços Socioeducativos, informando que no referencial curricular dos Serviços elas precisam trabalhar com o tema meio ambiente, e estar no Grupo, pertencer ao Grupo, é a possibilidade de enriquecer os trabalhos realizados nesses espaços socioeducativos. E uma dessas orientadoras (membro do GEASF) Keitiane Larossa desenvolve um excelente trabalho com materiais recicláveis, contou a todos os presentes sua experiência com a Banda Ecológica do seu Núcleo. O GEASF conquista assim, um novo espaço em território brasileiro: os espaços dos serviços socioeducativos.

Em relação aos educadores paraguaios, apenas três se fizeram presentes. A coordenadora geral do grupo no presente ano, professora Célia Cristina Azuaga, o professor Aroldo Aguilera Cristaldo, e a professora Maria Laudelina Cáceres, que já foi coordenadora geral do GEASF e supervisora das escolas, hoje está como diretora da Escola General Marcial Samaniego. Pontuam que estar neste grupo, é encontrar parcerias, companheiros para aprender e ensinar um caminhar, na busca pela EA nos espaços escolares. Professora Célia Cristina Azuaga, diz que na sua escola (além de ser professora também é a gestora), o trabalho com EA esteve presente no projeto da realização do Evento Pedala Fronteira em 2012, proposto pelo GEASF e nos trabalhos diretos dos professores com o tema. Que se sente entusiasmada com o envolvimento dos alunos, desde a preparação para recepcionar os brasileiros, ao dinamismo que a proposta empregou na escola. Que o evento já entrou no currículo e calendário escolar.

Professor Julio Xavier Rejala, que já foi coordenador geral das escolas paraguaias, não esteve presente nesse encontro, porém segundo os professores presentes o mesmo se coloca a disposição do grupo e quer muito colaborar com as ações, assim como a atual coordenadora, professora e vereadora Fatima Trindade Fleitas. Esses, na verdade são os militantes do GEASF atualmente no lado paraguaio.

¹⁵ De acordo com a Política Nacional de Assistência Social (2004), os usuários do Sistema Único da Assistência Social no Brasil são pessoas que se encontram em vulnerabilidade social, decorrente da pobreza, privação de renda, de serviços públicos, ou que estejam com fragilização de vínculos afetivos, discriminação etária, de gênero ou por deficiência, dentre outras. (2004, p.33)

Professora Maria Laudelina expôs da dificuldade de seduzir os professores da instituição para trabalhar de forma interdisciplinar uma proposta em EA, mas que ocorreram trabalhos no último ano, mesmo que de forma estanque, não como na época do projeto “Rio Apa: Unindo dois Povos!”, observa que com este projeto os professores e as escolas envolvidas surpreenderam com as atividades interdisciplinares apresentadas em 2011. E que os professores/as que trabalharam com o projeto “Rio Apa – Unindo dois povos!” nos anos de 2010 e 2011, são os que mais se entusiasmam com os trabalhos com EA.

O encontro durou aproximadamente duas horas e meia e compareceram, conforme lista de presença em anexo, 17 educadores que se intitulam já como membros do GEASF, e mais 09 novos integrantes. Esse primeiro encontro baseou-se realmente em uma retrospectiva do Grupo, com ênfase em quem somos e onde estamos, uma reflexão para análise do que queremos, assunto para ser direcionado no próximo encontro.

Foi possível observar que os/as professores/as que trabalharam com o projeto “Rio Apa – Unindo dois povos!” são os percussores, os animadores em seus ambientes escolares, mesmo tendo trabalhado isoladamente em 2012, continuaram a fazer EA em seu espaço escolar.

b) Segundo Encontro

O segundo encontro aconteceu dia onze de junho e foi movido pela pergunta: o que desejamos enquanto Educadores Ambientais Sem Fronteiras? As respostas dessa tempestade cerebral proporcionada pela pergunta foram:

*“Um novo caminhar para proposta de educação ambiental na minha escola.”
“Desejo desenvolver ações que possibilitem o crescimento mútuo das pessoas que estão a minha volta.” “Vivenciar cada vez mais o sentimento de solidariedade, sonhos, que juntos podemos muito mais.” “Continuarmos unidos pelo nosso rio Apa.” “Encontrar respostas para muitas dúvidas enquanto educadora.” “Firmar essa troca cultural entre os dois povos, através do viés ambiental.” “Lutar para que nosso rio Apa continue nos abastecendo hidricamente por muito tempo.”*

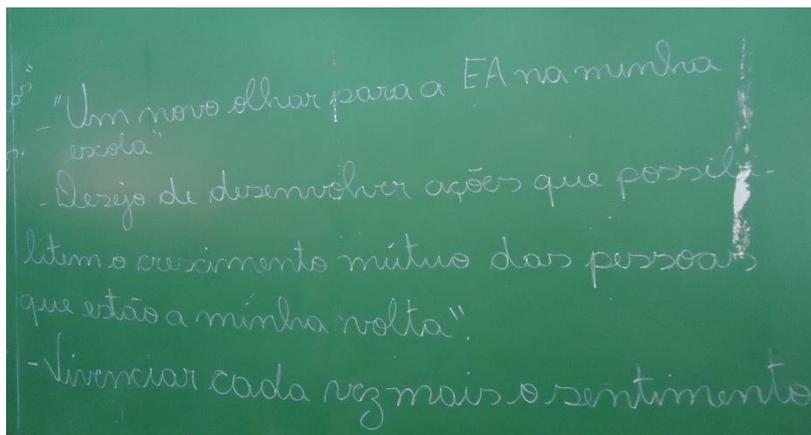


Figura 19: Tempestade de ideias do Encontro
Fonte: Garcia, 2011.

Enquanto iam externando oralmente suas convicções e desejos, na base do diálogo, um dos presentes teve ideia de ir registrando no quadro negro o que cada um desejava (Figura 19). Após esse momento, um dos participantes, líder em trabalhos com a juventude, frisou que precisamos enquanto grupo, nos fortalecer. Aproveitei o momento, e indaguei como nós poderíamos nos fortalecer enquanto Grupo.

Os presentes sugeriram que poderia ser através de propaganda (divulgação) das ações que o Grupo realiza; na confecção de camisetas que divulgue a existência do grupo, de criar serviços que podem ser ofertados para quem precisar, como palestras e oficinas de EA; criar um calendário anual dos eventos; e criar novas propostas de ação.

Como poderia ser essa nova proposta de ação? Terceira indagação proposta ao grupo. E a educadora ambiental da escola Ester Silva indicou que por meio de planejamentos.

Propus então, que juntos criássemos um novo plano de ação de atuação do GEASF, que nele prevíssemos não apenas a atuação nos meios formais de educação, mas que criássemos e instituíssemos as ações já realizadas e as novas que poderiam sugerir.

Este encontro durou uma hora e trinta minutos e encerrou-se com a proposta de como podemos criar esse plano de ação, quando então, propomos que para o próximo encontro os participantes trouxessem esqueletos com itens essenciais de como poderíamos montar esse plano. Lembrando que neste encontro compareceram 26 pessoas, dos quais 08 sendo à primeira vez. Alguns justificaram

sua ausência e compareceram no próximo. Outros apenas no primeiro encontro, principalmente acadêmicos.

c) Terceiro Encontro

Uma semana após o segundo encontro, todos já estavam cientes que juntos precisávamos montar um plano de ação para a continuidade do GEASF, como um grupo no qual todos se sentem partícipes do processo de atuação.

Importante apontar que os educadores que dividem o mesmo espaço social (escola, universidade, trabalho) pensaram juntos na proposta de um novo plano do que esse documento tem que conter, mostrando diálogo e união nos objetivos. Assim, tivemos quatro sugestões de itens essenciais para a montagem, trazidas pelos participantes:

Quadros 3: Sugestões trazidas pelos educadores para estruturar o Plano de Ação.

Sugestão 01						
O que fazer?	Como fazer?	Quanto?	Onde?	Responsável	Eficácia	
					Previsto	Realizado
Sugestão 02						
O que?	Para que?	Como?	Quando?	Quantos?	Onde?	
Sugestão 03						
Objetivo	Estratégias/Ações	Responsáveis	Recursos	Prazo		
Sugestão 04						
Justificativa	Eixos trabalho	Ações	Meta para cada ação	Prazo para cada meta	Recursos	

Fonte: GEASF, 2013.

O grupo votou na estrutura sugerida número 03, contemplando além desses itens, a missão que o Grupo irá adotar depois deste encontro.

Escolhido o roteiro de montagem, com aportes teóricos disponíveis (todo acervo Bibliográfico do GEASF), internet e notebooks pessoais à disposição, optamos em grande grupo decidirmos os itens: a missão, o objetivo, e as ações/estratégias de ação para um ano. E as ações escolhidas, dividimos em quatro grupos com três elementos no máximo para delinear cada estratégia.

Ao fim do encontro, com duração de quase três horas, em que nem vimos o tempo passar, chegamos à conclusão que este plano de ação possibilitaria aos membros manter e controlar as ações que deverão ser tomadas, possibilitando a reflexão e principalmente a comunicação eficiente entre o grupo. Assim, com fins de coordenar, manter e controlar as ações que vão ser tomadas dentro do prazo de um ano o Grupo decide efetivar o seu plano de ação com intenção de alcançarmos metas para o desenvolvimento das atividades com o tema gerador Rio Apa e a sustentabilidade do território transfronteiriço.

Neste encontro compareceram 28 pessoas, das quais cinco acadêmicos pela primeira vez, todos acadêmicos.

5.2 O plano de Ação para o Grupo

O presente plano foi criado no mês de junho do ano de 2013, após três encontros nos quais membros que participam efetivamente na construção das propostas do Grupo, propuseram criar um direcionamento para as ações do Grupo no território transfronteiriço, dos municípios de Bela Vista/BR e *Bella Vista Norte*/PY.

Missão do GEASF: Ser referência em Educação Ambiental crítica e emancipatória no território transfronteiriço do rio Apa, desenvolvendo ações que permitam aos habitantes do território transfronteiriço do rio Apa repensar suas relações com o meio ambiente.

Objetivo: Instituir planos anuais para a identificação das atividades que o grupo se propõe a executar, facilitando o diálogo no coletivo e a divisão de tarefas. (PLANO DE AÇÃO, 2013, p. 01).

Quadros 4: Estratégias e ações do Plano de Ação do GEASF

Estratégias/ação: Ferramentas de divulgação do Grupo			
Atividade	Recursos necessários	Responsável	Quando
<ul style="list-style-type: none"> • Administrar o Grupo na rede social; • Inserir e aprovar novos membros; • Divulgar as ações; • Inserir novos álbuns de fotos. 	Internet Computador Máquina Digital	Patrícia Lima Ortelhado Oraldino Centurião Keitiane Larrosa Cáceres Sirlene Ledesma Celia Cristina Azuaga Aroldo Aguillera	Ano todo/sempre que o GEASF realizar atividade

<ul style="list-style-type: none"> Alimentar o Site das ações do Grupo; Inserir matérias e notícias; Atualizar os ícones disponíveis. 	Internet	Patrícia Lima Ortelhado Oraldino Centurião Keitiane Larrosa Cáceres Sirlene Ledesma	Ano todo/sempre que o GEASF realizar atividade
<ul style="list-style-type: none"> Divulgar (concedendo entrevistas ou por outros meios) as ações em mídias locais. 	Parceria com as rádios locais	Giuliano Pimenta Oraldino Centurião Kátia Nogueira Ivone Delmiro Patrícia Lima Ortelhado	Divulgação dos Eventos
Estratégias/ação: Registro histórico cultural do Grupo			
Atividade	Recursos necessários	Responsável	Quando
<ul style="list-style-type: none"> Registros das reuniões Livros atas; Lista de presença. 	Ata	Sirlene Ledesma Máxima da Rosa Riquelme	De acordo com as reuniões realizadas
<ul style="list-style-type: none"> Preservação do Acervo Bibliográfico do GEASF 	Aquisição de armário	Célia Cristina Azuaga Maria Laudelina Cáceres Patrícia Lima Ortelhado	Dezembro/2013
Estratégias/ação: Atividades pedagógicas para o trabalho com Educação Ambiental e Mobilização de novos Protagonistas			
Atividade	Recursos necessários	Responsável	Prazo
<ul style="list-style-type: none"> Evento: II Pedala Fronteira Elaborar cronograma com as atividades/ distribuição de funções; Contatar os ciclistas profissionais para mobilização e parcerias; Contatar parcerias para oferecer o almoço aos participantes 	Logística total para o evento 04 coordenadores diretos para efetivar os processos	Todos os membros do Grupo Coordenador: Oraldino Centurião Sirlene Ledesma Celia Cristina Azuaga Patrícia Lima Ortelhado (Este ano o percurso deve ser no Brasil.) *Cada ano tem-se novos coordenadores, definidos em reunião prévia!	Setembro/2013
<ul style="list-style-type: none"> II Diálogos de Jovens na Fronteira – Um encontro Intergeracional; Planejamento da sistematização de cada diálogo/ escolha dos temas 	Logística total para o evento Coordenadores para os diálogos sendo um de cada nacionalidade	Todos os membros do Grupo Coordenadores: Patrícia Lima Ortelhado Celia Cristina Azuaga Oraldino Centurião Aroldo Aguilera Cristaldo Maria Laudelina Cáceres	Setembro/2013
<ul style="list-style-type: none"> Conferência do Meio Ambiente – Etapa Municipal Estabelecer contato com a Secretaria de Meio Ambiente local para ver como anda 	Grupo ser parceiro para realização da Conferência em Bela Vista	Todos os membros	Julho/2013

os preparativos e oferecer apoio.			
<ul style="list-style-type: none"> • Concurso de Carta e Cartazes com o tema Rio Apa; • Sistematizar um ciclo de palestras com o tema: conhecendo a Bacia Hidrográfica do Apa, para serem executadas em espaços formais e não formais; • Reeditar o concurso, adequando ao novo contexto vivido; • Buscar parcerias para oferecer as premiações. 	Premiação para os trabalhos	Ivone Delmiro Aroldo Aguilera Maria Laudelina Cáceres Kátia Nogueira Sirlene Ledesma Giuliano Pimenta	Abril/2014
<ul style="list-style-type: none"> • Propulsionar Projetos de EA interdisciplinares desenvolvidos nas escolas brasileiras e paraguaias com temas geradores locais • Sensibilizar (diálogos com a comunidade escolar) para desenvolvimento de práticas de EA no ambiente escolar – Espaço Educador Sustentável. 	Envolvimento da comunidade escolar Apoio dos membros do Grupo quando necessário	Cada membro presente nos espaços escolares	Um projeto por ano
<ul style="list-style-type: none"> • Formatar o Programa: Cinco Minutos com a EA – programa radiofônico na FM 92.5; • Aplicar uma Oficina de Educomunicação • Planejar sistematicamente, com cronograma prevendo a divisão de tarefas, os temas e responsáveis pelo programa; • Todo sábado, às 10h. 	Espaço em um Programa Radiofônico	Divisão por programa entre os membros do grupo e sua rede de mobilização Direta Educomunicador JT (BR) Coordenador: Vicente Eduardo Balog	Março/2013
<ul style="list-style-type: none"> • Incentivar a coleta seletiva em Bela Vista/BR e Bella Vista/PY, dando enfoque para o tema: Resíduos Sólidos; 	Projeto sistematizado para a busca das parcerias com os Centros de Referência em	Todos os membros do Grupo Coordenadoras: Keitiane Larrosa Cáceres	Fevereiro/2014

<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer contato com os catadores locais; • Criar estratégias de ação pedagógica para estimular novas práticas com moradores locais; • Estabelecer parcerias com escolas (no BR e no PY), com os Centros de Referência de Assistência Social no Brasil e no Paraguai com o Departamento Municipal de Meio Ambiente. 	Assistência Social, Escolas e órgãos municipais do Meio Ambiente.	Oraldino Centurião Patrícia Lima Ortelhado Dayana Moraes	
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver o Projeto Banda Ecológica Sem Fronteiras com os Jovens 	Ecos pontos para reciclagem dos materiais para a confecção dos instrumentos da Banda	Responsáveis: Keitiane Larrosa Cáceres Wesley Teixeira Daiane Moraes	Fevereiro 2014

Fonte: Plano de Ação do GEASF, 2013.

Todos se comprometeram e são responsáveis por acompanhar e efetivar a sua execução. Constata-se a importância e o envolvimento de alguns membros em todo o processo, e ainda tem aqueles que gostam e disponibilizam-se em participar na hora da ação propriamente dita.

Muitos que são envolvidos diretamente não compareceram nos encontros de reformulação do plano de ação devido à agenda ou por viagens. Porém todos se colocaram à disposição do GEASF. Observa-se isso no Plano de Ação, onde membros que não estavam presentes nos encontros são responsáveis por articular diversas atividades.

6. ANÁLISES DOS RESULTADOS



Banda Ecológica Sem Fronteira. Projeto Educar para Reciclar, 2013.

*[...] o 'meio ambiente' e a Educação Ambiental começam dentro de mim e também dentro de nós enquanto coletivo, grupo, movimento, sociedade. Onde há espaços para preencher o vazio social externo e o vazio pessoal interno. Lembrando que **espaço** está associado à esperança que é **um movimento de alma**.*

José Matarezi (2005, grifo do autor)

Ao levantar a identidade do Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras (GEASF), percebe-se que ao constituírem-se enquanto grupo e unidos por uma proposta pedagógica distinta, foi possível trilhar caminhos seguros na direção da práxis de uma Educação Ambiental (EA) para transformar as condições socioambientais locais.

Em abril de 2011 foi criada a logomarca, por Aparecida de Jesus Pereira membro do GEASF, que atuava na época como supervisora escolar na Secretaria de Educação de Bela Vista/MS, criou a arte da logo do Grupo (Figura 20), na qual evidencia a união de dois povos pela bandeira de cada país, a cuja do tereré como nossa cultura que se entrelaça na fronteira, e o rio que nos une em torno dos objetivos socioambientais locais e globais. É um dos primeiros produtos criado pelo GEASF.



Figura 20: Arte da Logo do GEASF
Fonte: GEASF, 2011.

Por consequente, nos anos que sucederam foi vivenciado a aplicabilidade da Proposta Pedagógica “Rio Apa: Unindo dois povos!” no GEASF vivenciou-se os acontecimentos da roda viva da vida: professores temporários que foram embora, professores que mudaram de escolas, troca de direção, mudança de visões nas gestões escolares, troca da supervisora das escolas do município de *Bella Vista Norte*, o projeto ficou enfraquecido no ano de 2012 dentro dos espaços escolares que inicialmente constituíram o grupo.

A proposta de rearticular o Grupo via um novo plano de ação, que não preconiza apenas o ambiente educacional formal contribuiu para que este Grupo continue no percurso de disseminar conhecimentos sobre a Bacia Hidrográfica do Rio Apa e sua importância para o território fronteiriço, na busca de uma sociedade sustentável. Rearticular o Grupo surgiu da necessidade de fomentar novas metas, planos e desafios para o Grupo, reforçando o que já existia de bom e agregando novas ideias e novos membros. Reafirmou a sua identidade.

Assim, os resultados apontam para dois cenários distintos, o GEASF presente em espaços formais, e, em seus últimos anos nos não formais no âmbito do território transfronteiriço.

Neste território compartilhado, como bem observa Broch (2008) não há um grande conflito de interesses nacionais envolvidos na utilização das águas do Rio Apa, como grandes projetos hidrelétricos ou de navegação, muito menos a escassez hídrica, a justificar a necessidade de um Acordo de Cooperação bilateral. Ao contrário, tratam-se de pequenos conflitos socioambientais típicos de uma região interiorana com economia baseada na agropecuária voltada para a monocultura e exportação, como cita Brasil (2005a) também baseado em Broch (2008).

6.1 O percurso do GEASF nos espaços formais

As ações realizadas são inúmeras ao longo desses três anos, e já vivenciamos muitos desafios. O maior sem dúvidas é a partir do PPP, documento que dá identidade a escola, repensar como poderíamos incluir a dimensão ambiental no currículo. O espaço formal educacional é infinitamente rico em possibilidades para efetivarmos uma prática fundada em valores de igualdade, democracia, justiça social, sustentabilidade e responsabilidade com o território como um todo.

Primeiro que são dois sistemas educacionais diferenciados.

Podemos dizer que o Brasil ao incluir a dimensão ambiental nos espaços formais e não formais avançou nesse sentido, refletido primeiramente na nossa

Constituição Federal (CF) de 1988, no seu inciso VI do § 1º artigo 225 que determina que o Poder Público tenha como deve promover a EA em todos os níveis de Ensino, uma vez que, “todos têm o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”; a Lei nº 6.938 de 31 de agosto de 1981 que trata sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, e no inciso X do artigo 2º, já estabelecia que a EA deve ser ministrada a todos os níveis de ensino, objetivando capacitá-la para a participação ativa na defesa do meio ambiente; a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), prevê que na formação básica do cidadão seja assegurada a compreensão do ambiente natural e social, que os currículos do Ensino Fundamental e do Médio devem abranger o conhecimento do mundo físico e natural; que a Educação Superior deve desenvolver o entendimento do ser humano e do meio em que vive; que a Educação tem, como uma de suas finalidades, a preparação para o exercício da cidadania; e a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, regulamentada pelo Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002, dispõe especificamente sobre a EA e institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), como componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, e por fim, a Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012 do Ministério da Educação através do Conselho Nacional de Educação e do seu Conselho Pleno estabelecem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EA para o nosso país, permitindo as instituições basearem-se nos parâmetros estabelecidos.

E no Paraguai, os passos iniciam-se com a Constituição de 1992. Cabral (2008) enfatiza a importância da Legislação Ambiental, sendo ela uma matriz indispensável para:

- a) definição de usos permitidos ou proibidos; b) formas e medidas de recuperação, melhoria, conservação e/ou preservação ambiental; c) avaliação e/ou resolução de problemas e situações concretas; d) sensibilização e capacitação de atores sociais de um modo geral e, especialmente, daqueles envolvidos com o planejamento e gestão ambiental; e) construção de direitos e deveres em relação ao meio

ambiente; f) embasar e qualificar processos e instrumentos pautados pelo ideal do desenvolvimento sustentável [...] (CABRAL 2008, p.64-65).

Conhecer e possuir uma legislação aplicada ao meio ambiente em determinado território, exemplo o nosso, como afirma Cabral (2008) como sendo um dos mais completos do mundo, conduz a relação dos sujeitos com os espaços naturais ou construídos.

E no nosso país vizinho, todo esse processo ainda caminha a passos lentos, confirma Broch *et al.* (2008). E, isso demonstra a relevância de uma ação que prevê o intercâmbio entre sujeitos de nacionalidades diferentes, de realidades opostas constitucionalmente. Como avanços no território paraguaio, apontamos sua Política Nacional do Meio Ambiente (2006?) e a Lei dos Recursos Hídricos, n.º 3.239/2007. O que desejamos é conhecer profundamente as leis que regem o nosso território, o Brasil, e não confrontá-las com as do país vizinho.

E conforme os dados coletados no capítulo 04, o Grupo nasceu para articular uma proposta pedagógica em sete espaços escolares, sendo dos quais, quatro escolas localizadas em *Bella Vista Norte* e três em *Bela Vista/BR*.

Os trabalhos nas quatro escolas que foram nosso objeto de investigação inicial: a Escola São Clemente, Clóvis Marcelino de Oliveira/BR; Perpétuo Socorro e General Marcial Samaniego/PY tiveram êxito porque conseguiram inserir a proposta em seu PPP, pela presença de professores com formação, especializados e com formação continuada. Além disso, contamos com educadores com espírito de liderança. Esse era o objetivo inicial do Grupo, incluir a dimensão ambiental nos currículos das escolas envolvidas.

É preciso valorizar a prática docente, por meio dos conhecimentos criados a partir da práxis estabelecida por esses educadores. Esses foram momentos em que foi possível articular teoria e prática. Percebe-se que nas ações propostas por esses educadores a intenção foi romper com a distância teórica, como preconiza Freire (1979), incorporando em sua prática educativa a realidade vivida, o contexto em que estão inseridos, e criando os verdadeiros círculos de cultura com a sua comunidade escolar. Foram esses educadores, como preconiza Guimarães (2004), verdadeiros dinamizadores de ambientes educativos, porque compreenderam a complexidade existente no processo dos movimentos sociais,

motivados pela reflexão crítica, conseguiram mobilizar a sua comunidade com sinergia, estabelecendo processos de intervenção nas suas realidades socioambientais.

Caminhando nesse sentido para a transformação dos sujeitos de todos os envolvidos com este processo fascinante de educar, na medida em que, ultrapassaram fronteiras físicas, conseguindo um intercâmbio de trocas culturais, sociais e políticas, nunca antes registrado por esse território transfronteiriço: das cidades-gêmeas das “Belas Vistas”. Importante destacar que o objetivo é levar conhecimento sobre a Bacia Hidrográfica do rio Apa para os povos que habitam essa fronteira, não importando sua nacionalidade, para que assim, enquanto cidadãos possam contribuir para a gestão compartilhada dos recursos hídricos.

A base de trabalho do projeto desenvolvido pelo GEASF foi ancorada nos preceitos da proposta pelo educador e filósofo brasileiro Paulo Freire. É oportuno frisar os pensamentos de Lima (2004, p. 94), que afirma que uma EA trabalhada nas vertentes da educação emancipatória busca enfatizar e associar as noções de mudança social e cultural, de emancipação/libertação individual e de integração no sentido de complexidade. Mesmo sem uma intenção pré-definida o GEASF propôs trabalhar com o viés de uma EA crítica e emancipatória. Vejo que não tínhamos conhecimento de vertentes de EA quando iniciamos o percurso, muito bem constatado no Projeto Pedagógico “Rio Apa: Unindo dois povos,” que foi proposto.

Realmente ao analisar o projeto, as anotações do diário de bordo, foi possível verificar muitas potencialidades em torno do desejo de mudança, de articulações, de propostas articuladas com a realidade social de educandos e educadores, de que é possível efetivar pontos verdadeiros na busca de uma integração entre dois povos na luta socioambiental em seus territórios, conforme apontado na coleta de dados no capítulo 04.

Toda base de ação do GEASF, preconizado no Projeto Pedagógico “Rio Apa: Unindo dois povos” (disponível no anexo 3) foi fundamentado no Livro Pé na Água (BROCH *et al.*, 2008). As escolas, objeto de análise, conseguiram incluir definitivamente no seu PPP a dimensão de EA de forma transversal. É um avanço para o sucesso de práticas ambientais nos espaços formais prevê-lo no documento norteador do processo educativo escolar: o PPP. Veiga (2003) aponta

que esse documento nos espaços escolares pode ter duas finalidades: ser uma ação regulatória ou técnica; ou uma ação emancipatória ou edificante.

As escolas brasileiras e paraguaias retroalimentaram seu PPP no ano de 2011, garantindo a participação de sua comunidade escolar e fazendo com que este documento fosse uma referência para sua comunidade. E nesses documentos, preveem como aporte teórico para o trabalho com a EA o Livro Pé na Água, para trabalhar especificamente o tema Bacia Hidrográfica do rio Apa, com o enfoque contextualizado.

Veiga (2003) discute essas duas vertentes da postura que a equipe escolar pode adotar frente ao seu PPP. Se for à postura regulatória, o PPP será um “conjunto de atividades que vão gerar um produto: um documento pronto e acabado.” (VEIGA, 2003, p.05). Com esta vertente de PPP a escola e a sua comunidade, que também é responsável diretamente por este documento, garante a burocratização da escola, transformando-a em uma instituição que sabe cumprir normas e reproduzir mecanismos dominadores.

Quando me deparei com a publicação do Livro Pé na Água (BROCH *et al.* 2008), oportunizada pelas oficinas do Projeto Fortalecimento das Políticas de EA para o Pantanal: o caso da Bacia Transfronteiriça do Rio Apa, enalteceu o desejo e o olhar para oportunidades de trabalharmos o tema com nossas escolas. E na gênese da proposta pedagógica das oficinas que participamos, tanto da Educomunicação e da Educação Ambiental no Projeto Político Pedagógico, proposto pela MUPAN e Rede Agupapé, foi enfatizada a riqueza do material do Livro Pé na Água, e como poderíamos utilizá-los nas propostas pedagógicas. O objetivo das oficinas do Projeto era uma resposta para a utilização do material produzido coletivamente no âmbito do Projeto Pé na Água, em que educadores da rede municipal, estadual e equipe da UFMS dedicaram-se por meio de pesquisa e produção de material sobre a Bacia do Apa (MUPAN, 2013). Muito importante para fundamentar nossa caminhada pelos espaços formais.

É o primeiro material que contemplou as necessidades locais, sendo que, contém desde planos de aula, artigos dos educadores locais registrados no CD-ROW que acompanha a obra (SELEME, 2008). O material foi uma tentativa de aproximação dos educadores com informações técnicas científicas sobre a Bacia transfronteiriça do Apa.

A proposta pedagógica do GEASF indicava que cada escola poderia estar adaptando à sua realidade local, conforme dados coletados no capítulo 04, considerando as especificidades de cada ambiente escolar, observa-se de acordo com as atividades levantadas, que em sua maioria as desenvolveram-na de forma transversal e interdisciplinar. Algumas delas fizeram com que seus alunos repensassem o seu ambiente, por meio de atividades de sensibilização de como todos estavam se relacionando com o universo a sua volta, que tudo que nos cerca é o nosso meio ambiente. Desmistificando que cuidar do meio ambiente é apenas preservar o verde, plantar árvores, ou pior ainda, pintar gravuras prontas em comemoração ao dia da árvore, à chegada da primavera, na semana do meio ambiente, ou no dia da água.

A limpeza realizada pelos alunos em suas carteiras virou rotina, proposta pelo Colegiado Escolar de duas escolas brasileiras, e digo, pelos próprios alunos. É possível constatar premissas de gestão democrática em espaços como esses, onde os órgãos colegiados participam, opinam, contribuem para a gestão cotidiana dos espaços, tornando-os coletivos e com maiores possibilidades de serem sustentáveis.

As visitas técnicas das turmas, as palestras, os seminários realizados pelos educandos e educadores sobre o que é a Bacia Hidrográfica do Rio Apa, e as atividades que chamaram os pais para ornamentar o espaço da escola, demonstram que só uma comunidade comprometida com o viés da educação emancipatória consegue êxito nessas propostas. Compreendemos que trabalhar com a EA não é preservar ou plantar árvores, não que plantar árvores não seja relevante, mais fazer EA nos espaços escolares vai muito além, sendo o primeiro passo compreender que temos inúmeras possibilidades presentes no nosso próprio contexto vivido, para instaurar um ambiente educativo firmado nas bases de uma perspectiva crítica e emancipatória dos sujeitos.

E como resultados dessa inserção do tema Bacia Hidrográfica do Rio Apa no currículo escolar, dessas sete escolas que se propuseram inicialmente, quatro conseguiram resultados exemplares, evidenciado claramente com os produtos finais do concurso de Carta e Cartaz promovido pelo GEASF para encerrar o ciclo da proposta. Contemplamos nos trechos de algumas cartas, e o olhar sensível dos alunos para os cartazes.

Remetente: Rio Perdido

Destinatário: Cidadãos bela-vistenses brasileiros e paraguaios.

Caro cidadão da nossa fronteira;

Escrevo esta carta meio aos prantos, pois vou contar a você a minha história de vida, prometo-lhe não tomar muito tempo, pois sei que você é um ser humano ocupado, mas peço se possível, que você conceda um pouco da sua atenção.

Sou um rio solto que deságua em uma imensidão de água, tenho a companhia de uma mata linda e deslumbrante que me auxilia nesta jornada. Mas, ultimamente me sinto só, abandonado, perdido, sem rumo, pois por onde passo, encontro madeira ao chão, não me alegro mais, pois não ouço o canto dos pássaros, os peixes a brincar e nem as variedades deles morando em meu leito, confesso que estou com medo, pois me sinto sozinho nesta luta.

Vou lhe contar o que presenciei ontem, confesso que me deixou atônito, vi alguém levando as areias que estavam na minha praia, certamente para usarem em suas construções. Logo ali na frente, me deparei com uma triste cena, árvores derrubadas, uma carcaça de um dos meus habitantes que ali morava alegremente com seus amigos, sem falar na montanha de lixo em minhas margens e no esgoto lançado em meu leito. Encontrei muitos obstáculos em minha trajetória; agora eu pergunto a você, o que eu faço? Seria possível você me ajudar de alguma forma?

Sei que a sua vida é corrida e que você mal tem tempo para você mesmo, mas qualquer boa ação que você fizer por mim, por menor que for, para você não significa nada, para mim faz a diferença na minha luta pela sobrevivência (Aluna da Escola Municipal São Clemente, 2011).

Nessa carta a aluna consegue colocar como os rios precisam que nós, seres humanos, que nos construímos pelo ato do trabalho, mudemos o olhar para a maneira como estamos nos relacionando com os elementos naturais. E que por mais que achemos que nossa vida é corrida, precisamos redirecionar o nosso olhar. Interessante apontar que a aluna escolhe um dos afluentes do Rio Apa o rio Perdido, e não o rio principal da Bacia, mostrando que os conhecimentos técnicos científicos de Bacia foram apreendidos.



Figura 21: Rio Perdido, seca de 2007, afluente do Rio Apa, Caracol/MS.
Fonte: Projeto Pé na Água, 2007, CD ROW.

O rio Perdido (Figura 21) tem sua nascente no Parque Nacional da Serra da Bodoquena nos municípios de Bonito e Jardim. E no ano de 2007 vivenciou uma de suas maiores escassez de água em seu leito. Essa imagem sensibiliza de forma surpreendente os alunos ao trabalhar os afluentes do rio Apa.

Bela Vista, 24 de setembro de 2011.

Queridos companheiros;

Escrevo esta carta para dizer-lhes que necessitamos cuidar do nosso meio ambiente, principalmente o nosso rio, temos que ser mais responsáveis pelas nossas atitudes. Evitemos jogar lixo em qualquer lugar, porque ele vai parar no rio Apa, e pode contaminá-lo. Usemos água com consciência, não desperdicem!

Estou muito preocupada porque quase ninguém se preocupa em cuidar do nosso meio ambiente.

Ajude-nos, unidos, todos podemos cuidar e assim preservar nossa natureza, levando sempre em conta que a água é indispensável para a nossa vida.

Espero que pensem nesta mensagem, e obrigada por ler.

(Rosinelia Bento Gimenez, Aluna do Colegio Nuestra Senhora Del Perpetuo Socorro, tradução da pesquisadora).

Nessa escrita vemos o enfoque dado à necessidade de mudança de atitudes frente aos resíduos sólidos tão presentes nas margens do rio Apa, nos pontos de lazer das duas populações Praia do Pompilho (BR) e na Prainha (PY).



1) Cartaz, aluno Escola São Clemente;

2) Cartaz da aluna escola Maria Auxiliadora

Figura 22: Cartazes finalistas do concurso.

Fonte: GEASF, 2011.

Os cartazes produzidos por alunos da faixa etária de 4 a 10 anos, demonstram como as crianças conseguiram se envolver com o tema trabalhado. Nos cartazes (Figura 22), da Escola Municipal São Clemente; e da Escola General Marcial Samaniego, observamos que a Bacia Hidrográfica do Rio Apa representa para o aluno, subjetivamente a divisão entre os dois países, a fronteira que nos distancia fisicamente e aproxima culturalmente. Agradou muito aos olhares dos presentes

Outro fator observado para discussão é o fato que houve escolas que conseguiram educar ambientalmente o seu espaço de gestão, fazendo com que os alunos passassem a sentirem-se corresponsáveis pelo ambiente. Essa atitude demonstra que esses educadores conseguiram incorporar preceitos de uma educação libertadora e com isso criar mecanismos de emancipação dos sujeitos que participam do processo educativo.

Deixemos de visualizar um aluno passivo, pois temos em nossas mãos diariamente a possibilidade única de criarmos sonhos e juntos, todos os elementos da comunidade escolar: gestores, coordenadores, professores, funcionários, alunos, pais, estabelecer metas e mecanismos para que todos

vejam a escola não como estrutura física, mais como um espaço onde nos tornamos humanos na relação com o outro.

Nos ambientes escolares onde o GEASF desenvolveu a proposta, se pode apontar que esses educadores contribuíram na busca de uma sociedade sustentável e com responsabilidade global, conforme preconizam o Tratado de Educação Ambiental e a Carta da Terra, pois a “educação ambiental para uma sustentabilidade equitativa é um processo de aprendizagem permanente” (BRASIL, 2005a, p. 57). Não deixando de apontar e afirmar que as publicações contidas no livro e no CD-ROM do projeto Pé na Água, possibilitaram a educadores/as a colocar o pé na água literalmente.

A Revista Aguapé, em sua edição número 15, Ano X, (Figura 23) aborda especificamente as ações do Projeto “Rio Apa: Unindo dois Povos”. Quando os exemplares chegaram aos espaços escolares, segundo direção da escola São Clemente, a comunidade sentiu muito orgulho de ver o quanto suas ações socioambientais foram importantes para todos que participaram diretamente.



Figura 23: Capa da Edição número 15 da Revista Aguapé.
Fonte: GEASF, 2013.

No ano de 2011, o GEASF recepcionou e apresentou o Grupo e o projeto pedagógico desenvolvido aos acadêmicos do curso de Gestão Ambiental da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), matriculados nas disciplinas: Território, Fronteira e Globalização e Projetos Integrados em Gestão Ambiental,

momento em que acontece a primeira aproximação proporcionada pela professora e orientadora responsável pelas disciplinas, e também grande incentivadora e membro do GEASF, e Presidente da Mupan, Áurea da Silva Garcia.

Assim, no ano de 2012, o GEASF participou do Evento Bacia do Apa em Debate no dia 29 de maio de 2012 promovido pela UFGD por meio do Projeto de Extensão da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEX). Estiveram presentes 13 membros do grupo e 02 alunos paraguaios que se apresentaram artisticamente com danças típicas no momento cultural do Evento (Figura 24). Levamos produtos típicos da fronteira presentes na culinária e trabalhos artesanais produzidos pela comunidade escolar para divulgar a nossa região. Participaram da mesa redonda: “Comunidade em Ação na Fronteira,” dois membros do grupo de nacionalidade brasileira e dois paraguaios, expondo como trabalhamos com uma EA contextualizada pelo tema gerador rio Apa em nosso território. O objetivo do Evento era a difusão de informações sobre a Comissão local do GEASF, como ocorreu o processo de formação e função; divulgação das nossas experiências locais com a questão da Bacia do Apa; debatendo as problemáticas relacionadas à questão fronteiriça e suas possíveis soluções.



Figura 24: Momentos do GEASF no Evento Apa em Debate.
Fonte: pesquisadora, 2012.

No processo de aproximação comunidade (GEASF) e universidade (UFGD), vivenciado durante esse período, nasceu a proposta de mobilização e diálogos para a juventude, onde após reuniões de planejamento entre grupo e universidade, se concretizou o primeiro momento de ação fora do ambiente formal, o evento que em 2013 ganhou definitivamente o nome de “Pedala Fronteira - Diálogos de Jovens, um encontro intergeracional.”

O ano de 2012, o Grupo começou uma interlocução e planejamento de espaços onde a juventude das escolas pudesse estar presentes. Como foi o ano do grande evento no Brasil, da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável – Rio+20, em articulação com o Comitê-Sul-Mato-Grossense, através das articuladoras Simone Mamede e Cintia Bezerra Possas, conseguimos trazer para a fronteira o Diálogo Social, discussão e mobilização para o evento da Cúpula dos Povos na Rio+20 por Justiça Social e Ambiental, que aconteceu entre os dias 15 e 23 de junho no Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro.

E, na manhã do dia 22 de maio de 2012, o GEASF após mobilização e convite para três escolas estaduais, especificamente para os alunos do 3º ano do Ensino Médio, realizou-se o evento com a presença de 60 jovens brasileiros e 25 paraguaios do *Colegio Nuestra Señora del Perpetuo Socorro*, no espaço do Sindicato dos professores em Bela Vista. (Figura 25)



Figura 25: Momentos da Mobilização Social para Rio+20, Cúpula dos Povos, na fronteira.
Fonte: GEASF, 2012.

Desse momento, conseguimos articular a ida do aluno Rone Everton da Rosa Ribeiro, estudante em 2012 do 3º ano da Escola Estadual Joaquim Murtinho, para estar representando nossa fronteira, por meio da Rede de Juventude de Meio Ambiente e Sustentabilidade (REJUMA), na Rio+20/Cúpula dos Povos. (Figura 26)



Figura 26: Certificação Rone Everton da Rosa Ribeiro, Cúpula dos Povos.
 . Fonte: GEASF, 2012.

Essas foram às atividades desenvolvidas pelo GEASF ao longo dos três anos de existência do Grupo (2010, 2011, e 2012) dentro dos espaços formais no território transfronteiriço de atuação.

6.2 O percurso do GEASF pelos espaços não formais

O percurso do GEASF pelos espaços não formais consolida-se em 2012. O Grupo já passa a ser conhecido nos dois territórios fronteiriços.

Em setembro de 2012, entre os dias 12 a 16, o GEASF conseguiu em articulação com representantes da rede cerrado do nosso Estado, na pessoa de André Lopes Pereira do Centro de Produção, Pesquisa e Capacitação do Cerrado (Ceppec MS) localizado em Nioaque, a presença de três estudantes, sendo 01 paraguaio e dois brasileiros para estarem no evento. Foram os representantes do GEASF, Rone Everton da Rosa Ribeiro (Escola Joaquim Murtinho, 3º ano Ensino Médio), Joyce Echeverria (Escola Castelo Branco, 3º ano Ensino Médio) e Carlos Moises Cristaldo Fleitas (*Colegio Nacional Nuestra Señora del Perpetuo Socorro*, 3º ano do Ensino Médio).



Figura 27: Aluno paraguaio e brasileiro que participaram do Evento Rede Cerrado.
Fonte: GEASF, 2012.

Participaram de oficinas, palestras, da feira, das audiências públicas e outras atividades com temas relativos à conservação do Cerrado e seus Povos. As impressões dos alunos sobre o evento demonstram que conseguiram aguçar o olhar, principalmente, para nossas tradições culturais e para os povos tradicionais que habitam nosso território, enfoca sempre Joyce, “eles podem ser os guardiões de nosso patrimônio, do nosso rio Apa”. Os três conseguiram perceber a importância do povo ribeirinho presente no nosso território. Foram três jovens, dos quais dois nunca tinham viajado para além dos limites do seu Estado (MS) e do Departamento (Amambay/PY), criando uma rede com o movimento povos do cerrado e fortalecendo a sua vivência para fortalecer ainda mais o GEASF (Figura 27). Demarcamos com essa participação que o nosso grupo também contribui com suas ações para a sustentabilidade do Cerrado.

E no dia 28 de setembro de 2012, aconteceu o evento cultural científico, com o propósito de lançar oficialmente a Revista Aguapé edição n.º 15 para a comunidade fronteiriça, e, dialogar em mesa redonda, tendo como mediadora Áurea da Silva Garcia, sobre as ações e mobilizações realizadas no território fronteiriço que vem acontecendo nos últimos anos, e compareceram pessoas ligadas às instituições escolares e não escolares (Figura 28).



Figura 28: Momento científico cultural em Bela Vista, dia 28/09/2012.
Fonte: GEASF, 2012

E no dia 29, aconteceu o primeiro “Pedala Fronteira”, onde após mobilização saíram 45 pessoas de nacionalidade brasileira, entre crianças, jovens e adultos da frente do paço municipal para atravessarem a fronteira e estar participando de um dia dedicado a questões socioambientais, que se encontraram na ponte do Rio Apa com mais 50 pessoas de nacionalidade paraguaia para passarem o dia juntos, agindo, dialogando e aprendendo uns com o outro (Figura 29 e 30). Estiveram presentes alunos de várias escolas, tanto públicas como privadas de Bela Vista, além de acadêmicos e professores da UFGD.



Figura 29: Pedala Fronteira, momento da chegada em *Bella Vista Norte*. Dia 29/09/2012.
Fonte: GEASF, 2012

Na programação ainda teve Feira de trocas, almoço, atividades circulares e diálogos conduzidos por um educador brasileiro e um paraguaio, sendo: 1) Atuação Profissional na área ambiental; 2) Resultados da Rio+20; 3) Interpretação Ambiental Local; 4) Áreas protegidas/recuperação; 5) Educomunicação; 6) Coletivo Jovem em Bela Vista: pode ser realidade? Os relatores dos diálogos compartilharam com o grande grupo os pontos relevantes da conversa.



Figura 30: Momentos do I Pedala Fronteira.
Fonte: GEASF, 2012.

Após os encontros dos membros para formulação do Plano de Ação (2013-2014) do GEASF, a primeira ação que conseguimos realizar foi à efetivação da Conferência do Meio Ambiente – Etapa municipal. Vivíamos no cenário belavistense a instabilidade política. Com a cassação do Prefeito eleito nas eleições de 2012, assumiu o presidente da câmara para a realização das eleições suplementares. Em um dos encontros do Curso Extensão em Gestão e Planejamento Ambiental na Fronteira, ministrado por docentes da UFGD, em que o módulo era sobre Agenda 21, após debates e incitações, decidimos criar à pré-comissão para que fossemos até a Secretaria de Meio Ambiente dialogar sobre a realização da Conferência pelo Meio Ambiente (adulto), já que o prazo para as etapas municipais, julho de 2013, estava se esgotando. Após estabelecermos contato com a secretária da pasta, ela nos expôs as dificuldades do momento, mas disse que estava disposta a realizar o evento, se o Grupo se propusesse a ajudar. Deu-se o primeiro passo, e começamos a articulação sociedade civil e órgão público para que juntos realizássemos esse importante momento para a Agenda 21 local.

No dia 09 de julho, com duração de 08 horas, aconteceu a Conferência, com participação direta do GEASF, tanto na organização, como na mobilização local para que a população participasse (Figura 31). As conferências no Brasil tiveram como tema a Política Nacional de Resíduos Sólidos. A participação da população não foi expressiva, sendo que de acordo com a lista de presença, 83 pessoas compareceram. Percebe-se que a população ainda não veem as conferências como espaços de construção de propostas, como uma instância de participação popular, momento em que damos voz para o que queremos para o nosso bem-estar comum. Os eixos temáticos debatidos nesta conferência foram:

- I. Incentivo à produção e ao consumo sustentáveis;
- II. A política de gestão de resíduos, a redução de impactos e a recuperação ambiental;
- III. A política de gestão de resíduos e a geração de emprego, trabalho e renda: o desafio da agenda dos catadores;
- IV. Educação Ambiental.



Figura 31: Momentos da Conferência Municipal de Meio Ambiente.
Fonte: GEASF, 2013

Dos quatro delegados titulares eleitos, três foram os membros do GEASF: Kátia Nogueira, Oraldino Centurião e Patrícia Lima Ortelhado, que estiveram em Campo Grande/MS, nos dias 26 e 27 de agosto de 2013 participando da IV Conferência Estadual do Meio Ambiente.

No quadro 04, apontam-se as propostas dos eixos temáticos encaminhadas para a etapa estadual.

Quadro 04 – Proposta da Conferência Municipal do Meio Ambiente – Etapa Municipal, 2013.

EIXO 1: CONSUMO E PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL	EIXO 2: IMPACTOS AMBIENTAIS
<p>1º Cobrar a criação e implementação do plano de resíduos sólidos das empresas, hospitais e laboratórios municipais pedindo transparência de cada órgão no cumprimento do seu plano; 2º Que o poder público adote políticas de compras sustentáveis adequando a sua lei de licitação, privilegiando produtos e serviços sustentáveis de empresas que cumpram as metas do Plano Nacional de Resíduos Sólidos. 3º Estabelecer parcerias públicas e privadas para viabilizar a implantação da Educação ambiental, investindo em mídia para o incentivo ao uso de embalagens retornáveis como medida para diminuir a geração de resíduos e o impacto ambiental;</p>	<p>1º Buscar Capacitação de confecção de artesanato com material reciclável para a Rede Local; 2º Campanha e incentivos para a coleta seletiva de lixo produzido nas residências, comércios, etc; 3º Incentivo as Cooperativas de reciclagem já existentes e a implantação de novas, para realização de trabalhos artesanais e o serviço de reciclagem propriamente dito; 4º Buscar parcerias com vereadores e empresários para instalação de lixeiras de coleta seletiva em vários pontos das cidades; 5º Incentivo fiscal para os comerciantes e empresários para diminuírem os resíduos sólidos na fonte de origem.</p>

<p>4° Elaborar e implantar programas de educação ambiental formal e não formal através da Secretaria de Meio Ambiente, envolvendo todos os segmentos da sociedade; 5° Reativar e fortalecer órgãos do colegiado municipal através da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, garantindo a participação de segmentos da sociedade civil, fomentando o Fundo Municipal de Meio Ambiente.</p>	
<p>EIXO 3: GERAÇÃO DE EMPREGO, TRABALHO E RENDA</p>	<p>EIXO 4: EDUCAÇÃO AMBIENTAL</p>
<p>1° Produção de sacolas biodegradáveis, tendo como matéria-prima a mandioca; 2° Confecção de sacola de mercado com garrafa pet e banner; 3° Apoio da população e poder público para as associações de reciclagem e demais questões ambientais; 4° Formação, qualificação, capacitação, e inovação tecnológica para catadores, associações e cooperativas de recicláveis; 5° Criar e estimular o escoamento dos produtos recicláveis e regionais.</p>	<p>1° Parcerias do órgão público com as empresas para recuperação de matas ciliares, através de reflorestamento; 2° Projetos pilotos nos bairros para a coleta seletiva e educação ambiental com incentivo aos destaques; 3° Implantação de maiores números de lixeiras no comércio e nas vias públicas; 4° Criação de um Plano Municipal de Educação Ambiental permanente, instituído por um órgão público; 5° Projetos de Educação ambiental (EA) transversal permanente para todas as faixas etárias, contribuindo para a existência de um banco de dados de práticas exitoso em EA e efetivação de uma rede nacional de informações sobre gestão de resíduos sólidos para subsidiar as ações locais.</p>

Fonte: Relatório da III Conferência Municipal de Meio Ambiente de Bela Vista/MS.

Destaca-se que dos quatro eixos temáticos, dois foram mediados pelos membros do GEASF. Vimos que com essa mobilização do setor público e do nosso Grupo, foi possível efetivar e garantir um momento sério para a população debater sobre um dos temas que afeta diretamente a gestão das águas, o destino e como a sociedade encara os seus resíduos sólidos. Não temos em número suficiente, precisamos fomentar em ambas as localidades, tanto brasileira como paraguaia, a instituição de catadores de materiais recicláveis, possibilitando a geração de renda, e desmistificando em nossa população a visão de que tudo que descartamos diariamente é lixo. Essa é uma das missões que o GEASF se propôs para os próximos anos, ajudar na educação ambiental das comunidades para que realizem a coleta seletiva dos seus resíduos sólidos. Ao fim, a Prefeitura reconhece ao valor da contribuição do GEASF para a efetivação da Conferência, através de um agradecimento formatado em um ofício destinado aos membros do GEASF (Anexo 4).

Com o Lançamento da edição da Revista Aguapé, na qual retrata o percurso do GEASF nos anos de 2010 e 2011 (nos espaços formais), o GEASF ganhou visibilidade, afirmando a identidade do grupo e divulgando-o para a sociedade de ambos os países. Foi nesse momento que o GEASF constatou que poderia expandir suas ações socioambientais para espaços não formais, pelos resultados animadores, via mobilizações externas, os quais tiveram como principais resultados: a limpeza da prainha do rio Apa no Paraguai; a mobilização pelo uso de bicicletas; a feira de trocas; os espaços de diálogos; as ações educativas com foco nas famílias e partindo dos Bairros. Tais ações envolveram temas relevantes e de interesse do grupo sobre formas de participação e também destacaram a urgência da união de todos em prol da educação ambiental na fronteira. Tudo isso, permitiu enxergar novos caminhos para o Grupo, indicando a necessidade de se proporcionar condições de apoio e referência para as instituições escolares e para a sociedade em geral poderem efetivar ações de EA.

Nesse sentido, foi reafirmada a importância do GEASF se manter ativo na luta que une esses povos fronteiriços em prol de melhor qualidade vida no território compartilhado.

6.3 Os meios de divulgação das atividades do GEASF

Desde o final do ano de 2011 o GEASF divulga suas ações por meio da rede social *facebook* para os seus membros e comunidade. Hoje, dia 14 de setembro de 2013 somos 791 membros no grupo (Figura 32), administrado por quatro brasileiros e três paraguaios.



Figura 32: Página do Grupo no Facebook.
 Fonte: pesquisadora, 2013.

A partir de fevereiro de 2013 foi decidido, no GEASF, a criação de um site, disponível no seguinte endereço: <http://educadores-ambientais-sem-fronte.webnode.com/>, hospedado gratuitamente no sistema webnode (Figura 33), com visual e ferramentas satisfatórios para os objetivos de divulgação e interação do GEASF.



Figura 33: Site hospedado no sistema Webnode.
 Fonte: pesquisadora, 2013.

O objetivo é divulgar as atividades e os projetos realizados por todos que atuam no cenário transfronteiriço. Entretanto, ao analisar as estatísticas de acesso ao site, constata-se que não apresenta a mesma visibilidade que o Grupo vinculado à rede social Facebook. Pensa-se em criar uma *fanpage* para o Grupo.

Matérias sobre os eventos do GEASF também são publicadas no jornal local “Tribuna da Fronteira”, através das coberturas realizadas pela Prefeitura Municipal de Bela Vista/MS, e coberturas são feitas pelos informativos que circulam no site da Prefeitura de *Bella Vista Norte*.

O GEASF também esteve apresentando o seu percurso em eventos técnicos científicos no âmbito regional, nacional e internacional, tais como: Fórum 2012 de Educação Ambiental de Mato Grosso do Sul; VII Fórum Brasileiro de Educação Ambiental em Salvador (BA); no I Seminário Internacional do Campo, Educação e Diversidade (Universidade Federal da Grande Dourados), e no 5º Simpósio Brasileiro de Recursos Hídricos, promovido pela Associação Brasileira de Recursos Hídricos em Bento Gonçalves (RS) e outros.

Outro resultado recente, que muito orgulha os membros do GEASF, é o nascimento do Coletivo Jovem da Fronteira em Bela Vista, criado oficialmente no “II Pedala Fronteira: Diálogos de Jovens, um encontro intergeracional”, realizado no dia 29 de setembro de 2013 em parceria com um coletivo de Bela Vista, o grupo Comunidade Ativa.

O percurso para o Coletivo Jovem ocorreu nos dias 16 e 17 setembro de 2013, quando as jovens Keitiane Larossa e Sarah Madureira estiveram por meio da articulação do GEASF, com o Coletivo Jovem de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul na Oficina de Formação de Facilitadores para a IV Conferência InfantoJuvenil pelo Meio Ambiente, na Chácara do Lago em Campo Grande/MS.

E no evento Pedala Fronteira, as mesmas coordenaram o diálogo juntamente com jovens paraguaios: “Coletivo Jovens na Fronteira, os primeiros passos”. E nesse dia registraram os primeiros integrantes desse Coletivo, os quatro que coordenaram o diálogo: Keiti Larrosa, Mathias Ocariz Mattos, Hermelinda Vera da Rosa, e Sarah Madureira, sendo dois brasileiros e dois paraguaios (Figura 34).



Figura 34: Primeiros integrantes do Coletivo Jovem.
Fonte: Coletivo Jovem da Fronteira, 2013.

No dia que criaram o grupo na rede social *Facebook*, identificaram-se como Coletivo Jovem de Bela Vista, que após conversa e sugestões dos membros passou a chamar-se “Coletivo Jovens na Fronteira”, pois conta com mais de 25, dos 80 hoje vinculados ao grupo, de nacionalidade paraguaia.

Keiti e Sarah estiveram na “IV Conferência Estadual Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente” nos dias 21 a 23 de novembro de 2013 realizada em Campo Grande/MS, primeiro como membros do GEASF e representando nossa fronteira, e, agora diretamente o Coletivo Jovem de MS, coordenando uma das atividades oferecidas na programação, a de confecção de instrumentos musicais com materiais recicláveis. Keiti, em depoimento externa que fazendo parte do GEASF: *“aprendi que posso mudar o mundo sim, que unidos podemos mais, que minhas ações, apesar de pequenas têm um grande valor, me sinto útil fazendo parte desse grupo, sempre aprendendo, e tendo o privilégio de ensinar”*.

Estar e viver esses momentos possibilita criar em nossos jovens o verdadeiro protagonismo social, que permitirá serem sujeitos de uma luta tão urgente e necessária, a busca pela sustentabilidade socioambiental. Contagiante a troca de sinergia que os jovens passam, e é esse sonho de “mudar o mundo” que nos envolve e nos leva ao caminhar dos encontros de novas utopias enquanto Grupo.

6.4 Novas parcerias

Além das parcerias públicas em ambos os países, e da parceria e orientações sempre presentes da ONG Mupan para o GEASF, do SIMTED, e outros, vieram as novas parcerias. O diálogo aproximado com a universidade UFGD, nos trouxe um grande aliado para o processo de formação continuada em nosso território transfronteiriço.

Por meio do professor Jairo Campos Gaona, do curso de Gestão Ambiental, foi aprovado na UFGD o Projeto “Planejamento e gestão ambiental na região de fronteira”, pelo edital Proex n.º 19/2012, com início em 01/01/2013 e término em 31/12/2013, com total de 960 horas de ação. Foram 10 módulos, com 12 horas mensais de encontros presenciais. O objetivo da proposta:

[...] promover e subsidiar a formação de agentes e gestores ambientais na região de fronteira Brasil-Paraguai a partir da instrumentalização da gestão ambiental com atores sociais. Para tanto, serão oferecidos módulos de capacitação em planejamento e gestão ambiental direcionados à tomada de decisão no tratamento e resolução de problemas ambientais na região de fronteira. Espera-se diagnosticar realidades ambientais, e abordar instrumentos de gestão relacionados com a política ambiental do(s) município(s) focando principalmente na saúde pública, na qualidade e desempenho ambiental, na gestão compartilhada de recursos hídricos, na elaboração da agenda 21, na diversidade e nas áreas protegidas, na gestão de resíduos, e na elaboração de projetos ambientais e de planejamento como o plano diretor, entre outros (UFGD, 2012).

Em momento de troca de experiência vivenciado no “I Pedala Fronteira” (2012), em que esteve presente o professor Jairo, demonstramos o quanto queríamos que momentos como esse, de sólida formação científica, qualificação para uma atuação eficaz e com qualidade, fossem concretizados. Só não esperávamos que viria tão rápido. O projeto contou com um cronograma estabelecido para a realização dos encontros, com a participação direta de educadores brasileiros e paraguaios. Através do cronograma de realização e dos módulos, constata-se o quanto o curso é relevante para a emancipação do público envolvido e frequente, para atuarem como educadores ambientais da fronteira.

Quadro 05 - Cronograma - Projeto Planejamento e Gestão Ambiental na região de fronteira, PROEX/UFGD.

Módulo	Datas	Ministrantes
Introdução / Apresentação do Projeto Saúde Pública e Meio Ambiente Políticas, Zoonoses, Resíduos.	22 e 23 de fevereiro	Jairo Campos Magda Fernandes Áurea da Silva Garcia Convidado
Indicadores de Qualidade Ambiental Físicos, biológicos, econômicos e sociais.	22 e 23 de março	Emerson Machado de Carvalho Joelson Gonçalves Pereira IMAD Convidado
Gestão Compartilhada de Água em áreas Fronteiriças: - Aspectos legais; - Participação; - Gênero e água.	26 e 27 de abril	José Daniel de Freitas Filho Liane Maria Calarge Áurea da Silva Garcia IMAD Convidados
Agenda 21 e Participação Social - Agenda 21 Local; - Agenda 21 Escolar.	24 e 25 de maio	Mario Vitor Comar IMAD Áurea da Silva Garcia Convidados
Áreas Naturais Protegidas e Biodiversidade: - Conservação; - Interpretação ambiental; - Recuperação e restauração ambiental; - Implementação de corredores ecológicos.	28 e 29 de junho; 26 e 27 de julho	Paulino Barroso Medina Júnior Sandro Menezes Silva Zefa Valdivina Pereira IMAD Convidados
Políticas Públicas para a Gestão Ambiental: - Controle social; - Conselho e Fundo municipal de meio ambiente, como criar?; - Soberania alimentar e fomento da Agroecologia; - Soberania energética e expansão da Cultura de cana-de-açúcar.	30 e 31 de agosto; 13 e 14 de setembro	Jairo Campos Mario Vito Comar Áurea da Silva Garcia IMAD Convidados
Elaboração de projetos - Ferramentas de Gestão, Monitoramento e avaliação; - Política de uso e ocupação do solo - Cidades sustentáveis e Plano diretor; - Avaliação de risco e vulnerabilidade ambiental; - Plano diretor de arborização urbana.	25 e 26 de Outubro; 29 e 30 de novembro	Jairo Campos Áurea da Silva Garcia Mauricio Stefanos Joelson Gonçalves Pereira Cláudio Arcanjo de Souza IMAD Convidados

Fonte: Planejamento e gestão ambiental na região de fronteira. UFGD, 2012.

Participaram do projeto, além de educadores brasileiros e paraguaios, acadêmicos, lideranças comunitárias, assistentes sociais, representante da Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural (AGRAER), orientadores sociais, e pessoas de outros municípios, como de Caracol, Jardim e Aquidauana.

O GEASF foi o responsável pelo apoio logístico local, como hospedar os professores, oferecer espaço apropriado para o curso, mobilização local de divulgação e disponibilizar os lanches para os intervalos do curso.

Essa aproximação universidade e grupo, contribui de forma significativa para a realidade que vivenciamos em nossa fronteira, permitindo que por meio do aporte de conhecimentos adquiridos possamos efetivar e criar novos mecanismos de gestão compartilhada do nosso território, não ferindo a soberania de nenhum país, mas integrando e criando ações que nos unam, primeiro enquanto coletivo, depois enquanto sujeitos que fazem história.

E a história que desejamos contar é que em uma fronteira deste planeta, existem pessoas que lutam por uma sociedade sustentável, que compreenderam que para recursos naturais não existem fronteiras, e muitos menos distâncias culturais para que não haja a aproximação, a união na utopia de mudarmos o mundo, o nosso mundo, a nossa fronteira. Já dizia nosso educador e filósofo pernambucano Paulo Freire (1996), o que seria do ser humano sem utopia?! Lembrando que ser utópico não é agir no sentido etimológico da palavra: “lugar nenhum”, e sim, como nos ensinou Freire (1979,1996,1983) é saber divulgar um novo mundo de realizações, solidariedade, justiça e liberdade para todos. O nosso GEASF tem uma utopia, a utopia de uma fronteira onde existam mecanismo de diálogos entre os dois povos, caminhando sempre no rumo das sociedades sustentáveis, e, por meio de ações que nos unam em busca de novos sonhos.

Outra parceria que chegou para ficar é com o Grupo Comunidade Ativa. Segundo seu integrante Oraldino Centurião, líder comunitário, a comunidade nasceu em 1999 do desejo de um grupo de amigos que queria fazer algo pela juventude da comunidade. Assim, surgiu a ideia da Associação, que efetivou atividades socioculturais como Gincanas comunitárias, envolvendo os Bairros Água Doce, Canaã e Nova Esperança. Hoje já está em sua 8ª edição. Os bairros de atuação localizam-se muito perto do Rio Apa. Desde sua fundação, o grupo já realizou mutirões de limpeza, de reflorestamento, de atividades de lazer junto ao rio. O trabalho de resgate cultural que o grupo realiza é importante para a fronteira, incentiva as serestas e os tradicionais bailes a lamparina, conhecidos em nossa região como “Lamparina Cuê”.



Figura 35: Panfleto de divulgação do II Pedala Fronteira.
 Fonte: GEASF, 2013.

E no dia 29/09/2013, exatamente um ano após o GEASF realizar o primeiro Pedala Fronteira (Figura 35), através dessa parceria com a Comunidade Ativa e Prefeituras das duas cidades, parcerias imprescindíveis, conseguimos concretizar mais uma edição do Pedala, e assim, tirar do papel uma das metas do Plano de Ação para 2013 e 2014. Os resultados são imensuráveis, e o principal, é a união de forças com os membros da Comunidade Ativa e do GEASF. Não convém aqui analisar os resultados do II Pedala, pois esse não é o objetivo do presente estudo, mas nos alegra em pensar, refletir sobre eles, e isso mostra o quanto estamos vivendo utopias corretas. Vamos em frente! Sempre.

5.5 O plano de Ação

Avaliar o plano de ação criado pelo GEASF é simplesmente ver o quão o mesmo foi necessário para reafirmar a identidade do grupo.

O plano de Ação é o resultado concreto da presente pesquisa, uma vez que, fazer pesquisa ação nos envolve diariamente em muitos dilemas, e o principal é qual é a minha ação frente ao Grupo?

Analisando os apontamentos do diário de bordo da pesquisa foi possível constatar que em 2012 o envolvimento dos educadores não foi suficiente para a mobilização dos integrantes do Grupo para reunirem-se em quantidade antes reunida, demonstrando pouco diálogo sobre planos e projetos vivenciando certa

estagnação que ocorre em grupos/coletivos. Digo, não por completo, pois em cada cidade há uma coordenadora geral do grupo, que acabou realizando aproximações, contatos, mobilizações, ações para que o grupo não fosse extinto. Principalmente o GEASF se manteve forte na instituição escolar de *Bella Vista Norte*, no *Colegio Nuestra Señora del Perpetuo Socorro*, com o desenvolvimento de um currículo transversal a partir do tema gerador Rio Apa, constatado em sua Proposta Pedagógica e nas atividades contínuas e processuais de educação ambiental.

Hoje os atores deste grupo contam, além de professores e professoras de escolas, com outras pessoas que identificam-se com o trabalho de EA a favor da Bacia do Rio Apa. A diversidade de pessoas no grupo é fascinante, pois diversos olhares contribuem para a educação popular que queremos efetivar em nossas ações. Contamos com pessoas que são assistentes sociais, acadêmicos de cursos de licenciatura, bacharelado, líderes comunitários, líderes religiosos, empresários, funcionários públicos municipais e estaduais, radialistas e a juventude, de ambas nacionalidades, brasileiras e paraguaias.

Com a criação do plano de ação pelo grupo, reafirma-se o GEASF e sua missão na região de fronteira. A proposição foi válida, pois nos últimos seis meses depois do nosso primeiro encontro, conseguimos realizar da linha de ação proposta:

- Articulação com órgão público para a fomentação e a realização da III Conferência de Meio Ambiente de Bela Vista;
- II Pedala Fronteira: Diálogos de jovens, um encontro intergeracional;
- Projeto Educar para Reciclar, desenvolvido nos bairros ribeirinhos no mês de novembro de 2013.

Podemos apontar esse grupo como um “coletivo de educadores”, proposto no Brasil pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA), formatada no Programa Nacional de Formação de Educadores Ambientais, mesmo não tendo passado por todas as fases de formação que o programa sugere. Afirmamos, pois de acordo Junior & Sorrentino (2005, p. 60), coletivo educador é a união de pessoas

que trazem o apoio de suas instituições para um processo de atuação educacional em um território, tendo como papel:

Promover a articulação de políticas públicas, reflexões críticas, aprofundamento conceitual, instrumentalização para a ação, proatividade dos seus participantes e articulação institucional, visando a continuidade e sinergia de processos de aprendizagem de modo a percolar, de forma permanente todo o tecido social do território estipulado. (*op.cit.* p. 61)

Assim, o GEASF é um coletivo educador preocupado com as questões socioambientais de um contexto fronteiriço, que busca fazer e levar educação ambiental transfronteiriça mediatizados pelo símbolo maior que os unem: o rio apa. O Coletivo é demarcado por este pertencimento: o de fronteira.

Não pretendemos a formalização do GEASF (criação de pessoa jurídica), queremos ser um coletivo que une interessados pelo desejo de levar conhecimento e efetivar oportunidades para toda a população dependente dos recursos hídricos da Bacia do Apa, de forma a se conscientizar de suas ações, estabelecendo ligações com o território, despertando os vínculos afetivos com essas terras e águas, a verdadeira topofilia preconizada por TUAN (1980), o enaltecimento do Biorregionalismo que habita em nós.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS



I PEDALA FRONTEIRA, 2012. Alunos do 3º Ano do Colégio Nacional Nossa Senhora do Perpétuo Socorro/PY.

*“Nunca duvide que um pequeno grupo
de cidadãos preocupados e
comprometidos possa mudar o mundo;
de fato, é só isso que o tem mudado”
MARGARET MEAD, apud
GUIMARÃES (2004, p.142).*

O nosso grupo marca o início de uma organização séria para discussões e ações significativas a cerca das questões socioambientais em nossa cidade e no país vizinho. Acredito que o nosso grupo só está no começo de sua existência e que, com o passar do tempo, irá reunir mais pessoas comuns, órgãos públicos e empresas realmente interessadas em fazer a diferença e, assim, guiar Bela Vista para o desenvolvimento sustentável! (Ivone Delmiro, Educadora Ambiental e Professora formada em Biologia)

Com o GEASF descobri que duas nações podem unir forças por uma educação ambiental mediada por um tema gerador: Rio Apa. E precisamos nos unir pelo bem dos nossos povos, do nosso rio que nos alimenta e sacia a sede de viver! (Maria Laudelina Cáceres, Coordenadora Pedagógica da Escola General Marcial Samaniego, tradução da pesquisadora).

Depois que fui apresentada ao GEASF, aprendi que posso mudar o mundo sim, que unidos podemos mais e que minhas ações, apesar de pequenas, têm um grande valor. Sinto-me útil fazendo parte desse grupo, sempre aprendendo, com pessoas que têm o privilégio de ensinar. Que abriram as portas para que eu pudesse participar da IV Conferência Estadual Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente, que foi uma experiência única, foi nessa ocasião que me foi apresentado o Coletivo Jovem, um grupo onde os jovens tem voz, suas opiniões são levadas a sério, as vivências são compartilhadas. Existe a política de Jovem Educa Jovem, Jovem Escolhe Jovem e Uma Geração Aprende com a Outra. Esse é mais um grupo que me faz sentir que vale a pena lutar pelos meus ideais, que não estou sozinha nessa luta. Voltei com o desejo de efetivar o “Coletivo Jovem em Bela Vista”, desejo esse que já estamos colocando em prática, pois o “Coletivo Jovem da Fronteira” já é uma realidade, ainda pequenino, mas já está com pessoas interessadas em nos ajudar a mudar o mundo, adotado pelo GEASF, nesse grupo encontrei grandes incentivadores, juntos temos muito a crescer ainda e fazer a diferença na nossa amada Fronteira (Keiti Larrosa, Educadora Ambiental, estudante de Biologia).

Por muito tempo me senti sozinha, enquanto professora de Ciências em minha escola. Após o projeto “Rio Apa: Unindo dois povos”, descobri o que é trabalhar unidos por uma educação ambiental. E ultimamente, com a proposta do Pedala Fronteira, vejo o quanto os jovens são engajados e podem fazer a diferença! GEASF é hoje um espaço de diálogos, dos encontros de sonhos por um mundo

sustentável. (Professora e Diretora do Colégio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, tradução da pesquisadora).

Acredito que não poderia começar minhas considerações finais sem trazer esses depoimentos, que demonstram que o Grupo Educadores Ambientais Sem Fronteiras (GEASF) ainda tem muito caminho a trilhar com suas utopias, e podemos mudar o mundo, o nosso mundo, a nossa fronteira!

E não queremos muito, apenas que as pessoas que habitam este território olhem a sua volta e percebam que na sua existência há relações com o seu meio ambiente. Que tudo o que fazemos deixa marcas, pegadas, muitas vezes irreversíveis em nosso planeta.

Hoje, após três anos de sua existência temos uma identidade que nos revela como um coletivo que pretende fazer a diferença na nossa biorregião. Bio porque aqui a vida pulsa de uma maneira única, diferente. Somos fronteira, que primeiro une ao invés de separar. Une no sentido que compreendemos que nossas maiores riquezas não permitem divisões físicas, geográficas.

Estamos juntos pelas águas da nossa Bacia Hidrográfica do Rio Apa. Cujo rio principal conta nossa história, deu vida a este lugar. Que em todas as falas saudosistas das pessoas com mais de 50 anos, lembram o quanto ele já foi majestoso, forte, fundo, rico em biodiversidade. Diferente do que é hoje! “Cada vez menos peixes”, “cada vez mais raso”, “cada vez menos sombreado” como vejo e escuto as pessoas apontarem em nossas rodas de tereré, na apresentação da proposta do GEASF, quando o assunto é o rio Apa.

E somos quem? Nos primeiros anos (2010 e 2011), apenas educadores e comunidade de escolas preocupadas com o seu contexto local, desafiados a propor algo, resultado de uma intervenção externa. Hoje, somos pessoas que transitam por instituições de ensino, órgãos públicos, empresas, universidades, sindicatos, associações, meios de comunicação, movimentos populares e de nacionalidades diferentes. Hoje somos este coletivo que deseja uma EA popular. Criamos o nosso próprio círculo de cultura, onde nos tornamos fortes para propor ações em prol da defesa e EA dos povos que habitam a biorregião do Apa. Temos como lema: *“Juntos somos mais!”*

Das hipóteses iniciais de estudo, nota-se que o grupo conseguiu romper a complexa separação, que insistimos em fazer no nosso cotidiano: condenar o lugar que habitamos, condenar o outro! Hoje em nossa identidade, levamos estampado que pertencemos a uma região fronteira e que por ela, pelas suas histórias de vidas, por tudo que nossos antepassados nos deixaram como herança cultural, lutamos para divulgá-las e preservá-las. Não queremos desperdiçar as vivências locais, mas por meio delas instituir práticas eficazes de EA. Pode-se afirmar que conseguimos quebrar a ruptura entre sujeito e o mundo, para uma relação “eu – outro – mundo” (Biorregionalismo), entendendo que a relação que estabelecemos com a natureza não é direta, e sim, mediada pelo sistema social que nos envolve.

Instaurar nossas raízes em nosso território é reestabelecer a nossa relação com o meio ambiente, atentando-se para como eu e o outro percebem a relação ambiental existente na comunidade, e, vagarosamente iremos construir “indicadores sociais qualitativos” (LEROY, 2005) para que todos firmem uma identidade com o lugar que habitamos, com a sua biorregião. Hoje, os membros do GEASF sabem que as nossas raízes fronteiriças se atrelam além das fronteiras, sejam as físicas, políticas, subjetivas ou imaginárias.

Conforme dados levantados sobre a trajetória inicial do GEASF, discutidos no capítulo 04, no qual se analisou o projeto pedagógico “Rio Apa: Unindo dois Povos”, constata-se que a proposta é válida e replicável em outros contextos sociais da Bacia Hidrográfica (BH) do Rio Apa, que reúne doze municípios. Ressalta-se os pontos fortes do projeto pedagógico: levar a dimensão EA para os currículos das escolas de forma contextualizada e partindo de um tema gerador; desenvolver tema gerador significativo para o sujeito aprendiz e para o educador; buscar uma vertente de educação libertadora e de EA emancipatória, permeada pelo diálogo para mediar o processo de ensino e de aprendizagem; tornar as escolas verdadeiros espaços de formação e fortalecimento da cidadania.

Comprova-se a possibilidade de inserção da dimensão EA no currículo escolar e, nesse contexto, foi possível vivenciar esse processo. Todo o percurso, desde o surgimento da proposta, da viabilização de recursos, da aplicabilidade, do nascimento de lideranças nos espaços escolares - alunos, pais, professores, diretores, coordenadores (uma multiplicidade de sujeitos) que desejam e são

engajados com as lutas socioambientais – foi possível se assegurar a presença dos preceitos de uma EA emancipatória.

Assim, com o projeto pedagógico “Rio Apa: Unindo dois Povos”, construído por educadores brasileiros e paraguaios e aplicado em 2010-2011, foi possível agregar, agir e consolidar o grupo. Os protagonistas desse processo compreenderam que a construção do PPP das escolas deve, e precisa, incluir a dimensão ambiental, considerando-a como um saber necessário à formação de nossas crianças, de nossos jovens, e de nós mesmos, enquanto educadores. E, principalmente, também perceberam que estamos unidos por um tema relevante para nossa biorregião: o rio Apa. Pois, foi por e com ela (a biorregião) que iniciamos o percurso pelos espaços formais de educação na região de fronteira, onde se têm ainda muitas histórias para contar sobre as lutas desse coletivo. Conclui-se, também, que todas as instituições escolares, brasileiras e paraguaias, unidades de análise deste estudo, conseguiram, com sucesso, garantir em cada PPP a dimensão ambiental, de forma contextualizada e transversal, partindo do tema gerador rio Apa.

O GEASF continua unido pela missão de levar uma EA crítica e emancipatória para a população transfronteiriça. Já temos em nosso portfólio ações e atividades educativas que permitem aos sujeitos repensarem sua relação com o meio social. A rearticulação ocorrida em junho de 2013 permitiu aos que iniciaram o percurso em 2010 continuassem, e muitos outros que se identificam com a luta, se agregassem, somando forças e ideias na militância por uma EA transfronteiriça. Estamos juntos descobrindo novos caminhos. Atuamos em dois processos distintos através da educação com ações socioambientais educadoras e com a educomunicação ambiental, delineados no novo Plano de Ação (2013-2014).

Aponta-se que o território é fértil para futuras pesquisas, principalmente na vertente de uma EA transfronteiriças emancipatória.

Não temos fins lucrativos, estamos unidos pela solidariedade de cada membro que não mede esforços para que as atividades projetadas realizem-se. O grupo tem como filosofia as premissas freireanas: o diálogo, o amor, a conscientização, e a importância do contexto vivido. É um espaço coletivo, no qual, juntos, captamos energias para buscar o melhor para e com o outro. Nossa

identidade é o nosso trabalho com uma EA crítica e emancipatória, partindo do nosso contexto, de um tema gerador riquíssimo em significados para os dois povos, a Bacia Hidrográfica do rio Apa.

Almeja-se que cada país, com sua soberania federativa, construa mecanismos eficazes de EA para efetivar as premissas da gestão compartilhada de suas águas; para que o Acordo do Apa, firmado em 2006, prima-se em ações transversais, multidisciplinares e interdisciplinares, proporcionando aos envolvidos a percepção de protagonista no processo de mudança, incentivando o agir no nosso contexto e sempre com uma intencionalidade emancipatória.

Para que o coletivo conserve as características de liderança, na perspectiva de democratização, socialização e desejo da perda da própria centralidade que atrapalha a vivência em qualquer coletivo, propõe-se que seus membros reflitam sobre as ações autogeridas em nosso território, visando à dinâmicas permanentes e sustentáveis de formação continuada, no âmbito de uma pedagogia popular que proporcione ação-reflexão-ação.

Assim, por mais que não tenha sido fácil o percurso desta pesquisa, em que muitas vezes meus dilemas eram bem maiores que as certezas, o resultado final, o de reafirmar a identidade do GEASF, é imensurável. Para mim, enquanto pesquisadora e educadora ambiental transfronteiriças, reforça-se a continuidade da vontade de fazer Educação permeada com identidade de EA, em ambientes formais ou não formais, regida pelas premissas de utopias de ações socioambientais que permitam a emancipação do povo que habita a biorregião transfronteiriça do rio Apa.

Por fim, fica a certeza de que temos vários caminhos a trilhar nesta biorregião por uma EA transfronteiriças. Pertencendo a um coletivo que une dois povos, acredito que tudo fluirá caudalosamente em direção aos horizontes plenos dos sonhos e utopias, assim como o percurso pleno das águas do rio Apa!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, N. Transdisciplinaridade e saúde coletiva. *Ciência & Saúde Coletiva*, vol. 2. 1997. Disponível em: <
<<http://www.hc.ufmg.br/gids/anexos/transdisciplinaridade%20e%20sa%FAde%20coletiva.pdf>> . Acesso em: 12 de jan. de 2013.

ÁVILA, C. F. D.. El jaguar y el cóndor: continuidad y cambio em lãs relaciones bilaterales brasileño-chilenas durante los primeros años del siglo XXI. In: NUÑES, Angel; PADOIN, Maria Medianeira; OLIVEIRA, Tito Carlos Machado (Orgs). *Dilemas e diálogos platinos*. Dourados: UFGD, 2010.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro (Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1977.

_____. *Análise de Conteúdo*. Trad. Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa, Portugal: Edições 70. 1997.

BRANDÃO, C. R.. *O que é método Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos; 38)

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>. Acessado em: 12 de ago. 2012.

_____. *Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente e saúde*. Brasília: SEF, 1997.

_____. *Lei nº 9.433, de 8 de janeiro de 1997: dispõe sobre a Política Nacional de Recursos Hídricos*. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9433.htm . Acessado em: 21 de dez. de 2012.

_____. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Congresso Nacional. *Lei 9.795/99: dispõe sobre a Política Nacional de Educação Ambiental*. Brasília, 1999.

_____. *Política Nacional da Assistência Social: Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social*. Brasília: Secretaria Nacional de Assistência Social, 2004.

_____. *Programa nacional de educação ambiental – ProNEA*. Ministério do Meio Ambiente, Diretoria de Educação Ambiental; Ministério de Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental. – 3.ed – Brasília: Ministério do Meio Ambiente., 2005a. 102p

_____. *Os diferentes matizes da educação ambiental no Brasil: 1997 – 2007*. Brasília, DF: MMA, 2008. (Série Desafios da Educação Ambiental).

_____. *Bases para uma proposta de desenvolvimento e integração da faixa de fronteira*. Grupo de Trabalho Interfederativo de Integração Fronteiriça. 2009.

Disponível em:

<http://www.integracao.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=e5ba704f-5000-43df-bc8e-01df0055e632&groupId=10157> . Acessado em: 03 de jan. de 2013.

_____. *Faixa de Fronteira: Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira – PDFF*. Ministério da Integração Nacional: Secretaria de Programas Regionais, 2009. Disponível em:

http://www.mi.gov.br/programasregionais/publicacoes/faixa_de_frenteira.asp.

Acessado em: 03 de jan. de 2013.

_____. MEC. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 2, de 2012: *Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental*.

Disponível em:

<http://www.in.gov.br/visualiza/index.jsp?data=18/06/2012&jornal=1&pagina=70&totalArquivos=320>. Acessado em: 26 de ago. 2012

BROCH, S.O.; MEDEIROS, Y.; SOUZA, P. R. de (Orgs). *Pé na água: uma abordagem transfronteiriça da Bacia do Apa*. Campo Grande, MS: UFMS, 2008.

BROCH, S. O. *Gestão transfronteiriça de águas: o caso da Bacia do Apa*. 2008. 247 p. Tese. (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável). Universidade de Brasília. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10482/2474>> Acesso em: 15 de fevereiro de 2013.

CABRAL, L. O. Legislação aplicada ao meio ambiente como aporte à Educação Ambiental e Agenda 21 Escolar. IN: PARANÄ. *Educação Ambiental*. Secretaria de Estado da Educação. Curitiba: SEED, PR, 2008. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/tematic_o_ed_ambiental2008.pdf.. Acessado em: 04 de jan. de 2013.

CARVALHO, I.C.M. *Em direção ao mundo da vida: interdisciplinaridade e educação ambiental/conceitos para se fazer educação ambiental*. Brasília: Ipê, 1998.

CF - Constituição da República Federativa do Brasil. 4. ed. São Paulo: *Revista dos Tribunais*, 2005.

COLTRO; A.. A Fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. In: *Caderno de pesquisas em administração*, São Paulo, V. 1, nº 11, 1º TRIM./2000. Disponível em:

<<http://lisane.pro.br/DISCIPLINAS/AnaliseFilosofica/Artigos.pdf>> Acesso em: 08 de outubro de 2012.

COUSIN, C. *Trilhas e itinerários da educação ambiental nos trabalhos de campo de uma comunidade de aprendizagem*. Rio Grande: 2004, 145f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - FURG. Disponível em: <http://www.ufmt.br/gpea/pub/claudia_FURG_disserta.pdf>. Acessado em: 08 de outubro de 2010.

DGEEC/PY, Direção Geral de Estudos, Estatísticas e Censos – Municipalidade de Bella Vista Norte/Paraguai.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A. P; PERNAMBUCO, M. M.. *Ensino de ciências: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2007.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 13.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*. 36 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P.. Extensão ou comunicação? 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. In: GEHLEN, S. T. *A função do problema no processo ensino-aprendizagem de ciências: contribuições de Freire e Vygotsky*. Florianópolis, 2009. 253 f.. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) UFSC. Disponível em: <http://www.vigotski.net/ditebras/gehlen.pdf>. Acessado em: 14 de maio de 2012.

FREITAS, L. C. de. *Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática*. Campinas, SP: Papirus, 2005.

GADOTTI, M; FREIRE, P; GUIMARÃES, S. *PEDAGOGIA: Dialogo e Conflito*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GEHLEN, S. T. *A função do problema no processo ensino-aprendizagem de ciências: contribuições de Freire e Vygotsky*. 2009. 253 f.. Tese. (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) UFSC. Disponível em: <http://www.vigotski.net/ditebras/gehlen.pdf>. Acessado em: 14 de maio de 2012.

GUIMARÃES, M.. *A formação de educadores ambientais*. Campinas, SP: Papirus, 2004.

GUIMARÃES, M.. *A Dimensão Ambiental na Educação*. Campinas: Papirus, 1995.

HAYDT, R. C. C. *Curso de Didática Geral*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2006.

IBGE cidades. *IBGE, número de habitantes 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, Censo 2010. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> >. Acesso em: 27 jan. 2013.

IBGE cidades. *IBGE Cidades: Bela Vista, MS*. 2012. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=500210&search=m>

[ato-grosso-do-sul|bela-vista|infograficos:-historico](#). Acessado em: 23 de nov. de 2012.

IBANHES, B. *Chão do Apa: contos e memórias da fronteira*. Dourados: Gráfica Rosário. 2010

JÚNIOR, L.A.F; SORRENTINO, M. Coletivo Educadores. In: FERRARO, Luiz (Org.) *Encontros e Caminhos: Formação de educadores(as) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: Diretoria de Educação Ambiental, MMA, 2005, p.35-46. Disponível em:< <http://www.ufmt.br/gpea/pub/encontros.pdf>>. Acessado em: 08 de outubro de 2010.

LAGO, S. (Org.) *O melhor de Rubem Alves*. Curitiba: Nossa Cultura, 2008.

LEITE, S. N. *Bela Vista uma viagem ao passado*. 3. ed. Campo Grande: Associação de novos escritores de Mato Grosso do Sul, 2007.

LEAL, T. C. Contribuições de Paulo Freire à Educação Brasileira. *Revista Eletrônica "Fórum Paulo Freire"*. Ano 1, nº 1, Jul/2005.

LEROY, J. Cidadania, sustentabilidade e dignidade: conceitos em busca de indicadores. In: PACHECO, T. (Org.) *Linha de dignidade: construindo a sustentabilidade e a cidadania*. Rio de Janeiro: FASE, projeto Brasil Sustentável e Democrático, 2005.

LIMA, G. F. C. Crise ambiental, educação e cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória. In: LOUREIRO, C. F. B. *Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Educação, emancipação e sustentabilidade: em defesa de uma pedagogia libertadora para a educação ambiental In.: LAYRARGUES, Ph. P. (coord.). *Identidades da educação ambiental brasileira*. Ministério do Meio Ambiente / Diretoria de Educação Ambiental. – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 85-111.

_____. *Formação e dinâmica do campo da Educação Ambiental no Brasil: emergência, identidades, desafios*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. Campinas (SP), 2005.

LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental Transformadora In.: LAYRARGUES, Ph. P. (coord.). *Identidades da educação ambiental brasileira*. Ministério do Meio Ambiente / Diretoria de Educação Ambiental. – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 65 - 84.

LOUREIRO, C.F. Emancipação. In: FERRARO JÚNIOR, L. A. (org.). *Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores*. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2007.

MARIN, A.A. A percepção no *logos* do mundo estético: contribuições do pensamento de Merleau-Ponty aos estudos de percepção e educação ambiental.

Revista Interações. Nº 11, 2009. Disponível em:
<<http://hdl.handle.net/10400.15/325>>. Acessado em: 12 de jan. de 2013.

MEC/PY - Ministerio de Educación y Cultura. *Programa de estudio de primer, segundo y tercer grado*. Asunción, 2008. Disponível em:
<<http://www.mec.gov.py/cms/entradas/68936>> Acesso em: 03 de fevereiro de 2013.

MEDEIROS, Y. Marcas da história às margens do Apa. In.: BROCH, S.O.; MEDEIROS, Y.; SOUZA, P. R. de (Orgs). *Pé na água: uma abordagem transfronteiriça da Bacia do Apa*. Campo Grande, MS: UFMS, 2008.

MERLEAU-PONTY M. *Fenomenologia da percepção*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Fenomenologia da percepção*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MUPAN. *Carta da Bacia do Apa*: documento público Diálogos Transfronteiriços do Rio Apa sobre as políticas públicas de educação e de águas do Brasil e do Paraguai. 28 de maio de 2010. Ponta Porã, Mato Grosso do Sul, Brasil e Pedro Juan Caballero, Amambay, Paraguay. 05 pg. Disponível em: www.mupan.org.br. Acessado em: 26 de outubro de 2012.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Cadernos de Pesquisas em Administração*, v. 1, n.3, 2º sem., 1996.

NUÑES, A.I; PADOIN, M. M.; OLIVEIRA, T. C. M.(Orgs). *Dilemas e diálogos platinos*. Dourados: UFGD, 2010.

PEDRINI, A. G. Um caminho das pedras na educação ambiental. In: PEDRINI, A de G.. (Org.). *Metodologias em educação ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 23-52.

_____. As Políticas Públicas Nacionais com Educação Ambiental no Brasil: evolução e perspectivas. (traduzido do inglês). In: Azeiteiro, U., GON?ALVES, F & PEREIRA. M. (Eds) *World Trends in Environmental Education*. Alemanha, Peter Lang Ed., 2004.

PEDRINI, A. G.; RIBEIRO, G. *Educação Ambiental x Meio Ambiente: conceitos em construção?* 2008. Disponível em:
<http://www.academia.edu/1019305/Concepcoes_sobre_meio_Ambiente>
Acessado em: 06 de Out. 2013.

PEDRINI, A; COSTA, E. A; GHILARDI, N. Percepção ambiental de crianças e pré-adolescentes em vulnerabilidade social para projetos de educação ambiental. *Ciência e Educação*, V. 16, n.1, p.163-179, 2010.

- PEREIRA, M. B.; BROCH, S. O.; MEDEIROS, Y. Um rio, dois países. In.: BROCH, S.O.; MEDEIROS, Y.; SOUZA, P. R. de (Orgs). *Pé na água: uma abordagem transfronteiriça da Bacia do Apa*. Campo Grande, MS: UFMS, 2008.
- ROMAÑACH, A. B. Bella Vista la Estrella del Norte a un siglo de su elevación a categoría de distrito. IN: BEGINI, C. E. B. (Org.) *Álbum Gráfico de Bella Vista: La estrella del Norte*. Administración Municipal, 2001.
- SANTOS, B.. *A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000
- SANTOS, M. *Técnica, espaço, tempo, globalização e meio técnico - científico - informacional*. 4 ed. São Paulo: HUCITEC, 1998.
- SATO, M. *Educação para o Ambiente Amazônico*. 227 f.. 1997. Tese. (Doutorado em Ciências. São Carlos: PPG- ERN/UFSCar. Disponível em: http://www.lapa.ufscar.br/pdf/tese_doutorado_michele_sato.pdf. Acessado em: 22 de jan. de 2013.
- SATO, M. A educação ambiental tecida pelas teorias biorregionais. In: FERRARO, Luiz (Org.) *Encontros e Caminhos: Formação de educadores(as) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: Diretoria de Educação Ambiental, MMA, 2005, p.35-46. Disponível em:< <http://www.ufmt.br/gpea/pub/encontros.pdf>>. Acessado em: 08 de outubro de 2010.
- SAITO, C. H. Política Nacional de educação ambiental e construção da cidadania: desafios contemporâneos. In: RUSCHEINSKY, A. (org.) *Educação Ambiental: abordagens múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, M. e CARVALHO, I. C. de M. (orgs.). *Educação Ambiental: Pesquisa e Desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- SELEME, E.P.; ARNDT, E.; SOUZA, P.R.; MEDEIROS, Y.; SANTOS, M. *Pé na Água: Uma abordagem transfronteiriça da Bacia do Apa*. Campo Grande: Editora UFMS, 2008. CD-ROM.
- TAUNAY, A. V. de. *A retirada da Laguna - episódio da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Ediouro, 1871. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv00304a.pdf>. Acessado em: 19 de setembro de 2013.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- TONIOLO, Joze Medianeira dos Santos de Andrade. *Diálogo e Amorosidade em Paulo Freire: dos princípios às atitudes na formação de professores*. 2010 105 f.. Dissertação.(Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Maria, RS. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/fae/dialogoscompaulofreire/EDUCAR%20COM%20DIALOGO%20E%20AMOROSIDADE.pdf>. Acessado em: 11 de abr. de 2014.

TONZONI-REIS, M.F. C. *Educação Ambiental: natureza, razão e história*. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

TOZONI-REIS, M. F. C.. Temas ambientais como “temas geradores”: contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória. *Educ. rev.* [online]. 2006, n.27, pp. 93-110. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0104-40602006000100007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 25 jun. de 2012.

TORRES, J.R; MAESTRELLI, S.R.P. A concepção educacional freireana e o contexto escolar: subsídios à efetivação das dimensões “pesquisa e ação” em Educação Ambiental na Escola. In: *VI Encontro “Pesquisa em Educação Ambiental*, Ribeirão Preto, 2011. Disponível em: http://www.academia.edu/1992390/A_CONCEPCAO_EDUCACIONAL_FREIREANA_NO_CONTEXTO_ESCOLAR_SUBSIDIOS_A_EFETIVACAO_DAS_DIMENS_OES_PESQUISA_E_ACAO_EM . Acessado em: 12 de jul. de 2013.

TRISTAO, M. Abordagens teóricas e metodológicas do grupo de pesquisa em educação ambiental da UFES: estudos desde a complexidade. *Pesq. Educ. Ambient.* [online]. 2010, vol.5, n.2, pp. 119-125.

TUAN, Y. *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980. Tradução de: *Topophilia: a study of environmental perception, attitudes, and values*.

UNESCO. *Datos Mundiales de Educación*. 7 ed., 2010/2011. Versión revisada, ago. 2010. Disponível em: <http://www.ibe.unesco.org/fileadmin/user_upload/Publications/WDE/2010/pdf-versions/Paraguay.pdf>. Acessado em: 22 de jan. de 2013.

_____. *La educación Ambiental: Orientaciones de la Conferencia de Tbilisi*. Paris, 1980, 107 p.

VARGAS, I.A. de. *Território, Identidade, Paisagem e Governança no Pantanal Mato-Grossense: um Caleidoscópio da Sustentabilidade Complexa*. Tese de doutorado. Programa de doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento da UFPR, 2006. Disponível em: < http://www.doutmeio.ufpr.br/made_teses> Acessado em: 12 de out. de 2010.

VEIGA, I.P.A. *Inovações e Projeto Político-Pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória?*. Cad. Cedes, Campinas, v. 23, n. 61, p. 267-281, dezembro 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v23n61/a02v2361.pdf>. Acessado em: 22 de jun. de 2012.

WIZIACK; S. R.. Subsídios para a inserção da Educação Ambiental no Projeto Político Pedagógico. In: VARGAS, I.A. et.al. *Educação Ambiental: gota de saber: reflexão e práticas*. Campo Grande, MS: Oeste, 2006. p. 27-45.

APÊNDICES

Apêndice 1 - Ofício à Secretaria Municipal de Educação de Bela Vista.

Ofício 01/2012

Bela Vista/MS 06 de junho de 2012.

À Secretária de Educação de Bela Vista:

Carmina Brites

Prezada Secretária;

As escolas municipais Prefeito Clóvis Marcelino de Oliveira e São Clemente, por terem se destacado no cenário bela-vistense como uma escola que faz Educação Ambiental, foram escolhidas para participar de uma pesquisa sobre como os membros do Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras conseguiram incluir no currículo a dimensão ambiental contextualizada.

A finalidade desta pesquisa é investigar os trabalhos realizados pelo Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras dentro dos espaços escolares, levantando como conseguiram incluir a dimensão ambiental no currículo de escolas brasileiras e paraguaias. Durante a pesquisa, será solicitado à escola que nos forneça o Projeto Político Pedagógico e os projetos referentes ao trabalho com Educação Ambiental, assim como os registros memoriais (fotografias, atas de reuniões). E como produto final da pesquisa, pretende-se construir junto com os membros do Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras, uma nova proposta de articulação em prol da Educação Ambiental contextualizada com a problemática da região. Estes momentos serão gravados, para posterior transcrição e análise das falas, ou fotografados, como forma de documentação.

As pessoas que poderão participar deste estudo: 1) os professores membros do Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras; 2) os alunos matriculados e frequentadores das escolas onde os membros do Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras trabalham, onde nome e identidade serão mantidos em sigilo.

O Estudo terá uma duração de 06 (seis) meses, período em que serão realizadas a aplicação de questionários e entrevistas e dos encontros, sempre em horário que não prejudique o andamento das aulas, para a construção de uma nova proposta de articulação para o Grupo.

Assim, nos colocamos a disposição para maiores esclarecimentos, pelo e-mail paty.ortelhado@hotmail.com e pelo telefone (67) 9975-8905. Aproveitando o ensejo para elevar nossas saudações, e o desejo por um mundo mais justo e sustentável.

Atentamente;

Patrícia Lima Ortelhado
Pesquisadora da UFMS

Aluna do Programa Mestrado Ensino de Ciências (CCET/UFMS)

Apêndice 2 - Ofício ao Supervisor de Educação de Bella Vista Norte

A la Supervisora de Educación de Bella Vista:

Julio Rejala

De nuestra mayor consideración;

Las escuelas “General Marcial Samaniego y Nuestra Señora del Perpetuo Socorro”, por haberse destacadas en el escenario bellavistense como unas de las escuelas que practica Educación Ambiental, fueron elegidas para participar de una investigación sobre como los miembros del Grupo de Educadores Ambientales Sin Frontera consiguieron incluir en el currículo la dimensión ambiental contextualizada.

La finalidad de esta investigación es analizar los trabajos realizados por el Grupo de Educadores Ambientales Sin Fronteras dentro de los espacios escolares, examinando como consiguieron incluir la dimensión ambiental en el currículo de escuelas brasileñas e paraguayas. Durante la investigación, será solicitada a la escuela que nos facilite el Proyecto Político Pedagógico y los proyectos referentes al trabajo con Educación Ambiental, también los registros memoriales (fotos, actas de reuniones). Y como consecuencia final de la investigación, se pretende construir junto con los miembros del Grupo de Educadores Ambientales Sin Frontera, una nueva propuesta de articulación en beneficio de la Educación Ambiental contextualizada con la problemática de la región. Estos momentos serán gravados para posterior transcripción y análisis, tanto del habla como las imágenes, como forma de documentación.

Las personas que podrán participar de este estudio son: 1) los profesores miembros del Grupo de Educadores Ambientales Sin Frontera; 2) los alumnos inscriptos y frequentadores de las escuelas donde los miembros del Grupo de Educadores Ambientales Sin Frontera trabajan, manteniendo en sigilo el nombre y la identificación de los mismos.

El Estudio tendrá una duración de 06 (seis) meses, etapa en que serán realizadas la aplicación de cuestionario y entrevistas, siendo los encuentros realizados siempre en horas que no perjudique el desarrollo de las clases para la elaboración de una nueva propuesta de articulación para el Grupo.

De esta manera, nos ponemos a disposición para mayores informaciones, por el correo electrónico paty.ortelhado@hotmail.com y por el teléfono (67) 9975-8905. Aprovechamos la oportunidad para elevar nuestros cordiales saludos y manifestarles el deseo de un mundo más justo y sustentable.

Atentamente,

Patrícia Lima Ortelhado

Pesquisadora da UFMS

Aluna do Programa Mestrado Ensino de Ciências (CCET/UFMS)

Apêndice 3 - Carta e TCLE encaminhada às escolas brasileiras

Ofício 01/2012
de 2012.

Bela Vista/MS 06 de junho

À Secretária de Educação de Bela Vista:
Carmina Brites

Prezada Secretária;

As escolas municipais Prefeito Clóvis Marcelino de Oliveira e São Clemente, por terem se destacado no cenário bela-vistense como uma escola que faz Educação Ambiental, foram escolhidas para participar de uma pesquisa sobre como os membros do Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras conseguiram incluir no currículo a dimensão ambiental contextualizada.

A finalidade desta pesquisa é investigar os trabalhos realizados pelo Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras dentro dos espaços escolares, levantando como conseguiram incluir a dimensão ambiental no currículo de escolas brasileiras e paraguaias. Durante a pesquisa, será solicitado à escola que nos forneça o Projeto Político Pedagógico e os projetos referentes ao trabalho com Educação Ambiental, assim como os registros memoriais (fotografias, atas de reuniões). E como produto final da pesquisa, pretende-se construir junto com os membros do Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteira, uma nova proposta de articulação em prol da Educação Ambiental contextualizada com a problemática da região. Estes momentos serão gravados, para posterior transcrição e análise das falas, ou fotografados, como forma de documentação.

As pessoas que poderão participar deste estudo: 1) os professores membros do Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteira; 2) os alunos matriculados e frequentadores das escolas onde os membros do Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteira trabalham, onde nome e identidade serão mantidos em sigilo.

O Estudo terá uma duração de 06 (seis) meses, período em que serão realizadas a aplicação de questionários e entrevistas e dos encontros, sempre em horário que não prejudique o andamento das aulas, para a construção de uma nova proposta de articulação para o Grupo.

Assim, nos colocamos a disposição para maiores esclarecimentos, pelo e-mail paty.ortelhado@hotmail.com e pelo telefone (67) 9975-8905. Aproveitando o ensejo para elevar nossas saudações, e o desejo por um mundo mais justo e sustentável.

Atentamente;

Patrícia Lima Ortelhado
Pesquisadora da UFMS
Aluna do Programa Mestrado Ensino de Ciências (CCET/UFMS)

Ao Prof. Luis Ramão Louveira
Diretor da Escola Municipal São Clemente
Bela Vista – MS

Prezado Diretor,

A unidade de ensino sob sua direção, por ter se destacado no cenário belavistense como uma escola que faz Educação Ambiental, foi escolhida para participar de uma pesquisa que se propõe a analisar o trabalho do Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteira.

A finalidade desta pesquisa é investigar os trabalhos realizados por esse Grupo de professores dentro dos espaços escolares, levantando como conseguiram incluir a dimensão ambiental no currículo de escolas brasileiras e paraguaias. Durante a pesquisa, será solicitado à administração da escola o Projeto Político Pedagógico e os projetos referentes ao trabalho com Educação Ambiental, assim como os registros memoriais (fotografias, atas de reuniões). E, como produto final da pesquisa, pretende-se construir junto com os membros do Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras, uma nova proposta de articulação em prol da Educação Ambiental contextualizada com a problemática da região. Estes momentos serão gravados, para posterior transcrição e análise das falas, ou fotografados, como forma de documentação.

As pessoas que poderão participar deste estudo: 1) os professores membros do Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras; 2) os alunos matriculados e frequentadores das escolas onde os membros do Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras atuam e os pais e demais membro da comunidade escolar.

O Estudo terá uma duração de 06 (seis) meses, período em que serão realizadas a aplicação de questionários, entrevistas e os encontros para a construção de uma nova proposta de articulação para o Grupo, sempre em horários que não prejudiquem o transcurso normal das aulas

Ressalto que a permissão para a investigação dentro da unidade escolar sob sua direção não é obrigatória e que não sofrerá qualquer prejuízo caso não autorize a realização da pesquisa no recinto escolar.

Para esclarecimentos referentes ao estudo, pode contatar, por e-mail, a pesquisadora Patrícia Lima Ortelhado (paty.ortelhado@gmail.com), ou a coordenadora/orientadora da Pesquisa, Profa. Icléia Albuquerque Vargas (icleiavargas@yahoo.com.br), telefone (67) 9297 6189.

Assinatura do pesquisador

Bela Vista (MS)_____/_____/2012.

Declaro que li este documento solicitando o consentimento de realização de pesquisa e que todas as minhas dúvidas foram esclarecidas. Autorizo a Unidade de Ensino que sou responsável à participar dessa pesquisa.

_____/_____/2012. Bela Vista (MS),

**Assinatura do responsável
pela Unidade Escolar**

Telefone ou e-mail para contato: _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário da pesquisa: “EDUCADORES AMBIENTAIS SEM FRONTEIRAS: Identidade e pertencimento na biorregião transfronteiriça do Rio Apa”, que está sendo desenvolvida por Patrícia Lima Ortelhado, acadêmica do curso de Mestrado em Ensino de Ciências da UFMS, Leia com atenção esse termo e se você estiver de acordo assine no final deste.

A finalidade desta pesquisa é investigar os trabalhos realizados pelo Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras dentro dos espaços escolares, levantando como conseguiram incluir a questão ambiental no currículo das escolas brasileiras e paraguaias. Durante a pesquisa, você participará através da investigação respondendo a questionários, participando de entrevistas e diálogos em grupos. Além disso, também está convidado a contribuir na construção de uma nova proposta de Educação Ambiental para os espaços formais dos municípios tendo como tema gerador a Bacia Hidrográfica do Apa, a ser desenvolvida no decorrer da pesquisa. Alguns destes momentos serão gravados, para posterior transcrição e análise das falas, ou fotografados, como forma de documentação.

Poderão participar deste estudo: 1) os professores membros do Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras; 2) os alunos matriculados e frequentadores das escolas onde trabalham os membros do Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras.

Você participará deste estudo durante 09 (nove) meses, período em que serão aplicados os questionários e realizadas as entrevistas e os encontros para a construção de uma nova proposta de Educação Ambiental para reavivar a sinergia inicial do Grupo.

Sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Se você concordar em participar, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo.

Para perguntas ou problemas referentes ao estudo você pode contatar, por e-mail, a pesquisadora Patrícia Lima Ortelhado (paty.ortelhado@gmail.com). Você receberá uma cópia deste termo e para perguntas adicionais sobre seus direitos como participante no estudo você pode consultar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS, no telefone (67) 3345-7187, Ramal 2299.

Declaro que li e entendi este formulário de consentimento e todas as minhas dúvidas foram esclarecidas. Sou voluntário a tomar parte neste estudo.

Bela Vista (MS), ____/____/2012.

Assinatura do voluntário ou responsável (caso o voluntário seja menor de idade)

Telefone ou e-mail para contato: _____

(MS) ____/____/2012.

Assinatura do pesquisador

Apêndice 4 - Carta e TCLE encaminhados às escolas paraguaias

A ilustre Directora de la Escuela Nuestra Senhora del Perpetuo Socorro/Paraguay

Estimada Directora;

La dirección de su escuela, por destacarse en el escenario bellavistense como una de las escuelas que practica Educación Ambiental, fue elegida para participar de una investigación sobre como los miembros del Grupo de Educadores Ambientales Sin Frontera consiguieron incluir en el currículo la dimensión ambiental contextualizada.

La finalidad de esta investigación es analizar los trabajos realizados por el Grupo de Educadores Ambientales Sin Fronteras dentro de los espacios escolares, examinando como consiguieron incluir la dimensión ambiental en el currículo de escuelas brasileñas e paraguayas. Durante la investigación, será solicitada a la escuela que nos facilite el Proyecto Político Pedagógico y los proyectos referentes al trabajo con Educación Ambiental, también los registros memoriales (fotos, actas de reuniones). Y como consecuencia final de la investigación, se pretende construir junto con los miembros del Grupo de Educadores Ambientales Sin Frontera, una nueva propuesta de articulación en beneficio de la Educación Ambiental contextualizada con la problemática de la región. Estos momentos serán gravados para posterior transcripción y análisis, tanto del habla como de las imágenes, a modo de documentación.

Las personas que podrán participar de este estudio son: 1) los profesores miembros del Grupo de Educadores Ambientales Sin Frontera; 2) los alumnos inscriptos y frequentadores de las escuelas donde los miembros del Grupo de Educadores Ambientales Sin Frontera trabajan, manteniendo en sigilo el nombre y la identificación de los mismos.

El Estudio tendrá una duración de 06 (seis) meses, etapa en que serán realizadas la aplicación de cuestionario y entrevistas, siendo los encuentros realizados siempre en horas que no perjudique el desarrollo de las clases para la elaboración de una nueva propuesta de articulación para el Grupo.

El permiso para la investigación dentro de su unidad escolar no es obligatorio. Para preguntas o problemas referentes al estudio puedes contactar, por el correo electrónico de la investigadora Patrícia Lima Ortelhado (paty.ortelhado@gmail.com), o con la profesora coordinadora de la Investigación, Icléia Albuquerque Vargas (icleiavargas@yahoo.com.br).

Declaro haber leído esta carta solicitando el consentimiento de la investigación y que todas mis dudas han sido esclarecidas. Autorizo a la Dirección Escolar, por la cual soy responsable a participar de la investigación.

Bela Vista (MS),

_____/_____/2012.

Assinatura do responsável pela Unidade Escolar

Teléfono o e-mail para contacto: _____

Bela Vista

(MS)_____/_____/2012.

Assinatura do pesquisador

TÉRMINO DE CONSENTIMIENTO INFORMADO

Usted está invitado/a a participar como voluntario/a de la investigación: "EDUCADORES AMBIENTALES SIN FRONTERAS: Identidad y pertenencia en la frontera de la bioregión Río Apa" que se está desarrollando por Patrícia Lima Ortelhado, académica del curso de Maestría en Enseñanza de las Ciencias de la UFMS. Lea con atención este término y si está de acuerdo firmar al final del mismo.

La finalidad de esta investigación es analizar los trabajos realizados por el Grupo de Educadores Ambientales Sin Fronteras dentro de los espacios escolares, examinando como consiguieron incluir el tema ambiental en el currículo de escuelas brasileñas y paraguayas. Durante la búsqueda, su participación será a través de la investigación respondiendo a cuestionarios, entrevistas y diálogos en grupos. Además, se le invita a contribuir en la elaboración de una nueva propuesta de Educação Ambiental para los espacios formales de los municipios teniendo como tema generador la Cuenca del Apa, a ser desarrollada durante la investigación. Algunos de estos momentos se registran para su posterior transcripción y análisis de discurso, o fotografiados, como una forma de documentación.

Podrán participar en este estudio: 1) los profesores miembros del grupo Educadores Ambientales Sin Fronteras, 2) los alumnos inscriptos y frequentadores de las escuelas en las que trabajan los miembros del Grupo de Educadores Ambientales Sin Fronteras.

Su participación en este estudio será de 09 (nueve) meses, periodo que se aplicarán los cuestionarios y las entrevistas realizadas y las reuniones para la construcción de una nueva propuesta para la Educación Ambiental para revivir la sinergia original del Grupo

Su participación no es obligatoria y en cualquier momento, usted puede retirar su consentimiento y dejar de participar. Su negativa no tendrá ningún perjuicio en su relación con el investigador o la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul. Si usted decide participar, su nombre y su identidad se mantendrá confidencial.

Para cualquier duda o problema relacionado con el estudio puede ponerse en contacto por correo electrónico, con la investigadora Patricia Lima Ortelhado (paty.ortelhado @ gmail.com). Usted recibirá una copia de este documento y si tiene preguntas adicionales acerca de sus derechos como participante en el estudio podrá consultar al Comité de Ética de la Investigación en Seres Humanos de la UFMS, teléfono (67) 3345-7187- 2299 ext.

He leído y entendido este formulario de consentimiento y todas mis dudas se aclararon. Me ofrezco como voluntario para participar en este estudio.

Bela Vista (MS) _____ / _____

/ 2012.

Firma del Voluntario o tutor (si el voluntario es menor de edad)

El contacto telefónico o por correo electrónico:

Bela Vista (MS) _____ /

/2012.

Firma del investigador

Apêndice 5 - Questionário

PREZADO(A) PROFESSOR(A) MEMBRO DO GRUPO EDUCADORES AMBIENTAIS SEM FRONTEIRAS,

Com a finalidade de levantar dados sobre o desenvolvimento do “Projeto Rio Apa: Unindo dois povos”, contamos com sua colaboração ao responder o presente questionário. Manteremos total sigilo de identificação. Usaremos os dados coletados para avaliar o impacto de um projeto de educação ambiental transfronteiriço.

Atentamente,

Patrícia Lima Ortelhado.

Mestranda em Ensino de Ciências pela UFMS

1. BREVE IDENTIFICAÇÃO:

1.1) Anos na profissão como educador: _____

1.2) Nível de formação: () magistério () superior completo () superior incompleto () pós-graduação () mestrado

2. PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO – PPP¹⁶

2.1 O PPP de sua Escola foi criado:

() Pela Secretaria de Educação por técnicos preparados para a elaboração do documento.

() Pela Diretora ou Coordenadora da Escola.

() Pelos representantes da Escola, organizados em grupo, que juntos elaboraram ou reelaboram o documento participativamente.

() Não sei.

() Não conheço o PPP da Escola.

() Outro.

Especifique: _____

2.2 Expresse a sua opinião sobre a importância do PPP para a sua Escola?

3. “PROJETO RIO APA: UNINDO DOIS POVOS”

3.1 Como você conheceu o “Projeto Rio Apa: Unindo dois povos”?

3.2 Das atividades desenvolvidas do “Projeto Rio Apa: Unindo dois povos” em sua Escola, qual delas você destaca como mais eficaz?

3.3 Relate os pontos positivos da atividade que você destacou no item anterior?

3.4 Destaque os pontos negativos que você identificou no Projeto.

¹⁶ Projeto Político Pedagógico é o documento obrigatório, presente na instituição escolar que normatiza a prática pedagógica.

3.5 Avalie os resultados do Projeto em relação a:

A) Aprendizagem dos seus alunos:

b) Envolvimento da comunidade escolar:

c) De sua prática educativa com o tema educação ambiental:

d) Troca de experiência/intercâmbio entre os dois países:

3.5 Qualifique a sua satisfação em desenvolver o projeto em sua Escola (pode assinalar mais de uma opção):

() Foi relevante para toda comunidade escolar, oportunizou trocas de conhecimentos, mudando conceitos sobre o que é educação ambiental.

() Notei pouco entusiasmo e mudança na comunidade escolar ao desenvolver o projeto. É necessário reavaliar sua aplicação.

() No primeiro momento resisti, mas, depois, passei a me envolver e acreditar na proposta.

() Não gostei de ter trabalhado com o projeto

3.5 Gostaria de fazer algum comentário sobre o trabalho realizado com o Projeto? Qual (is)? Utilize o verso da folha, e se recebeu o questionário *on line* digite, utilizando o espaço que achar pertinente.

Obrigada por sua valiosa contribuição!

Apêndice 6 - Relação das escolas de atuação do GEASF

Escolas como unidades de análise	
Brasil	Escola Municipal Prefeito Clóvis Marcelino de Oliveira
	Escola Municipal São Clemente
Paraguai	Escuela Marechal Marcial Samaniego
	Colégio Nuestra Señora del Perpetuo Socorro
Escolas em que trabalham Educadores Ambientais Sem Fronteiras em setembro/2013	
Brasil	Escola Municipal Prefeito Clóvis Marcelino de Oliveira
	Escola Municipal São Clemente
	Escola Municipal Perpétuo Socorro
	Instituto de Educação de Bela Vista (Particular)
	Escola Estadual Professora Vera Guimaraes Loureiro
	Escola Estadual Ester Silva
Paraguai	Colegio Nuestra Señora del Perpetuo Socorro
	Escuela Marechal Marcial Samaniego
	Colegio San José

Apêndice 7 - Listas de presença dos Encontros – Plano de Ação

27

Registro de Presença		
Assunto: ATA 06/2013 Folha: 12 Livro: 01 Data: 04/06		
Primeiro Encontro de Rearticulação do GEASF		
Nome	Telefone / e-mail	Instituição
NOME	COABO Telefone	Instituição
Sirlene bedesma	96780549.51lencbedesma@OUTLOOK.COM	Sera G. Bourcuro
Paulo Roberto Costa	99413531	GEASF/AAAP
Maria do Socorro Oliveira Costa	96611230	GEASF
Maria Gonzalves da Silva Bala	9951-1600	Proppom Urbano
Vicente Eduardo Balog	9634-4450	GEASF
Katiane Bourcuro Arco	99525552	GEASF, GJ, UFMS
Abelino Centurion Feneira	9633-0996	GEASF, COMUNIDADE ATIVA
Aparecida de Jesus Pereira	9999-8753	GEASF, CRAO II
Almendra Apociel Almeida	96879926	E.M. Agostinho Tebichoca
Regiane Ap. C. Moraes Medeiros	96388435	CM. Prof. Cleilene
Evranir Moraes de Luta	9949-4741	P. Brasil Alfabetizado
Herick G. Gonçalves	9665-2979	Amhanguera
Rosilei Seloge	9676-3426	Amhanguera
Cybele Vilalba Lescaro	9632-0438	CEIM Z. Assuma
Lucimary Colman	9831-6654	Clim. G. Assuma
Andréia Teixeira	9669-9577	Indústria
Rosimilde Ag. dos Santos	99070215	M. M. Inacio S. M
Patrícia Dama Antilpala	99758905	GEASF.
Abelino Centurion Feneira	9633-0996	GEASF/COMUNIDADE ATIVA
Rosimilde Vilalba Torres	96287192	GEASF.
Jani de Bello Bourcuro Almeida	9951-8946	Joaquim Mestrich
Adriana Antilhedo	96107611	AGS - GEASF
Andréia Antilhedo	99279826	Amhanguera
Jene Duarte	9851-8896	SCFV - Est. da Azul Orientador Social
Maria Laudelina Cavas Sara	0971-250081	Escola Lul Samermigo
Aroldo Aguilera Cristaldo	0971 250 231	Col. Nac. Perpetuo Socorro
Celia Cristina Aguiar de Dandara	0972 167537	Col. Nac. P. Socorro
Patrícia Dama Antilpala	6799758905	GEASF / PREFEITURA UFMS

Registro de Presença

Assunto: ATA 04/2013, Folhas: 14 Livro: 01 Data: 0-11/06

Segundo Encontro de Rearticulação GEASF

Nome/NOME	Instituição/Instituição	Contato/Telefone
Jilene Buxerme	Anhanguera	9809-2894
Cláudia Regina de Campos	Associação Ceim Xica	9963-6623
Rejane Ap. C. Moraes	Mediça Anhanguera	9638-8435
Cynthia L. Azevedo	Anhanguera	9948-1106
Evaristo M. Ultra	P. Brasil Alfabetizado	9949-4741
Rosilei Seloge	Secretaria de Educação	9676-3426
Jeanmarcy Colman	Anhanguera	9831-6654
Andriana Teixeira	prefeitura	9662-9577
Rosmilde Aguiar Santos	Dr. H. Indio Silvestre Monteiro	9907-0215
Sirlene Bedesma	GEASF F.E. Vera Guimarães Loureiro	9679-0549
Kestiane Buxerme Azevedo	GEASF/CJLS - A social	9952-5552
Naduelly C. Moraes Roni	GEASF	9693-4043
Christina Chucarro Farina	Projeto em Urbana	9844-6352
Lucineia Paes de Azevedo	Projeto em Urbana	9863-8178
Irvaldino Centurão Ferreira	GEASF	9633-0996
Rumilda Vilholla Zorn	GEASF	9628-7192
Janete Kallhoueira de Almeida	GEASF Joaquim Murtinho	9951-89-46
Guilherme Rinalta Pinto	GEASF	9941-3531
Maria de Lourdes O. Lento	GEASF	9661-230
Adriana Antilhado	AGS - GEASF	96107611
Andriana Antilhado	anhanguera	9927-9826
Luiz Duarte	SCFV - Estrada Agul orientador Social	9851-8896
Irvaldino Centurão Ferreira	UNIGRAM - SERVIÇO SOCIAL	9650-3494
Maria Leopoldina Lourenço	Gravata Gol - Lamaneyo	0971-250081
Arnaldo Aguiar Cristaldo	Col. Perpetuo Socorro	0971-250-231
Celis Cristina Aguiar de Paula	Col. Dr. Perpetuo Socorro	0972-167537
Gilmar Gutulio Coen	Coop. Toc. Agropecuario	9822-9394
Patricia Karina Antilhado	GEASF/UFMS/PREFEITURA	0975-8905

Registro de Presença

Assunto: ATA 08/2013, Folha: 16 Livro: 01 Data: 18/06

Terceiro Encontro de Rearticulação GEASF

nome / nome	Instituição / Institución	e-mail / Telefone
Saion Abdo Duco	Anhanguera	9602-5180
Jessica maiana Fietz	anhanguera	9988-9495
Herick da Gonçalves	anhanguera	9669-2979
Rosilei Seloge	Anhanguera	9676-3426
Lucimary Colman	Anhanguera	9831-6654.
- Cintia de Oliveira Jovato	Anhanguera	9656-8907.
Andréia Teixeira	Município	9662-9577.
Rosemilde pg dos santos	B.M. Inácio S. Monteiro	99070215
Sirlene Bedesma	GEASF FE. Vera G. Loureiro	9679.0549
Kaitiane Barroso Arco	GEASF/Cg/S.A. Social	9952 55 52
Nadilly C. Moraes Romi	GEASF	9693-4043
Elizete Cristallo Rodrigues	Unigran	9939 0703
Christiane Chaves de Jesus	Projovem Urbano	9844-6352
Lucineia Paredes Arco	Projovem Urbano	9863-8179
Oraldino Centuriao Ferreira	GEASF	9633-0996
Zumilda Villalba Torres	GEASF.	9628-7192.
Jane de Nello Loureiro de Almeida	GEASF	9951-89-46.
Juliano Pinheiro Couto	GEASF	9941 35 31
Maria de Lourdes O. Couto	GEASF	966112 30
Adriana Artelhado	AGS-GEASF	96 107611
Andréia Artelhado	Anhanguera	99279826
Srene Duarte	SCFV - Extensão Azul Orientador Social	9851 8896
Suz Caroline Espedo Siliton	UNIGRAN - SERVIÇO SOCIAL	9650-3494
Maria Luíza Cláudia Cássia	Ext. Gal. Samamiego	0971-250081
Arildo Aquino Cristallo	Cd. Populus Secarre	0971 250 231
Celia Cristina Aguiar de Fátima	Col. Nac. P. Social	0972 167537
Gilmar Cortez de Castro	TEC Agronegocio	98 229394
Sônia Pires Amoralhada	Sec. Ass. Social	9907-2512
Patrícia Louisa Artelhado	GEASF / UEMS / Pref	9975-8905

ANEXOS

Anexo 1 - Carta da Bacia do Apa



Fortalecimento das Políticas de Educação
Ambiental para o Pantanal: o caso da Bacia
Transfronteiriça do Rio Apa
**Apoio Comitê Holandês para a IUCN NL/EGP –
600422**



CARTA DA BACIA DO APA

Documento Público Diálogos Transfronteiriços do Rio Apa sobre as políticas públicas de educação e de águas do Brasil e do Paraguai

Os povos que vivem na região de fronteira do Rio Apa são caracterizados pelo intercâmbio cultural que superam os limites geopolíticos entre seus países. Também compartilham águas que unem vidas numa construção socioambiental e cultural própria que se dissemina para além do Estado de Mato Grosso do Sul, no Brasil e dos Departamentos de Amambay e Concepción, no Paraguai.

Nesse contexto, em função do processo histórico de ocupação do território da Bacia Hidrográfica do Rio Apa, ocorre impactos socioambientais significativos, tais como processos erosivos, assoreamento de rios e a possibilidade de contaminação de rios e do lençol freático, pesca predatória que resultam em perdas econômicas, da biodiversidade além da deterioração da saúde dos habitantes.

Entre os dias 27 a 29 de maio de 2010, no *Diálogos Transfronteiriços do Apa*, no município de Ponta Porã-Brasil e Pedro Juan Caballero-PY, pessoas e instituições interessadas em promover e implantar a gestão integrada da bacia do Apa, motivadas pelo anseio de educadoras, educadores ambientais e alunos dos doze municípios, estiveram reunidas para discutir e formular uma agenda programática e efetiva.

Os diálogos entre os participantes trataram de temáticas refletidas em um *olhar diferenciado para políticas públicas, educação e água* do Brasil e do Paraguai, evidenciando os seguintes desafios:

- I. Implantar a gestão das águas a partir dos territórios brasileiro e paraguaio abrangidos pela bacia hidrográfica fronteira do Rio Apa;
- II. Necessidade de fortalecimento da articulação de ações educativas voltadas às atividades de proteção, restauração e melhoria socioambiental da bacia do Apa, potencializando o papel socialmente transformador e emancipatório da educação diante as mudanças econômicas, ambientais, políticas, culturais e sociais em direção à sustentabilidade;
- III. Necessidade de implementação do Acordo de gestão integrada no território fronteiro entre o Brasil e o Paraguai;
- IV. Enfrentamento de Ameaças ao sistema hídrico em termos quali-quantitativos e à biodiversidade que abrange os municípios brasileiros de Antônio João, Bela Vista, Bonito, Caracol, Jardim, Ponta Porã e Porto Murtinho e os municípios paraguaios de San Lázaro Concepcion, San Carlos del Apa, Bella Vista Norte, Pedro Juan Caballero e Camelo Peralta;
- V. A relevância e a necessidade do trabalho em rede como potencializador da ação coletiva na bacia do Apa;

A partir dos debates, foram evidenciadas problemáticas comuns entre ambos os

países. Diante disso, a partir da troca de informações e experiências, e do planejamento realizado por grupos de trabalho, foram elencados pontos fundamentais que desejamos ver efetivados:

- Reativação do Conselho de Águas no território paraguaio da Bacia do Apa, criado por Resolução da SEAM – PY
- Formação e atuação da Comissão pró-Comitê Local no território brasileiro da Bacia do Apa – BR, composta por representantes do poder público, usuários de água e sociedade civil, nos moldes dos comitês de bacia hidrográfica brasileiros
- Mobilização, por meio de ações articuladas entre o poder público, usuários de água e sociedade civil para a gestão integrada da Bacia do Apa, inclusive por meio de articulação em redes (PY - BR) ;
- Elaboração do Plano de Ação para a Bacia do Apa;
- Sistematização e intercâmbio das informações existentes referentes ao sistema hídrico da Bacia do Apa (PY – BR)
- Inserção da Educação ambiental enquanto disciplina em todos os cursos de licenciatura;
- Incentivo à participação de professores das diversas disciplinas em encontros e cursos de formação em Educação Ambiental;
- Captação de recursos financeiros para a sustentabilidade do processo de gestão integrada da bacia do Rio Apa.

ASSINAM A CARTA

Mulheres em Ação no Pantanal - MUPAN

Rede Aguapé de Educação Ambiental

Prefeitura Municipal de Ponta Porã

Secretaria de Meio Ambiente do Departamento de Amambay

Núcleo de Educomunicadores dos Matos

Secretaria del Ambiente de Paraguay - SEAM

SOBREVIVENCIA - PY

Ecologia e Ação - ECOA

Rede Pantanal

Rede de Educação Ambiental do Mato Grosso do Sul – REAMS

Rede de Educação Ambiental do Cerrado – REACERRADO

Rede de Educomunicação Fala Cerrado

Instituto Physis Cultura e Ambiente – Unidade Cerrado

Anexo 2 - Declaração que autoriza a pesquisadora a utilizar as informações do GEASF



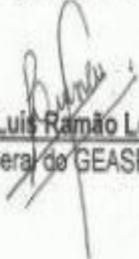
Educadores Ambientais Sem Fronteira
Projeto de Educação Ambiental: Rio Apa Unindo dois povos!

DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que autorizamos a pesquisadora **Patrícia Lima Ortelhado**, a utilizar os documentos pertencentes ao registro do percurso do Grupo, assim como os livros atas, de presença e acervo fotográfico, ou outros que venha a necessitar para realizar sua pesquisa.

Por ser verdade firmamos o presente.


Maria Laudelina Cáceres
Coordenadora Geral do GEASF no PY


Luis Ramão Louveira
Coordenador Geral do GEASF no BR

Bela Vista, 15 de Junho de 2012.

Anexo 3 - Projeto Pedagógico: “Rio Apa – unindo dois povos”

PROJETO INTEGRADO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL / 2010 ESCOLAS BRASILEIRAS E PARAGUAIAS

Apresentação da Proposta

A proposta é um desafio lançado aos educadores participantes das oficinas Educomunicação e Educação Ambiental no Projeto Político Pedagógico que aconteceu em abril nas dependências da Escola Municipal Prefeito Clóvis Marcelino de Oliveira.

Nesse dia estiveram presentes os professores das escolas públicas do Paraguai, e juntos, decidimos projetar a presente ação, com o entendimento que precisamos inserir a educação ambiental em nosso currículo de forma contextualizada e com atividades significativas para nossos alunos.

Portanto o presente projeto, com base no tema gerador Rio Apa, vem responder a uma ânsia de educadores brasileiros e paraguaios que desejam a preservação dos nossos recursos naturais compartilhados.

1.0 IDENTIFICAÇÃO:

Duração: julho a setembro/2010

População envolvida: Escola Municipal Prefeito Clóvis Marcelino de Oliveira
Escola Municipal Barra do Ita, Escolas públicas de nacionalidade Paraguai e emissoras de rádio dos dois países.

TEMA GERADOR: rio Apa.

Titulo: a ser escolhido através de voto no dia da conferência de lançamento do projeto.

JUSTIFICATIVA:

A água que circula e que possibilita a vida é sempre a mesma, em igual quantidade, desde que a Terra se formou. O ciclo da água permite uma renovação constante, porém sem interferir na sua quantidade.

A água que evapora dos rios, lagos, oceanos, do solo e das plantas forma nuvens, cai em forma de chuva regando as plantas e reabastecendo os reservatórios e, novamente, o ciclo recomeça.

Segundo a revista “Amigos da Natureza”¹⁷, atualmente mais de 1,1 bilhão de pessoas no mundo sofrem com a falta de água. Este dado está gerando uma grande preocupação com relação a preservação da água potável.

A comunidade escolar ao participar da oficina Projeto “Água e cidadania na Bacia do Apa – uma abordagem transfronteiriça na década brasileira da água”, percebeu a necessidade de unir forças em busca de implementar em seu Currículo a preservação do nosso bem maior: O rio Apa! Não só o rio mais também a sua bacia

As terras pelas quais percorrem as águas que seguem até o

¹⁷ Revista Amigos da Natureza, fev/2006. nº52, ano 4.

rio Apa compreendem uma extensão de 15.617,53 Km em território brasileiro e paraguaio. A linha de fronteira entre Brasil e Paraguai é delimitada pelo rio Apa, por mais de 500 quilômetros. As partes altas das terras do Apa no Brasil eram cobertas de matas nativas de cerrado e cerradão e campos nativos. Atualmente, as pastagens naturais foram substituídas por forrageiras exóticas (espécies de outras regiões) e as matas dão lugar à pecuária e às grandes plantações de soja, milho e cana-de-açúcar.¹⁸

As águas transfronteiriças da bacia do rio Apa permite a sobrevivência desses dois povos. Precisamos urgentemente repensar o nosso currículo escolar em busca da necessidade de que precisamos criar e implantar ações consistentes em busca da efetivação da Educação Ambiental em nosso ambiente educativo. É por intermédio do Currículo que as coisas acontecem na escola, é o coração da escola segundo Candau (2002, *apud* Moreira, 1999) é o espaço central em que todos atuamos, o que torna, nos diferentes níveis do processo educacional, responsáveis pela sua elaboração. Cabe a nós educadores exercermos o nosso papel com seriedade e competência porque somos os artífices da construção dos currículos que se materializam em nossas escolas. É nossa obrigação enquanto educadores de participar crítica e criativamente na elaboração de currículos mais atraentes, democráticos e fecundos.

OBJETIVOS:

2.1 Geral:

- Difundir o conhecimento científico sobre recursos hídricos e sensibilizar as comunidades das escolas municipais Clóvis Marcelino de Oliveira e Barra do Ita e das Escolas públicas Paraguaias sobre a importância da conservação e do uso racional da água da Bacia do Apa.

2.2 Específicos:

- Criar uma rede de intercâmbio entre as comunidades envolvidas para a preservação da bacia do rio Apa;
- Despertar a ecocidadania em toda população envolvida, fazendo-a refletir sobre uma nova forma de agir no mundo;
- Buscar parcerias em Bela Vista/BR e Bella Vista/PY afim de financiamentos para as ações definidas no presente projeto;
- Lançar o projeto através de uma conferência Municipal no dia 02/06/2010 no Cine São José em Bela Vista/MS;
- Repensar o currículo escolar em cada unidade de ensino na questão da Educação Ambiental, tendo como foco a Preservação da Bacia do Rio Apa, propondo as ações que as escolas realizarão em seu ambiente educativo segundo a planilha anexa ao projeto, o qual deverá ser apresentado na Conferência;

¹⁸ REVISTA AGUAPÉ. Ano VI, nº. 11. 2008

- Realizar uma festa de culminância do Projeto na Escola Municipal Prefeito Clóvis Marcelino de Oliveira, apresentando a toda a comunidade os resultados alcançados em novembro/2010.

AÇÕES (METODOLOGIA):

A fim de alcançarmos os objetivos do presente projeto, buscar-se-á seguir as seguintes ações, pautadas na filosofia da gestão democrática e no princípio da aprendizagem significativa que é o conceito central da teoria da aprendizagem de David Ausubel. Segundo Moreira (1999) "a aprendizagem significativa é um processo por meio do qual uma nova informação relaciona-se, de maneira substantiva (não literal) e não arbitrária, a um aspecto relevante da estrutura de conhecimento do indivíduo". Em outras palavras, os novos conhecimentos que se adquirem relacionam-se com o conhecimento prévio que o aluno possui.

- Lançar através de uma Conferência do Meio Ambiente o projeto;
- Trabalhar de forma interdisciplinar todas as ações nas comunidades envolvidas;
- Dividir em subgrupos por tema as salas, ex.: Pré/1º - 2ºano, 3ºano e 4ºano, 5º ano e multi, 6º ano e 7º ano e 8º ano e 9ºano e Planejamento de conteúdos por turma. Fica estabelecida a seguinte proposta curricular, que cada escola de acordo com sua realidade cultural, social e econômica a qual abordará no decorrer do desenvolvimento do projeto:

TEMAS	SUBTEMAS
Tema 1: Água fonte de vida	situação da água no planeta, consumo e uso da água, o ciclo da água, o aquífero guarani, desmatamento e o efeito estufa.
Tema 2: Águas fronteiriças da Bacia do Apa	A Bacia Hidrográfica; Biodiversidade da Bacia Do Rio Apa; Saneamento Básico nos dois Países A Produção Rural Na Porção Brasileira E Paraguaia; As Marcas Da História Às Margens Do Rio Apa;
Gestão das águas	Como cuidar dos recursos hídricos A política das águas no Brasil e no Paraguai Legislação e os instrumentos de proteção da biodiversidades

Fonte: Livro Pé na Água, 2008.

- Intercâmbio entre as escolas Municipais Clóvis Marcelino de Oliveira e Barra do Ita e as Escolas de Bella Vista/ PY.
- Visitas técnicas, excursões, trilhas ecológicas e palestras.
- Entrevistas com ribeirinhos e amigos da natureza de ambos os países e criação do Mural da Preservação Ambiental.

CRONOGRAMA

Atividades	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
------------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

Formulação do Projeto - parceria entre os envolvidos	X	X	X						
Planejamento e conteúdos por turma (de acordo com tabela em anexo)				X	X				
Conferência do Meio Ambiente e lançamento do Projeto as comunidades envolvidas;					X				
Intercâmbios					X	X	X	X	
Divulgação das ações					X	X	X	X	
Visitas técnicas					X	X	X	X	
Culminância e apresentação dos resultados								X	

RECURSOS NECESSÁRIOS

- Planejamento das ações por parte das comunidades escolares envolvidas;
- Materiais pedagógicos conforme necessidade de cada escola;
- CD-ROW do Projeto Pé na Água;
- Livro Pé na Água;
- Recursos multimídias.

7.0 AVALIAÇÃO

A avaliação desenvolvida ao longo do projeto terá por finalidade:

- Estimular o aluno a reflexões de situações vividas, a formular hipóteses, dirigindo a um conhecimento enriquecido;
- Contribuir no desenvolvimento das habilidades para a aquisição das competências;
- Respeitar as aptidões dos educandos e suas concepções prévias;
- Observar e acompanhar de perto o processo de desenvolvimento dos alunos;
- Proporcionar ao educando saberes significativos e favoráveis ao seu desempenho emocional, social e intelectual;
- Diversificar os instrumentos avaliativos para abranger as necessidades encontradas em cada turma.

“A avaliação significa ação provocativa do professor, desafiando o educando e refletir sobre as situações vividas, a formular e reformular hipóteses, encaminhando-se a um saber enriquecido” (HOFFMANN, 1994, p. 58).

Ao longo do desenvolvimento do projeto os alunos serão avaliados de acordo com as atividades teóricas e práticas intra e extra-escolar desenvolvidas no âmbito pedagógico, priorizando as ações pedagógicas interdisciplinares e transversais, estimulando-os ao compromisso e responsabilidade.

8. Equipe Técnica do Projeto:

Escola Municipal Prefeito Clóvis Marcelino de Oliveira
 Diretora: Patrícia Lima Ortelhado
 Coordenadora Pedagógica:
 Vera Lucia Siqueira do Prado
 Equipe dos professores devidamente lotados no ano de 2010
 Escola Municipal Barra do Ita
 Diretora: Eunilce Lino de Andrade
 Equipe dos professores devidamente lotados no ano de 2010
 Supervisora das Escolas Paraguais:
 Maria Laudelina Cáceres Jara
 Radialista e vereador paraguaio:
 Roberto Esquivel

Referências

SELEME, E.P.; ARNDT, E.; SOUZA, P.R.; MEDEIROS, Y.; SANTOS, M. **Pé na Água: Uma abordagem transfronteiriça da Bacia do Apa**. Campo Grande: Editora UFMS, 2008. CD-ROM.

Revista Amigos da Natureza, fev/2006. n.º52, ano 4.

REVISTA AGUAPÉ. Ano VI, nº. 11. 2008.

MOREIRA, Marco Antônio (1999). **Aprendizagem significativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Escola Municipal Prefeito Clóvis Marcelino de Oliveira. **Projeto Politico Pedagógico**, 2007.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PLANEJAMENTO CURRICULAR

PLANEJAMENTO DAS AÇÕES DE ACORDO COM A REALIDADE SOCIAL, ECONÔMICA E CULTURA DA ESCOLA				
Conteúdos a serem ensinados	Experiências a serem vividas pelos alunos	Plano pedagógico	Objetivos	Avaliação
PREVISÃO DA REALIZAÇÃO DO PROJETO EM SALA:				
ATIVIDADES			DIA	

Anexo 4 - Carta de Agradecimento ao GEASF



ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
PREFEITURA MUNICIPAL DE BELA VISTA
SECRETARIA DE TURISMO E MEIO AMBIENTE

Ofício. nº 72 /SECTUR/MA/2013

Bela Vista, 10 de julho de 2013.

Ilma. Sra.
Patricia Lima Ortelho
Represente do GEASF

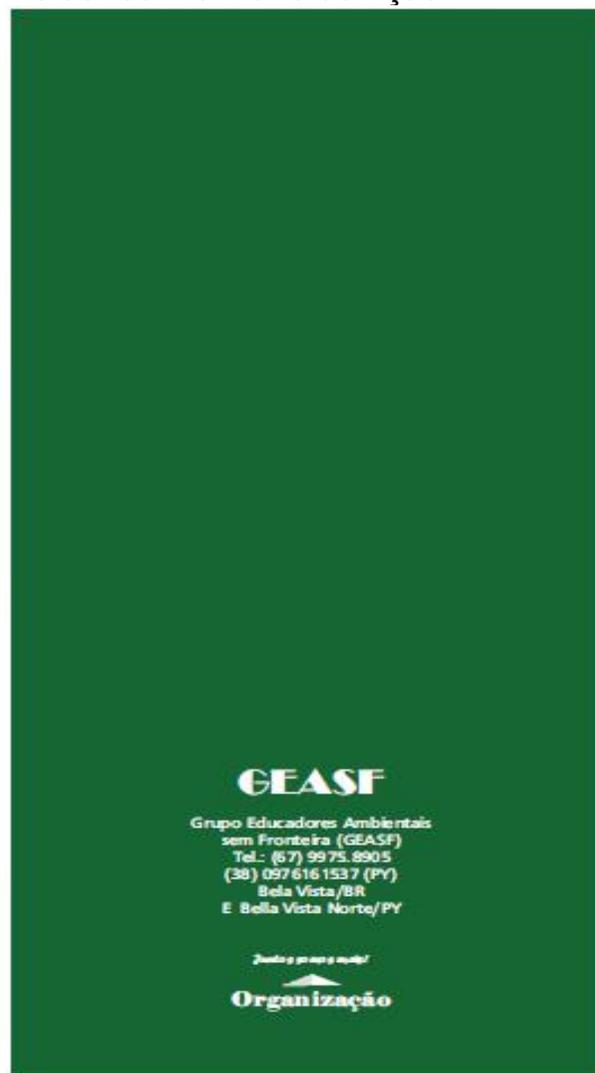
Vimos por meio deste agradecer a V.Sª a parceria para realização da 3ª Conferencia do Meio Ambiente, pois sem ela com certeza esse momento poderia não acontecer. Ressalto que o trabalho em equipe somente tem acrescer nossa desenvolvimento pessoal, espero que tenhamos oportunidade de estarmos juntas em novos desafios vindouros.

Reiteramos nossos agradecimentos e colocamo-nos a disposição

Atenciosamente

GISELLY NOGUEIRA MOLINA
Secretaria Municipal de Turismo e Meio Ambiente
Presidente da Comissão Organizadora da Conferencia de Meio Ambiente

Anexo 5 - Produto final da Pesquisa – Folder com o Plano de Ação



Bacia Hidrográfica do Rio Apa



Municípios brasileiros e paraguaios que se localizam na bacia do Rio Apa. (Fonte: Broch, 2008).

O Grupo de Educadores Ambientais Sem Fronteiras nasceu em 2010 na sede da Escola Municipal Clóvis Marcelino de Oliveira em Bela Vista/MS, cidade gêmea com Bela Vista Norte/PR. O grupo conta com diferentes agentes educacionais, radialistas e comunicadores, assistentes sociais, psicólogos, empresários, vereadores, líderes comunitários, catadores de recicláveis, orientadores sociais, professores universitários, e a juventude de ambos os países. Juntos procuram disseminar conhecimentos técnicos científicos sobre recursos hídricos, sensibilizando a comunidade sobre a importância da Bacia transfronteiriça do Apa para o povo brasileiro e paraguaio. Venha você também ser um educador ambiental. Podemos juntos mudar o destino do nosso maior patrimônio: o nosso rio Apa!



Foto: Deisy Aguiar. Grupo Moraes, 2017.



Foto: Roberto Esquivel

RIO APA: EU AMO, EU CUIDO!

Missão do GEASF:

Ser referência em Educação Ambiental crítica e emancipatória no território transfronteiriço do rio Apa, desenvolvendo ações que permitam aos habitantes do território transfronteiriço do rio Apa repensar suas relações com o meio ambiente.

Objetivo do Plano de Ação 2013 - 2014:

Instituir planos anuais para a identificação das atividades que o grupo se propõe a executar, facilitando o diálogo no coletivo e a divisão de tarefas.

Estratégias/ação:

FERRAMENTAS DE DIVULGAÇÃO DO GRUPO

ATIVIDADES	RECURSOS NECESSÁRIOS	RESPONSÁVEIS	QUANDO
<ul style="list-style-type: none"> Administrar o Grupo na rede social; Inserir e publicar novos membros; Divulgar as ações; Inserir novos álbuns de fotos. 	<ul style="list-style-type: none"> Internet; Computador; Máquina Digital. 	Patrícia Lima Otaviano, Débora Caroline Silveira, Larissa Cláudia da Silva, Cláudia Assis Aguiar, André Aguiar.	Ano todo/ sempre que o GEASF realizar atividades.
<ul style="list-style-type: none"> Manter o Site das ações do Grupo; Atualizar notícias e notícias; Atualizar as fotos disponíveis. 	Internet.	Patrícia Lima Otaviano, Débora Caroline Silveira, Larissa Cláudia da Silva, Cláudia Assis Aguiar, André Aguiar.	Ano todo/ sempre que o GEASF realizar atividades.
<ul style="list-style-type: none"> Divulgar (concedido e autorizado ou por outros meios) as ações em mídias locais. 	Parceria com as mídias locais.	Cláudia Assis Aguiar, Débora Caroline Silveira, Larissa Cláudia da Silva, Cláudia Assis Aguiar, André Aguiar.	Divulgação dos Eventos.

Estratégias/ação:

REGISTRO HISTÓRICO CULTURAL DO GRUPO

ATIVIDADES	RECURSOS NECESSÁRIOS	RESPONSÁVEIS	QUANDO
<ul style="list-style-type: none"> Registro das reuniões presenciais; Lista de presença. 	Ata.	Silene Leticiana, Patrícia Lima Otaviano, Larissa Cláudia da Silva, Cláudia Assis Aguiar, André Aguiar.	De acordo com as reuniões realizadas.
<ul style="list-style-type: none"> Formação do Arquivo Histórico do GEASF. 	Ata, Arquivo de Arquivo.	Cláudia Assis Aguiar, Patrícia Lima Otaviano, Larissa Cláudia da Silva, Cláudia Assis Aguiar, André Aguiar.	De acordo com o ano 2013.

GRUPO EDUCADORES AMBIENTAIS SEM FRONTEIRA Plano de ação 2013 - 2014 Estratégias/ação: ATIVIDADES PEDAGÓGICAS PARA O TRABALHO COM EDUCAÇÃO AMBIENTAL E MOBILIZAÇÃO DE NOVOS PROTAGONISTAS

ATIVIDADES	RECURSOS NECESSÁRIOS	RESPONSÁVEIS	PRAZOS
<ul style="list-style-type: none"> Elaborar o Projeto Pedagógico para o evento; Elaborar cronograma com as atividades/ distribuição das funções; Contatar os líderes profissionais para mobilização e parcerias; Contatar parceiros para oferecer o almoço aos participantes. 	Logística total para o evento. 04 coordenadores de eventos para efetuar os processos.	Todos os membros do grupo. Coordenadora: Cláudia Assis Aguiar. Parceiros: Larissa Cláudia da Silva, Cláudia Assis Aguiar, André Aguiar, Patrícia Lima Otaviano.	Setembro 2013.
<ul style="list-style-type: none"> Elaboração de temas para Fronteira - Um encontro transfronteiriço. Realização de debates e rodas de conversa. 	Logística total para o evento. Coordenação para os debates com um foco nacionalidade.	Todos os membros do grupo. Coordenadora: Patrícia Lima Otaviano. Parceiros: Larissa Cláudia da Silva, Cláudia Assis Aguiar, André Aguiar, Patrícia Lima Otaviano.	Setembro 2013.
<ul style="list-style-type: none"> Condições do Meio Ambiente - Grupo Municipal. Estabelecer contato com a Secretaria de Meio Ambiente local para ser possível a realização de ações. 	Grupo e ir para o país real da região. Condições em Bela Vista.	Todos os membros do grupo.	Julho 2013.
<ul style="list-style-type: none"> Concurso de Cartas e Quizes com o tema Rio Apa; Selecionar um ciclo de palestras com o tema conferência à Bacia Hidrográfica do Apa para ser realizado em espaço formal e não formal; Realizar o concurso, adequando ao novo contexto local; Realizar parcerias para oferecer as parcerias. 	Formação para o trabalho.	Isone Delnoro, André Aguiar, Patrícia Lima Otaviano, Larissa Cláudia da Silva, Cláudia Assis Aguiar, André Aguiar.	Abri 2014.
<ul style="list-style-type: none"> Proporcionar Projetos de EA, fortalecendo: dinâmicas nas escolas, boletins e parcerias com temas geradores locais; Sensibilizar (diálogo com a comunidade escolar) para o desenvolvimento de práticas de EA no ambiente escolar - Espaço Educador Sustentável. 	Desenvolvimento da comunidade escolar. Apoio dos membros do Grupo quando possível.	Cláudia Assis Aguiar, Patrícia Lima Otaviano, Larissa Cláudia da Silva, Cláudia Assis Aguiar, André Aguiar.	Um Projeto por ano.
<ul style="list-style-type: none"> Realizar o Programa: Cinco Minutos com a EA - programa radiofônico na FM 92,5; Aplicar uma Oficina de Educação Ambiental - Realizar o desenvolvimento, com cronograma previsto a distância local, os temas e responsável pelo programa; Tudo aberto, 24/7h. 	Espaço em um Programa. Rádiofônico.	Cláudia Assis Aguiar, Patrícia Lima Otaviano, Larissa Cláudia da Silva, Cláudia Assis Aguiar, André Aguiar.	Março 2013.
<ul style="list-style-type: none"> Iniciar a coleta seletiva em Bela Vista/BR e Bela Vista/PR, dando ênfase para o tema: Resíduos Sólidos; Estabelecer contato com os catadores locais; Criar estratégias de ação pedagógica para estimular novas práticas com moradores locais; Estabelecer parcerias com escolas (no BR e no PR), com os Centros de Referência de Assistência Social no Brasil e no Paraguai com o Departamento Municipal de Meio Ambiente. 	Projeto desenvolvido para a base a das parcerias com os Centros de Referência em Assistência Social, Escolas e Grupos comunitários do Meio Ambiente.	Todos os membros do Grupo. Coordenadora: Patrícia Lima Otaviano. Parceiros: Larissa Cláudia da Silva, Cláudia Assis Aguiar, André Aguiar, Patrícia Lima Otaviano, Larissa Cláudia da Silva, Cláudia Assis Aguiar, André Aguiar.	Fevereiro 2014.
<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver o Projeto Banda Escolástica Sem Fronteiras com os Jovens. 	Escolas e pontos para reunião em dos materiais para a confecção dos instrumentos da Banda.	Responsáveis: Patrícia Lima Otaviano, Larissa Cláudia da Silva, Cláudia Assis Aguiar, André Aguiar.	Fevereiro 2014.